

# CDU em força por todo o País!

## Carlos Carvalhas no Porto

A CDU é a única  
força capaz  
de cumprir  
promessas

Págs. 3 e 4



## e no Tejo

Iniciativa  
das mulheres  
CDU  
do distrito  
de Lisboa

Centrais



## Álvaro Cunhal nos distritos de Guarda e Coimbra

O Presidente do Conselho  
Nacional do PCP  
contactou com as populações  
e participou na apresentação  
de candidatos

Centrais



# Comício «Com Lisboa»

Hoje  
às 21 horas  
no Pavilhão  
Carlos Lopes

## Jornadas parlamentares do PCP em Almada

Pág. 12

## Autárquicas 93: os alvos errados do PS

■ artigo de  
*José Casanova*

Pág. 18



## Ensino: um novo ano com problemas agravados

Págs. 19, 20 e 21

## Uma viagem à China

■ *Carlos Brito*

Págs. 22 e 23



Carlos Carvalhas com as candidatas da CDU às eleições autárquicas

## RESUMO

22

Quarta-feira

A mascote da Expo'98 é "baptizada" com o nome de Gil, numa referência ao navegador Gil Eanes, por proposta dos alunos da Escola Básica e Integrada de Barrancos ■ António Costa, candidato do PS à CM Loures, afirma que os socialistas querem liderar a Área Metropolitana de Lisboa ■ O ministro da Educação, Couto dos Santos, afirma que "todos vão pagar propinas" ■ A União de Sindicatos do Porto acusa o Governo de estar a destruir o aparelho produtivo ■ A Unita garante que há cessar-fogo em Angola, enquanto o governo afirma que se combate "como nunca" ■ Prosseguem os confrontos na Nicarágua, com Manáguia praticamente paralisada por uma greve de transportes ■ Golpe de Boris Ieltsin, na Rússia, afecta as bolsas europeias e o preço do petróleo.

23

Quinta-feira

O presidente do CDS/PP, Manuel Monteiro, propõe a criação de uma comissão, da responsabilidade conjunta do PR e do Governo, para recuperar o papel de Portugal na resolução do conflito angolano; entretanto, Cavaco Silva, num encontro com Hassan II, apoiante da Unita, afirma-se a favor do diálogo em Angola, no âmbito do respeito pelos acordos de paz ■ O ministro dos Transportes, Ferreira do Amaral, recusa receber os representantes dos trabalhadores da TAP ■ A Câmara de Barcelos e as autoridades de saúde do concelho decidem prolongar até segunda-feira as restrições ao consumo de água da rede pública, imprópria para consumo sem fervura prévia ■ O Comité Olímpico Internacional escolhe Sidney, Austrália, para organizar os Jogos Olímpicos do ano 2000 ■ O bispo de Dili, Ximenes Belo, defende referendo e liberdade para Timor em entrevista a um jornalista sueco ■ Boris Ieltsin promete eleições presidenciais na Rússia para Junho de 94 ■ Parlamento israelita aprova acordo com a OLP ■ Parlamento sul-africano aprova órgão de transição em que participa a maioria negra, com poder efectivo, pela primeira vez em 300 anos de domínio branco.

24

Sexta-feira

Um debate promovido pelo PSD conclui que os jornalistas e os juizes são novos poderes que ninguém controla e provocam a "paralisia do poder político" ■ Começam a ser afixados os primeiros resultados dos recursos das provas específicas, que não apresentam grandes alterações ■ Uma nota do PCP critica "operação de glorificação governamental" em torno do PoSat1, considerando ridícula a propaganda de proclamar Portugal a caminho de "potência espacial" ■ Nelson Mandela apela ao fim das sanções comerciais e financeiras à África do Sul ■ Na Rússia, reforça-se o cerco militar em torno do Parlamento ■ O Parlamento da Ucrânia convoca eleições legislativas e presidenciais antecipadas ■ Prosseguem os combates na Geórgia ■ Governo de Luanda não comparece à reunião marcada pela Unita em São Tomé, considerando-a uma manobra de diversão para impedir as sanções da ONU.

25

Sábado

Reúne o Conselho Nacional do PSD, com Dias Loureiro a prometer acabar com a "herança socialista", Passos Coelho, da JSD, a clamar que houve "traição" e João Jardim a primar pela ausência; Jardim optou por acompanhar Malato Correia, candidato do PSD à Câmara de Loures, num minicómicio na Pontinha ■ Ministro da Educação reúne com todas as associações académicas, mas as partes continuam a não se entender ■ Carlos Carvalhas participa num passeio pelo Tejo organizado pelas candidatas da CDU às eleições autárquicas de Dezembro ■ Dias Loureiro, ministro da Administração Interna, decide expulsar da polícia o dirigente da ASPP, José Carreira ■ Forças somalis abatem um helicóptero, provocando a morte de três soldados americanos e ferimentos noutros dois ■ Líder do SPD alemão defende a dupla nacionalidade para os estrangeiros.

26

Domingo

É lançado o PoSat1, na Guiana francesa ■ Fernando Nogueira, ministro da Defesa, afirma em Ermesinde que o voto nas autárquicas é como "uma escolha entre o bem e o mal" ■ Cavaco Silva, em visita ao Alentejo, anuncia que o orçamento de Estado para 1994 vai incluir um aumento de 15 por cento nos investimentos ■ Ieltsin rejeita proposta das regiões para eleições simultâneas na Rússia ■ Entra em vigor o embargo decretado pela ONU à Unita ■ Alain Prost conquista o quarto título mundial da sua carreira na Fórmula 1 e o português Pedro Lamy despista-se a nove voltas do fim.

27

Segunda-feira

A Associação Sócio-Profissional da PSP (ASPP) promove três dias de luta contra os processos disciplinares instaurados a dirigentes da mesma ■ Carvalho da Silva, coordenador da CGTP-IN, critica o ministro Silva Peneda, considerando-o "indigno" de exercer funções governativas ■ A União de Sindicatos de Braga apresenta um "livro negro" da situação social e laboral no distrito ■ A OPEP decide aumentar produção de petróleo ■ Os EUA recusam renegociar com a CEE o acordo de Blair House sobre o comércio agrícola ■ Comunidade Europeia decide avançar com a liberalização da aviação civil ■ Os separatistas abkhazes tomam a capital da Geórgia.

28

Terça-feira

Iniciam-se, em Almada, as jornadas parlamentares do PCP ■ Mário Almeida, presidente da Associação Nacional de Municípios, anuncia uma jornada nacional de informação como resposta à decisão do Governo de não aumentar as verbas do FEF ■ Bill Clinton afirma desejar uma estratégia política que preveja uma data para a retirada da Somália das forças dos EUA e dos restantes países envolvidos ■ Chevardnadze promete aos seus compatriotas da Geórgia reconquistar a capital da Abkházia, que ontem caiu em poder dos separatistas.

**O**s buracos tornaram-se um atributo inseparável da governação do PSD.

Sigificativamente, os buracos abundam e são de maiores dimensões naquelas áreas de que mais depende o bem-estar dos portugueses. São os buracos da segurança social, da saúde, do ensino, da habitação, dos transportes, da justiça. Aonde vamos parar?!

O ministro das Finanças, Braga de Macedo, veio finalmente reconhecer a existência de um buraco de 320 milhões de contos no Orçamento do Estado.

Habitados como estamos às mentiras do Governo, a pergunta que salta aos lábios é: "Quanto será realmente?"

Há todas as razões para recear que entre os números anunciados pelo ministro e a verdadeira dimensão do buraco medeia uma distância semelhante à que vai da música do "oásis" que serviu de fundo à aprovação do Orçamento, em Dezembro do ano passado, à recessão económica que já então estava em curso. Como diz o provérbio: "quem faz um cesto, faz um cento".

**O que compromete gravemente os interesses da economia portuguesa não são apenas as orientações antinacionais seguidas pelo Governo de Cavaco Silva, elas são agravadas pela permanente falsificação dos dados e perspectivas a que se dedica a propaganda governamental.**

Numa recente entrevista ao matutino "Público", a preocupação que dominou Braga de Macedo, a exemplo aliás de Cavaco Silva na sua carta-publicitária, foi afirmar, a pés juntos, que a política governamental é correcta "e de rigor", apesar de ter de reconhecer que as previsões falharam, as receitas foram sobreavaliadas, a execução do Orçamento foi deficiente, os contribuintes habilidosos ludibriaram o fisco e, finalmente, custou a dizer, mas lá reconheceu, "houve um abrandamento da actividade económica".

Apesar desta lista de desaires, o Ministro não revela uma ponta de espírito autocrítico, pelo contrário, falando já do ano de 1994, não hesita em estipular que se não houver crescimento a culpa é dos trabalhadores e dos bancos.

E isto porque o Macedo tem o segredo da retoma em Portugal (não sabemos se é dele se de Cavaco Silva que também a apregoa) apesar do FMI ter já corrigido as suas previsões e considerar que não há perspectivas de retoma da economia mundial para 1994. O segredo do ministro resume-se a esta frase: "A diminuição nominal concertada dos aumentos salariais e das taxas de juro."

# Os buracos

**A** interpelação que importa fazer ao cavaquismo é se tem qualquer ideia em relação à política económica que não passe pela contenção ou diminuição salarial. Parece que toda a sua ciência económica se resume a isso.

Com pertinência e com graça titulava o "Diário de Notícias" uma peça sobre a concertação social, nestes termos: "os salários que paguem a crise".

Manuel Carvalho da Silva também protestou por sua vez, à partida de Braga da Estafeta da CGTP, contra os "apelos ao sacrifício" dos trabalhadores e interrogou: se o Primeiro-Ministro e os grandes empresários podem abdicar de centenas de contos por mês, o que é que têm para dar os que ganham o salário mínimo ou os reformados?"

Às famílias trabalhadoras que já suportam o desemprego, a precarização, os salários em atraso, o trabalho infantil, a degradação dos serviços e das condições sociais, quer-

**O que compromete gravemente os interesses da economia portuguesa não são apenas as orientações antinacionais seguidas pelo Governo de Cavaco Silva, elas são agravadas pela permanente falsificação dos dados e perspectivas a que se dedica a propaganda governamental.**

-se ainda arrancar a possibilidade de alguns dos seus membros obterem actualizações salariais.

Neste momento, está perfeitamente claro que o objectivo do Governo e do patronato, na chamada concertação social, é impor um tecto salarial abaixo da taxa de inflação recorrendo a ameaças, incluindo de agravamento da carga fiscal, e a vagas e inconsistentes promessas em relação ao emprego.

**Contrariar e derrotar esta perigosa pretensão governamental e patronal tornou-se, pelas consequências presentes e significado futuro, a tarefa prioritária do movimento dos trabalhadores e de quantos se reclamam da defesa dos seus interesses.**

Reveste, por isso, um importante alcance político, a posição do Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, assumida no comício do Porto, na passada sexta-feira, ao afirmar: "Pela nossa parte, queremos deixar bem claro que nunca aceitaremos a pretensão do Governo de passar os custos da crise e os custos da sua superação para cima dos que traba-

ham, para cima das novas gerações ou para as que se encontram no Outono da vida".

É minimamente exigível ao PS, com indeclináveis responsabilidades nas políticas que originaram e agravaram a presente crise, que assuma claras posições em relação a estas graves questões laborais em vez de, como acontece com o seu Secretário-Geral, se comprazer num duelo verbal com o Primeiro-Ministro acerca do que cada um tem no coração.

**O**s buracos são um testemunho ineludível do fracasso da política do Governo, mas este procura utilizá-los também como um pretexto para transferir a factura não só para os trabalhadores, mas para as autarquias também.

O anunciado propósito do Governo de congelar a dotação do Fundo de Equilíbrio Financeiro das Autarquias Locais no Orçamento de 1994, o que significa a sua redução real numa percentagem igual à da inflação, deve ser considerado como uma péssima notícia não só para os autarcas, mas sobretudo para as populações que acabam por ser as grandes sacrificadas em obras que não se farão e em serviços que serão prestados com mais dificuldades.

Com esta decisão de congelar o FEF, o Governo revela pouca confiança nas eleições autárquicas, uma pertinaz antipatia pelo Poder Local e a descentralização e o contumaz desrespeito pela Lei das Finanças Locais.

A insistência no incumprimento da legalidade é especialmente preocupante num Governo que não se conforma com a Constituição, que quer rever as leis eleitorais em seu benefício, que usa os serviços de informações como uma arma secreta em relação à oposição política e social, que não suporta a fiscalização das instâncias legítimas da República, nem a contestação da comunicação social.

**O recente debate sobre o "controlo do poder político" organizado pelo PSD, que degenerou num julgamento sumário de juizes e jornalistas, a quem nem sequer foi concedida a graça de se poderem defender, é muito ilustrativo das perigosas tendências autoritárias, reacçãoárias e repressivas que se desenvolvem no partido do Governo.**

A presença de Cavaco Silva, que, como se sabe, não morre de amores por debates, confere ao evento uma significação ainda mais grave. O Governo pensa em formas expeditas de tapar buracos.

Muito desprevenidos andam aqueles democratas que julgam que estas tendências não constituem sérios perigos para a democracia.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90, 7ªA, 1100 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial Avante! — Av. Almirante Reis, 90, 7ªA, 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 Fax: 815 34 95

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Telef. (01) 815 34 87/8153511

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição.

Sede: Rua do Norte, 115, 1º, 1200 Lisboa. Telef. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04. Delegação Centro: Praca Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra

Telef. (039) 71 35 77 Delegação Norte: R. Monte dos Pisos, 326, Guilfões, 4450 Matosinhos Telef. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90-7ªA 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7ªA 1100 Lisboa — Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composto e impresso na Heeka Portuguesa, SA R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

### TABELA DE ASSINATURAS\*

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.790\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 6.786\$00

ESPAÑA — 50 números: 8.326\$00

MACAU — 50 números: 13.042\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 14.058\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARROCOS, TUNÍSIA) — 50 números: 14.960\$00

EXTRA-EUROPA — 50 números: 18.760\$00

\* IVA e portes incluídos

Nome \_\_\_\_\_  
Morada \_\_\_\_\_ Telef. \_\_\_\_\_  
Código Postal \_\_\_\_\_  
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

## Apresentação de candidatos no Porto

# A CDU é a única força capaz de cumprir promessas

O Cinema do Terço estava cheio e trasvasava com a alegria da juventude apoiante da CDU, com as suas bandeirolas, uma reprodução em grande do simpático «bem-me-quer» e, em certa altura, aquele «quem não salta é laranjinha» que a festa do «Avante!» deste ano celebrou. Após uns momentos de animação proporcionada por um duo musical, os participantes na mesa do comício foram chamados: primeiros candidatos às Câmaras e Assembleias Municipais do Distrito do Porto, representantes da Juventude CDU, da ID - Intervenção Democrática, do Partido Ecologista «Os Verdes», uma delegação da DORP do PCP e, por último, o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, muito aplaudido à entrada do palco.

Na primeira intervenção, Raul Castro, da ID, referiu-se às promessas não cumpridas quer por parte do Governo quer por parte do Partido Socialista como força dominante da administração da cidade do Porto. Críticas aos actos de fachada e inaugurações de tudo e de nada, com intenções meramente eleitorais, por parte do Governista no «em campanha eleitoral pelo PSD» e «às fotografias a cores» que a administração PS espalha pela cidade, tentando esconder a realidade diferente, que a sua política camarária não soube alterar: a degradação das condições de habitação da população do Porto, a falta de saneamento básico, caos urbanístico e nos transportes, etc.

pautou pela «transparência, honestidade e sinceridade» e, tanto quanto previa e temido oportunidade de confirmar, tudo isso encontrou no seio da Coligação CDU. É uma independente, industrial de confecções na região, conhece bem os problemas do concelho de Baião: saneamento básico e água canalizada quase nulos, falta de estradas, falta de infantários e postos médicos, falta de apoios aos agricultores e aos industriais. E sabe também «que nada tem sido feito ao longo de todos estes anos». Por isso se candidatou com a CDU porque sabe «que é na CDU que todos os independentes com projectos de progresso, honestidade e competência encontram a possibilidade de realização».

### Só na CDU é possível participar

João Ferreira, da Direcção Nacional do Partido Ecologista «Os Verdes», que falou depois, reafirmou essa realidade: que só na CDU é possível participar numa gestão autárquica verdadeiramente empenhada em concretizar avanços na melhoria das condições de vida das populações. Porque é a CDU que se preocupa com o dia-a-dia das pessoas, porque nele participa, ouve e atende as suas organizações. É por isso, e porque está contra um desenvolvimento centralista e desumanizado, que o Partido Ecologista «Os Verdes» integra a Coligação.

eleições em 17 municípios e em mais de trezentas freguesias. Mas, como candidata à Câmara da capital do Distrito, o principal da sua intervenção foi, naturalmente, sobre a cidade do Porto. «Nas visitas que temos realizado às zonas degradadas da cidade do Porto, aos bairros e ilhas, são cada vez mais chocantes e frequentes os casos de fome e miséria a

exigir uma intervenção urgente dos órgãos de poder local e central. Às enormes carências em habitação social e saneamento básico junta-se uma dramática situação do desemprego, sobretudo dos mais novos e das mulheres, e reformas de miséria dos mais idosos». Daí, como referiu, crescerem em vastas zonas da cidade as situações de exclusão

social, as condições propícias ao aumento da marginalidade e à insegurança das populações.

«Para lá da aparência do asfalto e do betão», como frisou Ilda Figueiredo, para denunciar de seguida as «tiradas demagógicas, as promessas, a publicidade de investimentos que, na melhor das hipóteses, só estarão plenamente concreti-

zados lá para o ano 2000». A candidata à Câmara Municipal do Porto manifestou a sua preocupação de, no meio da multiplicação das promessas de investimentos e concursos, persistirem carências e insatisfações das populações, que não vêm respostas credíveis para os seus problemas. «Os autarcas não podem continuar a menosprezar investi-

## Carlos Carvalhas no comício CDU no Porto

# Um combate decidido à política de direita

Intervindo no encerramento do comício CDU do Porto, o Secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, proferiu um discurso de que publicamos aqui os extractos mais importantes.

Camaradas e amigos,

Saudando a vossa presença e a vossa participação neste comício, queria também saudar os trabalhadores e o povo do Porto e saudar os nossos companheiros da CDU, o partido Ecologista «Os Verdes», a Intervenção Democrática e os muitos independentes que conosco intervêm nesta importante batalha que são as eleições autárquicas.

Batalha que se vai desenrolar numa situação em que se acentua a crise económica e social.

Há um ano, aquando da apresentação do Orçamento de Estado, dissemos ao Sr. Primeiro-Ministro e ao seu ministro das Finanças que se mantivesse a mesma política chegaríamos a 1994 com um crescimento do Produto negativo, com uma significativa quebra no investimento e nas exportações com tudo o que isto significaria de atraso e de regressão social. Nessa altura, Cavaco Silva ainda repetia que estávamos a chegar «ao cimo da montanha» e o seu ministro das Finanças propagandeava divertidamente «a teoria do oásis».

Agora é o Banco de Portugal que nos dá infelizmente razão ao confirmar oficialmente a crise e ao perspectivar a diminuição do Produto, a quebra no investimento e a quebra nas exportações. O fracasso completo, a que se junta a minudência de um buraco orçamental de 320 milhões de contos quando já em Maio os trabalhadores da Função Pública alertavam que a D.G. das Alfândegas cobrava em média por mês em 1992 cerca de 60 milhões de IVA e que durante este ano só esteve a cobrar cerca de 10 milhões sem que o restante entrasse na D.G. das Contribuições e Impostos!

E, perante isto, que é que faz o 1º Ministro? Em vez da apresentação de medidas concretas para inflectir a situação, recorre ao marketing político e à ideologia publicitária que nos procura ensinar a não julgar «produtos» senão pelo espectáculo dos produtos e que ensina a criança a não

julgar o mundo a não ser pelo espectáculo do mundo. Assim, escreve aos portugueses utilizando desta vez não uma linguagem de montanhismo mas a de navegador, talvez a acusar o trauma do enalhe que teve durante as férias.

Faz promessas e insiste em que está no rumo certo. Quando não se quer falar do presente promete-se o futuro.

Mas nenhuma cosmética de última hora o livra das suas reais e pesadas responsabilidades.

Cavaco Silva fala de rumo certo mas o rumo certo é para os que enriquecem dormindo, para os que vivem das actividades especulativas e parasitárias, e que ainda recebem cerca

de 120 milhões de contos de benefícios fiscais. Rumo certo para o grande capital e para as multinacionais que se vão apoderando do mercado nacional e das alavancas fundamentais da economia portuguesa.

Não, Sr. Primeiro-Ministro, este não é o rumo certo, este é o rumo do desemprego e dos salários em atraso, o rumo dum cada vez maior número de trabalhadores com contratos rescindidos ou atirados para as pré-reformas, o rumo do *lay off*, da precarização do emprego, do aumento do trabalho infantil e da expansão das manchas de pobreza.

Este é o rumo da desindustrialização e da liquidação dos pequenos e médios empresários, da degradação social, do aumento da marginalização e das suas graves projecções, o rumo do crescimento da toxicodependência, da insegurança, das manifestações racistas e xenófobas.

Este é o rumo certo da concentração da riqueza num pólo e no outro o da multiplicação do número de trabalhadores, de jovens e de famílias que se vêem excluídas de um nível de vida digno do acesso à habitação, à saúde, ao ensino, à cultura e aos tempos livres.

Não Sr. Primeiro Ministro este não é o rumo certo. Este é o rumo certo para a clientela do PSD, mas não é o rumo certo para milhares de portugueses e portuguesas que se vêm duramente atingidos, encontrando-se muitos, como os reformados, numa situação aflitiva.

Esta política é inaceitável.

- Por isso é cada vez mais necessário intensificar o combate à política de direita do Governo. E terá a nossa e a vossa oposição e o nosso e vosso combate firme e decidido.

- O Governo não pode continuar a desresponsabilizar-se das suas obrigações no domínio da saúde, do ensino da habitação social. E por isso terá a nossa oposição, o nosso protesto e a nossa denúncia.

- O Governo não pode continuar a penalizar a actividade produtiva, a liquidar empregos e a transformar o país num cemitério de fábricas e de explorações agrícolas. E por isso terá a nossa firme resposta a nível institucional e a nível do movimento de massas.

### Basta de promessas!

A situação económica e social agrava-se e não é com promessas e mais promessas de mau pagador que se dá resposta à crise, se promove o desenvolvimento e se criam empregos e empregos qualificados.

Por isso afirmamos,

Basta de promessas, Sr. 1º Ministro!

Os agricultores estão há 13 anos à espera das promessas sucessivas dos ministros do PSD.

- Este é o Governo que disse aos agricultores para investirem e que agora lhes diz para abandonarem as suas terras e passarem à situação de reformados?

- Este é o Governo que disse aos pescadores e armadores para modernizarem as suas frotas e que agora não só liquida a pesca artesanal como subsidia o abate de embarcações...

- Este é o Governo que desbarata milhões dos fundos comunitários e que agora entrega o mercado nacional à produção estrangeira.

Mas este Governo tem um Primeiro-Ministro que é responsável por esta política e esse 1º Ministro tem um nome, chama-se Aníbal Cavaco Silva que, não querendo responder pelo presente, promete agora que em 1994 é que sim é que haverá de novo crescimento!



«A CDU», disse Raul Castro, «é a única força capaz de cumprir promessas», porque tem como objectivo real servir os interesses das populações.

Falou de seguida Manuela Pereira, primeira candidata da CDU à Câmara de Baião, um concelho do interior do Distrito. Uma mulher que, como afirmou, sempre se

Na intervenção seguinte, Ilda Figueiredo, membro da DORP e do CC do PCP, cabeça de lista à Câmara Municipal do Porto, fez um breve enquadramento destas eleições autárquicas nas condições de grave crise social existente no Distrito do Porto e referiu, também brevemente, o trabalho já efectuado na preparação das

## Apresentação de candidatos no Porto



mentos em infra-estruturas de saneamento básico, designadamente na construção de redes de esgotos e no seu tratamento, só porque são obras feitas debaixo da terra, que não dão nas vistas do cidadão eleitor em tempo de caça ao voto». E lembrou que a rede municipal de esgotos serve apenas 33% da população do distrito do Porto e somente 47% na própria cidade do Porto, isto é, pouco mais de metade do que sucede nos distritos de Lisboa e Setúbal, onde os

municípios, na sua maioria, são geridos pela CDU.

Ilda Figueiredo referiu-se também à Área Metropolitana do Porto e à estratégia de desenvolvimento regional defendida pela CDU e que passa por uma nova concepção de desenvolvimento integrado, com prioridade na resolução das enormes carências em infra-estruturas e equipamentos do Distrito, com intervenção decisiva na área produtiva, impedindo a desindustrialização a que se assiste. Uma estraté-



Ilda Figueiredo, cabeça de lista da CDU à Câmara do Porto, discursando no comício

gia de desenvolvimento que exige diálogo com os autarcas de todos os municípios, «e não uma gestão feita de protagonismos pessoais, como tem acontecido, frustrando expectativas, impedindo um melhor aproveitamento dos fundos comunitários e dificultando e atrasando projectos há muito prometidos».

Antes de dar a palavra a Carlos Carvalhas, o apresentador do comício quis aceder a um pedido de momento de um jovem que manifestou

aos microfones o seu apoio à CDU e à candidata da CDU à Câmara do Porto e fez um apelo à participação da juventude na batalha eleitoral.

A intervenção de encerramento coube ao Secretário-Geral do PCP, camarada Carlos Carvalhas, muito saudado no início e várias vezes interrompido com aplausos.

No final, a juventude subiu para o palco e, mais uma vez, deu aquela nota de alegre confiança com que parte para a batalha eleitoral.

## Carlos Carvalhas no comício CDU no Porto

- Um 1º Ministro que em campanha eleitoral promete ir subir as reformas para o nível dos salários mínimos e que agora não só as diminui como aumenta a idade da reforma das mulheres de 62 para 65 anos.

- Um 1º Ministro que disse que ia resolver o problema da habitação quando se sabe que este se tem agravado e que há milhares e milhares de jovens e de famílias que não vêem qualquer perspectiva de concretizarem as suas aspirações.

- Um 1º Ministro que apresenta um pacote para se construir no futuro 25 000 fogos quando das carências referenciadas andam pelas 600 000 habitações.

- Um 1º Ministro que se diz defensor da concertação social mas que com a sua política coloca a distribuição do R.N. ao nível de 86 agravando a participação dos trabalhadores, diz também claramente de que lado está, diz claramente para que serve e o que se pretende com tal concertação: levar os trabalhadores a pagarem as contas da sua errada política, os custos da concentração da riqueza.

- Um 1º Ministro que diz que nos estamos a aproximar da média comunitária, quando as estatísticas da CEE agora publicadas revelam que a convergência real económica regrediu e está ao nível de 1982 e que o nível de consumo per capita em relação à média comunitária, não só se tem afastado como já está abaixo do ano de 1982, mostra claramente o que valem as suas afirmações.

Pela nossa parte, queremos deixar bem claro que nunca aceitaremos a pretensão do Governo de passar os custos da crise e os custos da sua superação para cima dos que trabalham, para cima das novas gerações ou para os que se encontram no Outono da vida.

A política do PSD, política de desemprego e de baixo custo de mão-de-obra opomos já a necessidade urgente de se levar à prática um programa de relançamento e defesa do emprego estável e a garantia de crescimento dos salários, com a defesa dos postos de trabalho existentes, com a anulação dos despedimentos em perspectiva em grandes empresas públicas e privadas, com a anulação da legislação sobre os disponíveis da Função Pública, com o combate aos salários em atraso.

Uma política que relance o investimento orientado para o desenvolvimento nacional e regional centrado na defesa da produção nacional e dos nossos recursos e em defesa e promoção da nossa agricultura e pescas, o que passa também pela imediata rotura com as orientações, os objectivos e os critérios de convergência nominal de Maastricht e pela exigência da sua substituição pela concretização dos princípios de coesão económica e a dimensão social do desenvolvimento.

### Os tempos são outros

Um Primeiro-Ministro que anda nervoso com as autárquicas, que não consegue esconder as suas concepções e práticas reaccionárias e autoritárias, e que tem no coração as concepções de uma Srª Thatcher, dum Sr. Major ou de um Sr. Balladur, não é de admirar que em Amarante numa postura à João Jardim tenha precisado de exorcizar Marx e Lênine.

Nem seria de admirar que, se pudesse, também gostasse de recorrer à fogueirinha!

Mas os tempos são outros. Por isso e pese embora a incomodidade com que o Sr. Primeiro-Ministro se dá com a democracia e com o controlo democrático, com as tais forças de bloqueio, é bom que saiba que os portugueses e as portuguesas a quem dirigiu a sua missiva de fim-de-semana, não só não perderam a sua capacidade de indignação, de luta e de protesto como não perderam as esperanças, os projectos e as perspectivas que as "portas que Abril abriu".

É bom que saiba que pode contar com a resistência e a luta da classe operária e dos trabalhadores à sua ofensiva anti-social.

É bom que saiba que a juventude estudantil não aceitará a contínua degradação do ensino, e da escola

pública, que não aceitará que o PSD faça do ensino um supermercado em que os

melhores produtores e os produtos high tech só sejam acessíveis aos cidadãos com as contas bancárias bem fornecidas.

É bom que saiba que os agricultores e os pescadores não aceitarão sem luta a ruína das suas actividades e das suas famílias.

É bom que o Sr. Primeiro-Ministro saiba que pode contar com as tradições de intervenção do povo do Porto, com a sua tenacidade e com a sua capacidade de resistência, de protesto e de luta.

E a classe operária, os trabalhadores, os agricultores e pescadores, e classes laboriosas, a juventude, as mulheres,

municipais enquanto consideram as medidas propostas pelo Governo de policiamento de toda a sociedade globalmente positivas...

Não. A nossa oposição não se situa apenas na diferença de um grau acima ou de um grau abaixo nas taxas de juro, na cotação do escudo ou noutra qualquer variável económica.

Por isso dizemos aos trabalhadores e ao povo do Porto que se querem também nas eleições autárquicas mostrar o seu descontentamento face à política do PSD, o seu voto seguro e certo é na CDU.

Os candidatos da CDU são homens, mulheres e jovens com provas dadas, que darão voz aos que não têm voz, que falarão alto e bom som das causas justas dos cidadãos.

**Os candidatos da CDU, são homens, mulheres e jovens, bem enraizados no meio, conhecedores dos problemas locais, servidores das populações e que defendendo a modernidade não fecham os olhos às manchas de pobreza e aos bairros degradados, nem pactuam com os ataques ambientais ou com a desfiguração do que tem alma, sonho e beleza.**

### A batalha autárquica

Consideramos a batalha autárquica de grande importância e, nomeadamente, por três ordens de razões.

1 - Porque no Poder Local se pode resolver muitos problemas das populações, podendo-se contribuir no quadro das atribuições autárquicas para o bem-estar e a melhoria do nível de vida dos cidadãos.

2 - Porque estas eleições decorrem numa grave situação da vida nacional, em que, fruto da persistência da política de direita, os problemas sociais se tendem a agravar, sendo também por isso da máxima importância a eleição de candidatos firmes que dêem garantias de estarem ao lado do povo, que sejam capazes de bater o pé ao Poder Central e que nas mais diversas situações procurem a participação das populações.

Por isso, consideramos que esta batalha é uma batalha de todo o Partido e de todas as componentes da CDU, o que exige o empenhamento dedicado de todos os militantes do Partido e da Coligação Democrática Unitária.

3 - Em terceiro lugar, consideramos estas eleições de grande importância porque o Poder Local democrático é uma grande escola cívica e de participação dos cidadãos, uma grande conquista de Abril, que o Governo tem procurado amputar, diminuir e controlar...

Camaradas,

Vamos para esta batalha com uma grande confiança. Não com uma confiança cega, mas com uma confiança alicerçada no património das nossas realizações, no prestígio que justamente conquistamos junto das populações pelo nosso trabalho, pelo cumprimento dos programas, pela prestação de contas, pelo trabalho colectivo e pela participação dos cidadãos. Está ao nosso alcance confirmar e reforçar as nossas posições no Poder Local para bem das populações para bem da região do Porto para bem de Portugal. É uma batalha que vai exigir de todos nós uma grande determinação, trabalho e audácia para conquistarmos cada vez mais portugueses e portuguesas para o voto neste grande espaço de intervenção, liberdade e democracia que é de facto a Coligação Democrática Unitária.

Será um voto que não cairá em cesto roto, será um voto que dará força àqueles que sempre estiveram e estão e continuarão a estar ao lado dos trabalhadores e do povo.



## CDU é necessária em Cabeceiras de Basto

«A recente decisão governamental de entregar às Câmaras Municipais de Mirandela e Vila Flor as posições que detinha no ex-Complexo Agro-Industrial do Cachão (posições de que eram titulares o IPE e o Ministério das Finanças), vem culminar um processo de desresponsabilização pelas erradas orientações e desastrosa gestão que os vários Conselhos de Administração, nomeados pelo Governo, praticaram no Complexo», afirma uma nota da Direcção da Organização Regional de Bragança (DORBA) do PCP que pormenoriza:

«A grave situação económica e social que o País

enfrenta é também vivida no Distrito de Bragança, onde se fazem sentir os efeitos da crescente desertificação humana e as populações se vêem privadas de serviços e sectores produtivos, os quais foram destruídos, transferidos ou encerrados».

E acusa a nota da DORBA do PCP sobre este assunto:

«A entrega de posições maioritárias na Agro Industrial do Nordeste (A.I.N.) — agora criada — aos Municípios de Mirandela e Vila Flor reveste-se de um sentido oportunista de apoio a dois autarcas que serão candidatos do PSD nas

próximas eleições autárquicas.»

Entretanto, as Câmaras Municipais de Mirandela e Vila Flor, que têm um endividamento significativo, não apresentaram em tempo útil um plano bem delineado que respondesse e desse corpo à assumpção de posições na Agro Industrial do Nordeste, enquanto outros interessados, entre os quais a lavoura da região, representada pelas diversas Cooperativas, pela U.C.A.N.T. e outras associações, não foram tidos nem achados num processo que em tudo lhe diz directamente respeito, informa a DORBA do PCP, que assinala:

«A viabilização do ex-CAICA, em termos agro-industriais, deverá ser feita com os produtos da região, visando fundamentalmente a sua transformação, preparação e comercialização». Mais: Estas Câmaras Municipais «devem estabelecer um diálogo e negociações com as estruturas representativas dos agricultores da região, no sentido de se aproveitarem devidamente as instalações existentes e desde há muito subaproveitadas».

E conclui a nota:

«A situação de ruptura que, em muitos casos, a agricultura do Nordeste Transmontano vive, justifica que os diversos sectores possam ser entregues à Lavoura a título desonerado (tal como os Municípios os receberam), mediante a apresentação de projectos de viabilização credíveis e objectivados. A actual situação da agricultura de Trás-os-Montes e Alto Douro exige tais medidas e outros apoios.»

## Viana do Alentejo CDU na Feira D'Aires

Decorreu no passado fim-de-semana uma importante feira em Viana do Alentejo — A Feira D'Aires. A CDU instalou nesta feira um pavilhão, no qual eram divulgados os objectivos eleitorais e os candidatos aos órgãos deste Concelho. Segundo uma nota da CDU, «foi um importante êxito, com o pavilhão sempre cheio de pessoas que queriam conhecer os seus candidatos, queriam dialogar com eles. Ali estiveram os activistas, mas também gente do povo que acompanharam os candidatos na volta que estes deram pela feira.»

Publicamente foram divulgados candidatos aos órgãos executivos e os primeiros dois à Assembleia Municipal:

**Câmara Municipal:**

**Estevão Manuel Machado Pereira**

— 26 anos, escriturário, casado, natural e residente em Viana do Alentejo. Foi Director do Sporting de Viana. É sócio-gerente de um empresa em Viana. **João Luís Baptista Penetra** — 30 anos, contabilista, casado, natural e residente em Alcáçovas. **Miguel António Lagoa Sezões** — 33 anos, operário, natural e residente em Aguiar. **Isidro José Marcos** — 34 anos, casado, professor do ensino secundário, residente em Viana do Alentejo, sócio-gerente de uma empresa em Viana do Alentejo.

**Assembleia Municipal:**

**João Henrique Carracha Garcia** — 32 anos, técnico de construção civil. **Manuel António Rosa Pão Mole**, 50 anos, carpinteiro.

## Mais nomes para Aveiro

A Comissão Coordenadora de Aveiro da CDU reuniu, tendo em vista a elaboração das listas às Autarquias Locais no Concelho de Aveiro, a definição de algumas das ideias para a campanha eleitoral e

a apreciação de alguns problemas locais.

Sobre o processo de formação de listas, a Comissão Coordenadora concluiu «ser o balanço positivo, dado o estado avançado em que se encontra a mai-

oria das freguesias do Concelho». Quanto à composição das listas, verifica-se uma grande percentagem de independentes nas listas da CDU, bem como a participação de candidatos ligados às mais diversas profissões e a várias actividades políticas, sociais e culturais, dando as garantias de trabalho, honestidade e competência que caracterizam a CDU.

Em relação à composição das listas para os órgãos municipais, para além dos já anunciados candidatos à Presidência da CM e da AM de Aveiro, respectivamente **dr. José Amaro** e **António Salavessa**, a Comissão Coordenadora, «apesar de ainda não estar definido o ordenamento de cada uma das listas», divulgou alguns dos candidatos que delas virão a fazer parte.

## Nos Açores CDU coliga-se com PS e outras forças

«Culminando um processo negocial realizado com o PS/Açores, informa-se que irão ser constituídas coligações eleitorais para as eleições autárquicas de 12 de Dezembro entre o PS e a CDU (PCP-PEV) no Concelho do Corvo, e entre o PS, CDU (PCP-PEV), PDA e UDP no Concelho de Ponta Delgada», anuncia uma nota do Secretariado da DORAA do PCP, que esclarece ainda:

«A deliberação de participar nas referidas coligações foi, na parte que respeita ao PCP/Açores, tomada na reunião da DORAA do PCP de 18 de Setembro e ratificada pelo Comité Central do PCP em 21 do mesmo mês. Nos restantes 17 Concelhos dos Açores, a CDU, contando com larga participação de independentes, concorrerá com listas próprias.»

## Os Candidatos de Vieira do Minho

A Comissão Coordenadora da CDU do concelho de Vieira do Minho aprovou os cabeças de lista da CDU — Coligação Democrática Unitária — à Câmara e Assembleia Municipal. Para a Câmara Municipal surge o nome de **Júlio Antunes**, 48 anos, empresário, natural de Ruivães, residente em Tabuaças — Vieira do Minho. Foi dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos do Porto e membro da União dos Sindicatos do Porto e deputado na Assembleia da República até à última legislatura, tendo desempenhado o cargo de Secretário da Mesa da AR. Membro do PCP.

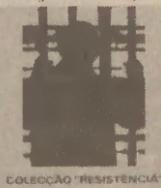
Para a Assembleia Municipal é apresentado o nome de **António Manuel de Abreu Dantas**, 61 anos, agente comercial, natural de Mosteiro e residente em Eira Vedra — Vieira do Minho.

Foi funcionário do Ministério da Justiça, é membro da Assembleia Municipal de Vieira do Minho e candidato independente.

A CDU, em Vieira do Minho, apresenta-se às Eleições de 12 de Dezembro com o objectivo de eleger um vereador e reforçar as suas posições na Assembleia Municipal e Assembleias de Freguesia.

Texto organizado por **Fernando Correia**

Colecção «Resistência»



COLEÇÃO «RESISTÊNCIA»



FRANCISCO MIGUEL

## Com a presença de Carlos Carvalhas Alcácer do Sal apresenta candidatos

Com mais de duzentas pessoas a participarem nesta iniciativa da CDU, realizada no passado sábado à noite, no Teatro Pedro Nunes, em Alcácer do Sal, o anúncio dos nomes dos candidatos às autarquias do concelho foi sublinhado com fortes aplausos, em ambiente de confiança e de entusiasmo.

Gracieta Baião, actual Presidente da Câmara Municipal, presidiu à mesa da sessão, na qual tomaram lugar todos os cabeças de lista candidatos aos diversos órgãos. Rogério de Brito, candidato à presidência da Câmara, fez uma intervenção que focou aspectos ilustrativos de decisões políticas do Governo PSD que lesam o concelho de Alcácer; especificou, por outro lado, medidas que comprovam o valoroso trabalho que a



gestão da CDU tem vindo a desenvolver desde o 25 de Abril.

Carlos Carvalhas lembrou na sua intervenção as características nocivas da política de direita que o PSD perflha, e os efeitos negativos que tal política

tem no desenvolvimento económico das regiões. A importância das eleições autárquicas foi realçada pelo Secretário-Geral do PCP, que deixou um apelo à participação da população.

O anúncio dos cerca de

120 candidatos da CDU foi feito pelo mandatário concelhio que, ao caracterizar a composição das listas, informou da existência de 18 candidatos com menos de 30 anos, de 50 candidatos independentes e de 25 mulheres.

# O escândalo do Cachão

«A recente decisão governamental de entregar às Câmaras Municipais de Mirandela e Vila Flor as posições que detinha no ex-Complexo Agro-Industrial do Cachão (posições de que eram titulares o IPE e o Ministério das Finanças), vem culminar um processo de desresponsabilização pelas erradas orientações e desastrosa gestão que os vários Conselhos de Administração, nomeados pelo Governo, praticaram no Complexo», afirma uma nota da Direcção da Organização Regional de Bragança (DORBA) do PCP que pormenoriza:

«A grave situação económica e social que o País enfrenta é também vivida no Distrito de Bragança, onde se fazem sentir os efeitos da crescente desertificação humana e as populações se vêem privadas de serviços e sectores produtivos, os quais foram destruídos, transferidos ou encerrados».

E acusa a nota da DORBA do PCP sobre este assunto:

«A entrega de posições maioritárias na Agro Industrial do Nordeste (A.I.N.) — agora criada — aos Municípios de Mirandela e Vila Flor reveste-se de um sentido oportunista de apoio a dois autarcas que serão candidatos do PSD nas próximas eleições autárquicas.»

Entretanto, as Câmaras Municipais de Mirandela e Vila Flor, que têm um endividamento significativo,

não apresentaram em tempo útil um plano bem delineado que respondesse e desse corpo à assumpção de posições na Agro Industrial do Nordeste, enquanto outros interessados, entre os quais a lavoura da região, representada pelas diversas Cooperativas, pela U.C.A.N.T. e outras associações, não foram tidos nem achados num processo que em tudo lhe diz directamente respeito, informa a DORBA do PCP, que assinala:

«A viabilização do ex-CAICA, em termos agro-industriais, deverá ser feita com os produtos da região, visando fundamentalmente a sua transformação, preparação e comercialização». Mais: Estas Câmaras Municipais «devem estabelecer um diálogo e negociações com as estruturas representativas dos agricultores da região, no sentido de se aproveitarem devidamente as instalações existentes e desde há muito subaproveitadas».

E conclui a nota:

«A situação de ruptura que, em muitos casos, a agricultura do Nordeste Transmontano vive, justifica que os diversos sectores possam ser entregues à Lavoura a título desonerado (tal como os Municípios os receberam), mediante a apresentação de projectos de viabilização credíveis e objectivados. A actual situação da agricultura de Trás-os-Montes e Alto Douro exige tais medidas e outros apoios.»

## Queijas/Oeiras

# O Mercado da demagogia

«De acordo com o programa das Festas de Queijas, Isaltino de Morais irá no domingo lançar a 1.ª pedra do Mercado de Queijas, tentando fazer crer que finalmente vai avançar com esta construção à muito reivindicada pela população da Nova Freguesia», denuncia a CDU local, que esclarece:

«Só a demagogia e o eleitoralismo justificam esta acção, na medida em que a construção do Mercado não se vai iniciar em 93, e, pelas previsões da Câmara Municipal de Oeiras, nem em 94/95, como passamos a exemplificar:

«O plano da CMO para 93 considera como uma das acções a iniciar a construção do Mercado, como já considerou em 92, só que a dotação orçamental é de apenas 12 110 contos, verba que apenas é suficiente para o projecto, não prevendo nenhuma verba para 94 e 95;

«O projecto do Mercado não está feito nem aprovado; a CMO, em resposta a um requerimento da CDU na A. M., em 15/08/93 informou que, para Queijas, vão ser compradas quatro rulotes frigoríficas para substituírem as actuais bancas de peixe.»

«Estes factos — sublinha a CDU de Queijas — mostram que ainda não é desta que avança a construção do Mercado e são reveladores dos métodos e das preocupações eleitorais do PSD, e de Isaltino de Morais, que sabem que não cumpriram em Queijas as promessas feitas em 89: — não se construiu o Mercado; — não se arranjaram os arruamentos, nem se construíram novos espaços verdes; — não construíram novo reservatório de água, nem resolveram o problema das rupturas sistémáticas na rede; — não melhoraram a limpeza e a recolha de lixo.»

E concluiu a nota:

«A CDU, que tem desenvolvido a luta pelas aspirações de Queijas, recolhendo um abaixo-assinado com centenas de assinaturas reivindicando o Mercado, e intervindo na Câmara e A. Municipal exigindo a solução deste e de outros problemas, vai novamente propor que o próximo orçamento considere como prioridade a construção do Mercado, pois se houve 320 mil contos para a fonte da Rotunda de Cacilhas, também tem que haver para dar resposta aos legítimos anseios da população.»

## O «POSAT 1»

# e a propaganda governamental

A propósito da colocação em órbita do micro-satélite «POSAT 1», o Gabinete de Imprensa do PCP, prevendo «novos desenvolvimentos da operação de glorificação governamental» que viera a ser feita em torno da questão, nomeadamente com a deslocação à Guiana do ministro de Indústria acompanhado de dois secretários de Estado e de numerosa comitiva, tornou público um comunicado onde pode ler-se:

Sublinhando-se que não se justificaria qualquer reserva ou hesitação em celebrar ou manifestar regozijo por qualquer marcante realização científica ou tecnológica nacional, é entretanto de elementar bom senso e seriedade chamar a atenção para que esse não é

o caso do «POSAT 1», pelo que é manifesto o exagero ou a falta de sentido do ridículo da propaganda oficial quando proclama que Portugal se está a transformar numa «potência espacial».

Com efeito, e tal como salientou há duas semanas a Comissão do PCP para as

Questões da Ciência e da Tecnologia, a verdade é que, sem menosprezo pelo contributo dos técnicos portugueses que intervêm neste projecto, o lançamento deste satélite de 50 quilogramas — construído em Inglaterra com tecnologia adquirida à SSTL, uma empresa da Universidade de Surrey, e que vai ser enviado para o espaço na Guiana francesa através de um foguetão Ariane da Agência Espacial Europeia — tem muito pouco a ver com o desenvolvimento científico e tecnológico do País.

Infelizmente, a realidade no domínio da política científica e tecnológica, como noutros sectores, é bem diversa e até oposta à imagem que o Governo pretende transmitir.

Na realidade, o que tem caracterizado a política do Governo do PSD é o desmantelamento do sector público da investigação científica e tecnológica a pretexto da necessidade da sua reestruturação (como é o caso do INIC, do LNETI, do INIA e outros). É o corte drástico do financiamento público e a desresponsabilização do Estado num sector verdadeiramente estratégico para o futuro do País. Tudo isto a par da nociva centralização e governamentalização e da falta de transparência das decisões relativas à selecção dos projectos de investigação a serem financiados.

Pela sua parte, o PCP tem insistentemente salientado a necessidade de travar o prosseguimento desta política, levada a cabo por um Governo que, proclamando constante e demagogicamente a importância da Ciência e da Tecnologia para o desenvolvimento do País, está a ser, na realidade, responsável pelo progressivo enfraquecimento e até pela destruição de partes significativas do Sistema Científico e Tecnológico nacional.

Neste sentido, seria desejável que o lançamento do POSAT 1, em vez de dar origem a operações mediáticas de demagogia governamental, pudesse sim contribuir para chamar a atenção da opinião pública para a indispensável e urgente correcção da trajectória da política científica e tecnológica nacional.

# Narcótico e branqueamento de capitais

O Grupo de Trabalho do PCP para as questões de Toxicoddependência e Narcotráfico, em Nota sobre as medidas de prevenção do branqueamento de capitais oriundos do narcotráfico recentemente anunciadas, tornou públicos as apreciações e comentários que a seguir transcrevemos:

1 — Foi recentemente publicado o Decreto-Lei nº 313/93 que tem por objecto a prevenção da utilização do sistema financeiro para efeitos de branqueamento de capitais, procedendo à transposição para o Direito interno português da Directiva Comunitária sobre a matéria (91/308/CEE).

O diploma que agora entra em vigor foi elaborado na sequência de uma Autorização Legislativa concedida pela Assembleia da República, formulada em termos que mereceram da parte do PCP críticas con-

tundentes, designadamente quanto à sua real eficácia, considerando a extraordinária dimensão do fenómeno do tráfico de drogas e do branqueamento de capitais que se lhe associa, mas também quanto à sua inadequação às disposições constitucionais respeitantes aos direitos fundamentais dos cidadãos e às competências exclusivas das autoridades judiciais e dos órgãos de polícia criminal.

2 — No entender do PCP, o Decreto-Lei agora aprovado apresenta importantes insuficiências, das quais destacamos:

a) Mantém o vazio legislativo relativamente à prevenção e penalização do branqueamento de capitais oriundos de outras formas de criminalidade, nomeadamente do tráfico de armas e substituição organizada, que estão intimamente associados ao mesmo tráfico e que devem ser combatidas globalmente.

b) Deixa de fora potenciais instrumentos de branqueamento de dinheiros, tais como: agentes de comercialização de ouro, pedras preciosas, obras de arte e antiguidades, casinos e bingos, negócios imobiliários, entre outros, que um combate eficaz ao branqueamento de capitais exige serem incluídos.

c) Não são clarificados os prazos de implementação dos mecanismos de contro-

lo das entidades financeiras abrangidas, nem de formação dos respectivos trabalhadores, nem é estabelecida a obrigatoriedade das autoridades de supervisão verificarem a efectiva implementação dessas medidas.

d) Não são atribuídas às autoridades de supervisão responsabilidades específicas no âmbito da prevenção do branqueamento.

3 — Por tudo isto, e independentemente do Decreto-Lei nº 313/93 corrigir aspectos da Autorização Legislativa, nomeadamente quanto à salvaguarda de competências das autoridades judiciais, dando implicitamente razão a diversas críticas feitas pelo PCP, a verdade é que a legislação agora aprovada não está à altura de fazer face à dimen-

são colossal e ao carácter transnacional do fenómeno do branqueamento de capitais — e especialmente de capitais provenientes do tráfico de drogas — impondo-se que sejam tomadas medidas sérias e eficazes, na sua criminalização, no seu combate e também evidentemente na prevenção da sua ocorrência, sempre na salvaguarda das liberdades e direitos dos cidadãos.

4 — Neste quadro, o PCP procurará aprofundar o debate institucional relativamente a esta importante temática e à sua relevância na sociedade portuguesa — debate que o PSD e o seu governo sempre recusaram — e tudo fará para melhorar sensivelmente a eficácia do combate ao branqueamento de capitais oriundos do tráfico de drogas.

# Uma República arrancada ao fascismo

Um busto oficial da República Portuguesa fabricado durante a 1.ª República Democrática é, em si, um objecto histórico. Todavia se um desses exemplares sobrevive até aos dias de hoje graças ao empenho de democratas que o protegeram da ferocidade fascista, temos uma história dentro da História. Quem no-la conta é o seu próprio protagonista, o camarada Lino Lima, antigo deputado do PCP, através duma carta enviada ao Centro de Trabalho da Boavista do PCP, no Porto, e que transcrevemos na íntegra.



É este o busto da República Portuguesa que foi salvo da sanha fascista e, hoje, passa a estar sob a protecção do Museu do PCP

Aos camaradas do Centro de Trabalho da Boavista do Partido Comunista Português, que eu frequento com regularidade:

Nas escolas de instrução primária, construídas pelo Estado durante a 1.ª República Democrática, havia, em lugar destacado, o busto oficial da República. Assim sucedia na da freguesia do Calendário, do concelho de Vila Nova de Famalicão, onde durante muitos anos foi mestra a senhora Albertina Cameira, mulher de sentimentos profundamente republicanos.

Em certa altura do regime fascista, foi dada ordem pelas autoridades para retirar esses bustos, que foram substituídos por uma cruz. E quando isso sucedeu, a senhora Albertina Cameira apressou-se a esconder o que estava naquela sua escola, a fim de que não tivesse a mesma sorte de muitos outros, que foram quebrados e desrespeitados.

Alguns anos antes do 25 de Abril, aquela professora, já então há muito reformada, veio procurar-me para contar que possuía escondido o busto da República que estivera na sua escola e que, querendo confiá-lo, antes de morrer, a alguém que tivesse a certeza que o guardaria com cuidado, entendia que eu era a pessoa em que depositava confiança para tal. Queria saber se lhe dava o meu acordo para o receber. Perante a minha aquiescência veio dias depois trazer-me aquele símbolo do regime republicano.

Tenho 76 anos e chegou a altura de se me pôr o mesmo problema que teve, há anos, a agora falecida professora Albertina Cameira. A quem confiar o busto com a certeza de que, no futuro, será respeitado? Não me foi difícil responder a esta pergunta. Creio que o lugar certo para ele será o museu do Partido Comunista Português, que é o herdeiro das ideias generosas e populares do regime implantado em 1910 e que é também o partido político a quem devo a formação cívica que fez de mim o homem que mereceu a confiança daquela mulher de sentimentos arraigadamente republicanos.

Eis por que o entrego neste Centro de Trabalho do Partido Comunista Português.

Março de 1993

Lino Lima

## Com 400 participantes Almoço-convívio na Praia da Vieira

Com cerca de quatrocentos participantes, realizou-se no dia 26 o tradicional convívio CDU no Parque de Merendas da Praia da Vieira, no Concelho da Marinha Grande. Nesta iniciativa usaram da palavra **Saul Fragata**, responsável pela organização do PCP na Marinha Grande e da coordenadora concelhia da CDU, **João Barros Duarte**, presidente da Câmara Municipal e novamente candidato a este cargo, **Fernanda Teodósio**, candidata à presidência da Junta de Freguesia de Vieira de Leiria, fechando as intervenções **Jerónimo de Sousa**, da Comissão Política do CC do PCP.

**Saul Fragata**, na intervenção inicial, deu conta do andamento dos trabalhos da formação de listas «cujo processo está já concluído e decorreu de forma amplamente democrática e consensual com grande abertura unitária integrando as listas mais de 40% de independentes.»

A forma como a CDU trabalhou na elaboração das listas, «a grande qualidade e diversidade dos candidatos, contrasta claramente com os jogos de interesses e as escaramuças internas que ocorrem nas outras forças políticas. A CDU parte para esta batalha com a confiança de que está ao seu alcance alcançar a maioria absoluta na Marinha Grande e a reconquista da presidência da Junta de Freguesia de Vieira de Leiria», assinalou o orador.

**Barros Duarte** fez referências às obras de maior vulto no concelho, que «são bem o espelho da dinâmica e capacidade de trabalho da CDU». Sublinhou que «o demissionismo do PS (entrega dos pelouros em Agosto de 1992) e a obstrução e ten-

tativa de bloqueio ao trabalho autárquico, não impediram um elevado grau de realizações da Câmara Municipal da Marinha Grande, de que tem resultado a elevação da qualidade de vida da população do concelho».

**Fernanda Teodósio** desmistificou o boato posto a correr pelo PS de que renunciará a favor do segundo da lista destacando que:

1.º «Reconhecem antecipadamente que a CDU vai ganhar a Junta de Freguesia de Vieira de Leiria;

2.º «Quem a conhece sabe que nunca faria tal coisa, pois quando aceita uma responsabilidade é para cumprir assumindo-a de corpo inteiro».

**Jerónimo de Sousa** referiu o trabalho da CDU no Poder Local em 50 municípios que abrangem cerca de 1/3 do território nacional.

«Somos os mais competentes, e os que mais trabalhamos no poder local», disse Jerónimo de Sousa.

Chamou a atenção para o facto do PS «não querer trabalhar quando está em minoria e quando está em maioria, se colocar ao serviço de grupos e clientelas», criticou a política do Governo PSD «com os anunciados cortes de verbas às autarquias para 1994, o regabofe dos subsídios comunitários, a ofensiva contra os mais desfavorecidos como os reformados e os jovens, a alteração da idade da reforma das mulheres para 65 anos e o cálculo das pensões de reforma».

Afirmou, a finalizar, que «as eleições de Dezembro, terão que penalizar o Governo e o PSD e constituir um reforço eleitoral da CDU por forma a forçar o PS a abandonar a sua política de direita e abrir caminho a uma alternativa a esta política e a este Governo».

## DORLEI analisa Distrito de Leiria

Num comunicado emitido pela Direcção Regional de Leiria, do PCP, esta estrutura do Partido «congratula-se com a forma democrática como tem decorrido a escolha dos candidatos e a formação das listas da CDU, contrastando vivamente com o que se passa com outras forças políticas, em que o autoritarismo e a imposição de candidatos pelas respectivas direcções nacionais, contra a vontade dos militantes e as estruturas locais dos partidos, tem provocado demissões, afastamentos e substituições de candidatos, alguns dos quais após terem sido anunciados publicamente». E acrescenta-se:

«O carácter democrático, participado e consensual que caracteriza a CDU na preparação das eleições autárquicas, afastando-se das guerras intestinais, dos jogos de poder,

de ambições e interesses pessoais a que se juntam os interesses do mundo dos negócios, que assolam as outras forças políticas».

A CDU pretende obter maiorias e eleger representantes seus nos diversos órgãos autárquicos, «para melhor servir a população e o desenvolvimento de municípios e de freguesias. É uma postura que a distância das outras forças políticas. É uma prova de que nem todos os partidos ou forças políticas são iguais. A CDU é diferente, pretende servir e não se servir», sublinha o comunicado.

A DORLEI do PCP analisou também o recente processo de eleição da Comissão Executiva da Região de Turismo da Rota do Sol e «condena vivamente o inqualificável comportamento da Câmara Municipal de Leiria, do PSD e do seu Governo, que desrespeitando as

mais elementares regras democráticas, subverteram os resultados eleitorais, através de manobras de secretaria e de condenáveis pressões, incluindo o recurso à coação e intimidação a partir do próprio aparelho de Estado sobre membros do colégio eleitoral. Ao contrário do que afirmam não são os interesses de Leiria que estão em causa, mas tão-só os interesses do PSD de domínio absoluto da Região de Turismo, no seguimento dos numerosos casos de discriminação político-partidária, de violação da legalidade e de abuso de poder, que o PSD vem utilizando para dominar com mão férrea todo o aparelho de Estado. A intervenção específica do secretário de Estado da Cultura no processo de substituição de um membro do colégio eleitoral só confirma o envolvimento do Governo e do PSD para

assegurar contra tudo e contra toda a vitória da sua lista.»

A DORLEI do PCP analisou ainda o **Plano de Desenvolvimento Regional para 1994/97**, e decidiu independentemente de uma mais aprofundada discussão e posterior tomada de posição definitiva, «denunciar o seu carácter centralista, confirmado pela eliminação do Programa Operacional do Oeste e Pinhal Interior, bem como pela não aceitação da Proposta de Programa Operacional para a Zona do Pinhal Litoral. O carácter generalista das propostas e a adequação de programas operacionais às áreas das CCR, deixa antever o propósito de continuar a negar aos parceiros sociais e às autarquias qualquer papel na definição, acompanhamento e execução da Política de Desenvolvimento Regional.»

## Bombeiros da Moita com novos apoios

A Câmara Municipal da Moita decidiu ceder um terreno com a área de 6500 m<sup>2</sup> aos Bombeiros Voluntários da Moita, para a construção de um novo quartel e instalações sociais. A cedência do terreno municipal surge na sequência de um conjunto de apoios que têm vindo a ser prestados aos Bombeiros, dos quais se destaca a recente decisão da Câmara de adquirir quatro novas viaturas para reforçar a frota daquela instituição. O objectivo dos apoios camarários é «solucionar com brevidade as carências que afectam os Bombeiros e melhorar as condições de segurança no Concelho que registou, nas últimas décadas, um grande crescimento no parque habitacional e industrial», assinala a Câmara Municipal da Moita, que conclui:

«A construção do novo quartel para os Bombeiros irá disponibilizar o actual para onde se prevê a instalação de uma nova esquadra da PSP. A Câmara irá agora encetar negociações com o Ministério da Administração Interna com vista a acordar uma contrapartida financeira, através de protocolo, que viabiliza a construção a curto prazo do novo quartel para os Bombeiros e a criação da esquadra da PSP nas actuais instalações dos Bombeiros».

## Évora Candidaturas renovadas e ligadas às populações

«Como resultado da política do Governo PSD e da crise que o sector produtivo enfrenta, em particular a agricultura, verifica-se um agravamento da situação social do distrito», afirma-se na recente nota da DOREV, cuja reunião examinou a situação social e a preparação das autarquias no distrito de Évora. E confirma:

«Aumenta o número de trabalhadores desempregados, generaliza-se a precarização do emprego e degrada-se o nível de vida dos trabalhadores atingidos pela diminuição dos salários reais.

«O baixo nível da generalidade das pensões e as prestações sociais estão a níveis de miséria o que põe um grande número da população do distrito a níveis de vida de autêntica pobreza.

«Da política de saúde do Governo PSD, resulta o aumento das dificuldades de acesso à assistência médica. São exemplos a desactivação de extensões dos centros de saúde em várias freguesias, de maiores dificuldades de acesso a consultas externas no Hospital Distrital de Évora de várias especialidades, o aumento dos medicamentos vem dificultar o acesso à saúde das famílias mais carenciadas.

«Quanto à abertura do ano lectivo de 1993/94, confirma uma vez mais a gravidade da crise em que o sistema de ensino está mergulhado. No distrito mais de duas centenas de horários não estavam preenchidos em 15 de Setembro, havendo ainda escolas como a Secundária de Reguengos onde faltam colocar cerca de 30% do seu corpo docente. Continua a haver escolas com elevada taxa de ocupação, como as Secundárias de Montemor, de Vila Viçosa e Severim de Faria, C+S de Vendas Novas, Preparatória de Santa Maria. Falta pessoal auxiliar de acção educativa, podendo a

situação agravar-se a partir de Dezembro, caso os contratos não sejam renovados. Existem atrasos na entrega de equipamentos necessários à Reforma Curricular, assim como na conclusão de obras como as do edifício da nova escola C+S de Évora ou as da conservação do Gimnodesportivo da Secundária André de Gouveia.

«A DOREV do PCP manifesta a sua preocupação e repúdio às intenções do Governo de em 1994, as verbas a transferir do Orçamento do Estado para as autarquias serem iguais às de 1993. Isto representa que as autarquias vão ter menos meios financeiros para dar resposta aos problemas e carências das populações. É necessário desde já a acção dos eleitos e das populações contra tais objectivos do Governo.

«A DOREV do PCP tomou conhecimento e realçou a visita efectuada por uma delegação do Grupo Parlamentar do PCP ao município de Évora onde visitou as principais obras da autarquia salientando a importância da apresentação proximamente à Assembleia da República de uma proposta de Audição Parlamentar ao Hospital do Patrocínio visando esclarecer e concretizar a constituição de uma importante unidade de saúde aspiração de todos os eborenses e uma necessidade do Alentejo.

«A DOREV do PCP analisou o trabalho relativo às eleições autárquicas, quer em relação à formação e apresentação das listas, quer à elaboração dos programas e à campanha eleitoral.

«Da análise feita a DOREV salienta o grau de participação e a discussão colectiva no âmbito da CDU na escolha dos candidatos e na definição das listas. O que resultou dos 14 candidatos a presidentes às Câmaras e Assembleias Muni-

cipais 50% são novas candidaturas e 20% são independentes. Os candidatos da CDU aos executivos camarários mais de 50% são novas candidaturas, com grande participação de independentes e mulheres.

«É de salientar que os candidatos da CDU, são pessoas bem ligadas às populações e às realidades sociais, conhecedoras dos problemas e com provas dadas e que estão disponíveis e dar o seu melhor para servir a população e o distrito.

«A DOREV reafirma que a CDU está em condições de confirmar e reforçar as suas maiorias e é a força, pelo exemplo da sua obra, em prol das populações, alternativa à gestão PS no Distrito.

«Para atingir os seus objectivos o PCP e a CDU empenhar-se-ão no esclarecimento objectivo das populações acerca dos seus problemas e das soluções, na prestação de contas de trabalho realizado, levando à batalha eleitoral a mesma seriedade, honestidade e competência como é a sua prática diária nos órgãos autárquicos.

«Integrado no trabalho eleitoral vem, ao Distrito, no próximo dia 9 de Outubro, Álvaro Cunhal, que participará em diversas iniciativas que oportunamente serão anunciadas.

«A DOREV do PCP exorta os seus militantes, os democratas todos os trabalhadores a participarem activamente nas lutas que vão ter lugar contra a política do Governo, designadamente a estafeta da solidariedade que está a decorrer.

A DOREV do PCP apela a todos os militantes, activistas e apoiantes da CDU, a darem todo o seu empenho no sentido de assegurar um resultado favorável à CDU nas próximas eleições, força essencial para a defesa dos interesses das populações e pelo progresso do distrito.»



## Braga A campanha CDU já está na rua

A evolução da situação social no distrito, o estado da preparação das eleições autárquicas, e as tarefas que se colocam no imediato foram os principais pontos abordados pela recente reunião da DORBraga do PCP, que no final tornou pública uma nota em que faz as seguintes apreciações:

O conjunto das informações sobre a situação actual dos trabalhadores, a de numerosas empresas e, globalmente, de todos os sectores da economia distrital, assim como os indicadores conhecidos da conjuntura económica nacional, confirmam como grande traço da situação no Distrito de Braga, o aprofundamento e alastramento da crise.

Aumenta o número de falências e de empresas em situação de pré-falência; confirmaram-se as denúncias e previsões sobre empresas que se preparavam para não abrir as portas após as férias de Verão.

Mais trabalhadores, mais agregados familiares são atingidos pelas brutais consequências desta situação: lançados no desemprego, ou com os salários em atraso, ou em situação de suspensão do contrato de trabalho, há hoje no Distrito dezenas de milhares de trabalhadores!

Aumenta o trabalho precário e em más condições, persiste a chaga do trabalho infantil e assiste-se crescentemente às mais inadmissíveis violações e restrições dos direitos dos trabalhadores.

Muitos milhares de pessoas vivem o inquietante espectro da perda do posto de trabalho na semana ou no mês seguinte.

Em tal clima de insegurança é inevitável o aumento da delinquência e da marginalidade sob múltiplas expressões.

Um quadro tão preocupante que a propaganda dos «sucessos» cavaquistas não consegue esconder, é consequência directa e responsabilidade primeira da política do Governo e da sua submissão às receitas da Comunidade Europeia.

Política que a prosseguir, não só soterrou já todas as esperanças para o ano de 93, como prenuncia para 94 a continuação de dias escuros, nomeadamente por uma ainda maior retracção da actividade económica e de recessão; degradação dos salários, prestações sociais e serviços sociais públicos, como saúde, educação e outros.

Para os trabalhadores, devem constituir um sério aviso as repetidas insistências dos governantes na necessidade da moderação salarial para 1994.

O Governo prepara a repetição da receita: resolver a crise capitalista em Portugal, sacrificando aqueles que trabalham.

Só a luta, o crescimento das acções de protesto dos trabalhadores, poderão travar esta situação e preparar os caminhos da mudança.

A DORBraga do PCP apela aos trabalhadores comunistas a darem o seu exemplo e pôr todo o empenho no esclarecimento e mobilização para a luta de todos os seus camaradas de trabalho pelo emprego, pelos salários, em defesa da Segurança Social, Saúde e direitos dos trabalhadores.

### Eleições autárquicas

O balanço do trabalho preparatório das candidaturas da CDU no Distrito, permite concluir que estão a ser criadas condições propícias para a obtenção de bons resultados eleitorais e a realização dos objectivos traçados.

A direcção fundamental dos trabalhos no momento actual é a conclusão das listas. Nos numerosos contactos já havidos constata-se o bom acolhimento, adesão muito positiva e participação. No entanto, vários testemunhos confirmam também o trabalho de aliciamento de outras forças concorrentes junto de amigos e apoiantes da CDU, na base das promessas, mentiras e pressões, o caciquismo e a coacção económica, para dificultar as candidaturas da CDU.

Em vários concelhos do Distrito é já patente também o gigantismo de meios de propaganda e recursos que certas forças se preparam para investir no sentido de impressionar o eleitorado.

A DORBraga do PCP, a este respeito, não pode silenciar o seu protesto contra a inaceitável utilização de meios e recursos das Autar-

quias (pagos pela população) ao serviço da propaganda do candidato que tem a presidência da respectiva Câmara, como é o caso descarado dos cartazes que a Câmara de V. N. Famalicão afixou por todo o concelho.

Assim como regista e chama a atenção da população para as dispendiosas campanhas já lançadas por algumas forças, em Braga e noutros concelhos do Distrito. Os gastos de milhares e milhares de contos em meios de propaganda, nos tempos de crise e privações que o povo, o Distrito e o País vivem, são um escândalo a que não se pode ficar indiferente. Para além de que as populações deste concelho ainda não viram satisfeitas, por falta de dinheiro das Autarquias, carências fundamentais no domínio do saneamento, do abastecimento de água, transportes e outros equipamentos para a melhoria da qualidade de vida.

De repente, parece que certos partidos estão muito ricos... ou serão os interesses económicos instalados que estão por trás dessas campanhas para depois de 12 de Dezembro virem cobrar a factura em serviços e favores das Câmaras?

A campanha da CDU, apoiada em meios e recursos modestos, já está na rua.

A DORBraga do PCP apela a todos os comunistas, aos candidatos, amigos e apoiantes da CDU, a prosseguir o esclarecimento em todo o Distrito, sobre as propostas e programas da CDU.

A CDU irá privilegiar o contacto com as populações, o diálogo com todos, no respeito pela inteligência do eleitorado a quem se dirige, numa campanha de verdade, seriedade e serenidade.

Com confiança, a CDU através dos seus candidatos e apoiantes, afirmar-se-á em todo o Distrito como a melhor opção em todas as situações — para assumir as suas responsabilidades na gestão local, onde a população lhe der a maioria; para fazer oposição às gestões maioritárias das outras forças; para cooperar, colaborar, apoiar todas as medidas que sirvam as populações; para impedir maiorias absolutas que, no Distrito, tão negativas se têm revelado; para ser uma voz mais activa e interveniente na fiscalização dos actos de gestão local.

## Vila Real A «desvergonha» pré-eleitoral

Em comunicado, a Direcção da Organização Regional de Vila Real (DORVIR) do PCP vem alertar a opinião pública para «as contradições e ostentação que partidos como o PSD e o PS exibem na presente fase pré-eleitoral». E afirma a nota:

«Por um lado, nos seus discursos, os dirigentes do PSD e do PS falam da crise económica do País e das dificuldades que todos enfrentam, em simultâneo verificam-se já candidaturas extremamente dispendiosas em que alguns candidatos desses partidos já difundiram três ou quatro tipos de cartazes diferentes com as suas fotos e já utilizaram, largamente, dispendiosos meios de propaganda comercial.»

«Tal situação — prossegue a nota — não é reveladora de qualquer salutar dinâmica de campanha e, muito menos, de implantação. A utilização exuberante de campanhas extremamente dispendiosas é sinal de fraqueza, revela a necessidade de criar um artificialismo de pseudopopularidade, vazia de qualquer conteúdo em termos de proposta política e corresponde a uma escalada de ostentação de meios que contrasta com a gravidade da crise económica e social.»

«A utilização de meios de propaganda comercial neste período é ilegal. Por esse motivo, o mandatário distrital da CDU em Vila Real apresentou já queixa à Comissão Nacional de Eleições, nomeadamente contra o PSD», anuncia a nota.

A DORVIR do PCP alerta ainda que «esse tipo de campanhas extremamente dispendiosas pode representar um ainda maior enfeudamento de candidatos e candidaturas ao poder económico, que poderá ter consequências na contemporização com a especulação imobiliária e a degradação do ambiente, da paisagem e do equilíbrio urbano.»

«A CDU terá uma campanha bem diferente», conclui a nota da DORVIR do PCP. Os candidatos e as estruturas dos partidos e apoiantes integrantes na CDU, nomeadamente o PCP e o PEV, «irão ao encontro das populações com propostas concretas, ouvindo e propondo medidas que permitam um real desenvolvimento do Distrito, em que o fundamental e prioritário será sempre os interesses das populações e não os ditames ou negociações de alguns grupos económicos.»

## Reuniu a DORAL do PCP

# PSD responsável pela crise no Algarve

Na sua reunião de sábado passado, o Plenário da Direcção da Organização Regional do Algarve (DORAL) analisou a situação económica e social do Algarve, procedeu a um balanço à preparação das eleições autárquicas de Dezembro próximo e avaliou a abertura do ano escolar, situação que será objecto de posição próxima a tomar pela DORAL.

Confirmando análises que sucessivamente têm vindo a divulgar acerca da situação económica e social da região, designadamente a de Junho passado, a DORAL do PCP reafirma a premente necessidade de conter e alterar a política do Governo do PSD, principal responsável pela acentuada crise que envolve todos os sectores da actividade económica no Algarve e que tem como reflexo uma acelerada e intolerável degradação da situação social.

A queda da actividade produtiva nas pescas, o abandono e falência de um número crescente de explorações agrícolas, a redução da actividade na construção civil, a drástica diminuição do volume de negócios verificados na actividade comercial, agravada pela concorrência desleal que lhe está a ser movida pelas grandes superfícies, pressagiando a curto prazo o encerramento e falência de pequenos e médios estabelecimentos, configura um quadro de extrema gravidade.

Este quadro é agravado pela queda verificada na actividade turística cujos os números, ainda que insuficientes, permitem desde já concluir que se tratou de um dos piores anos de sempre, com uma queda de 6 a 7% de entradas no aeroporto da Faro até Agosto, e um volume de receitas provavelmente inferiores a 1989.

No plano social, o Algarve regista uma das maiores taxas de crescimento de desemprego do país. Em finais de Julho, estavam registadas nos Centros de Emprego mais de 11 000 mil pessoas para uma oferta de postos de trabalho que se aproximava dos 400. Se atendermos ao facto de nem todos os desempregados pro-

curarem os referidos centros, podemos concluir, sem grande margem de erro, que a região tinha no desemprego 13% da sua população activa em plena época alta da actividade turística.

O crescente número de desempregados é acompanhado por uma insustentável degradação das condições de trabalho e perda de direitos, com o regresso aos salários em atraso, a proliferação dos contratos a prazo, do trabalho sem contrato, ou através do expediente do «recibo verde», fórmula de que a própria administração pública crescentemente se socorre para evitar pagar impostos à segurança social e diminuir responsabilidades na manutenção dos postos de trabalho. A prática crescente do patronato atrasando pagamento de salários com o propósito de provocar a instabilidade e a insegurança face ao posto de trabalho surge como mais uma inqualificável arma de chantagem ao serviço de uma maior exploração dos trabalhadores.

A impunidade a que se assiste face ao avolumar de dívidas do patronato à Segurança Social, a par da prática generalizada de fugas a estas responsabilidades, provoca não só o avolumar de exorbitantes montantes em dívida, que no Algarve se estima rondar os 8 milhões de contos, como acentuam os factores de desprotecção e instabilidade no mundo do trabalho.

A teorização que o Governo e as associações patronais começam a desenvolver no sentido de justificar a troca de aumentos salariais pela manutenção do posto de trabalho, para além de profundamente hipócrita evidencia os objectivos deste Governo quanto à melhoria das condições de

vida dos trabalhadores. A crise não é para todos porque a par da degradação das condições de vida da maioria dos portugueses se assiste ao enriquecimento crescente de uma minoria e, provado está, não são os salários causadores da crise a não ser que o Governo e o patronato tenham como meta colocar os salários ao nível do que se paga em Marrocos ou na Tailândia.

### Crise económica

Para além da propaganda e das múltiplas visitas ministeriais com que o Algarve é «brindado» por parte do Governo, nas quais e em regra se anunciam propósitos, objectivos, apoios, incentivos que a prática e a vida não confirmam, o PDR (Plano de Desenvolvimento Regional), instrumento pelo qual vão passar os principais financiamentos comunitários nos próximos anos, naquilo que já se conhece, permite desde já afirmar que não corresponde minimamente às necessidades que se colocam à actividade económica e à dinamização da actividade produtiva da região.

A manterem-se as opções do Governo expressas nos vários programas, o Algarve irá ser conduzido à grave situação de ver ainda mais reduzida a actividade produtiva nas pescas a ao prático desaparecimento da actividade industrial e agrícola.

Mais escandaloso ainda quando se sabe que para se concretizarem os financiamentos comunitários inscritos na Intervenção Operacional do Algarve, cujos montantes para os 6 anos não vão além de cerca 40 milhões de contos, as autarquias da região têm que ser chamadas a investir, com fundos próprios, cerca de 21% destas verbas, enquanto o poder central, isto é, o Governo, se responsabiliza por pouco mais de 3% das mesmas.

Os factos reafirmam a presença não só de dar um pron-



to e sistemático combate a esta política, como impõem a extrema necessidade de inverter drasticamente o seu curso através de um outro governo e de uma nova política.

### Optimismo na CDU

Do balanço realizado à preparação das eleições autárquicas, no quadro da CDU, a DORAL do PCP apreciou o estado avançado em que se encontra a elaboração das listas concorrentes aos diversos órgãos autárquicos, sublinhando o carácter largamente unitário que a generalidade das listas apresenta.

Processos organizados, incentivados, dinamizados, com base numa grande autonomia, e tendo como prática o funcionamento democrático e o respeito pela capacidade de iniciativa das organizações concelhias do PCP e das coordenadoras da CDU, em contraste com o que acontece com outras forças políticas.

As listas foram enriquecidas com um conjunto de candida-

tos capazes, inseridos e prestigiados junto das populações com disponibilidade para assumirem as responsabilidades nos órgãos a que se candidatam, cumprindo programas que de uma forma clara exprimam os objectivos das suas candidaturas.

O balanço realizado permite encarar com franco optimismo os resultados das próximas eleições face aos objectos definidos de manter e conquistar novas maiorias em municípios e freguesias e aumentar o número de eleitos nos diversos órgãos através de uma importante subida de votos na CDU.

A DORAL do PCP denuncia desde já o carácter que podem vir a revestir-se muitas das campanhas em torno de candidaturas às próximas eleições autárquicas nas quais a exuberância de meios (em muitas circunstâncias pelos montantes financeiros que envolvem) contrasta com a magreza de ideias, propostas programáticas e compromissos a cumprir no futuro, desvirtuando, ainda, pelas diferenças abissais de oportunida-

des e meios empregues, o próprio carácter democrático dos seus resultados.

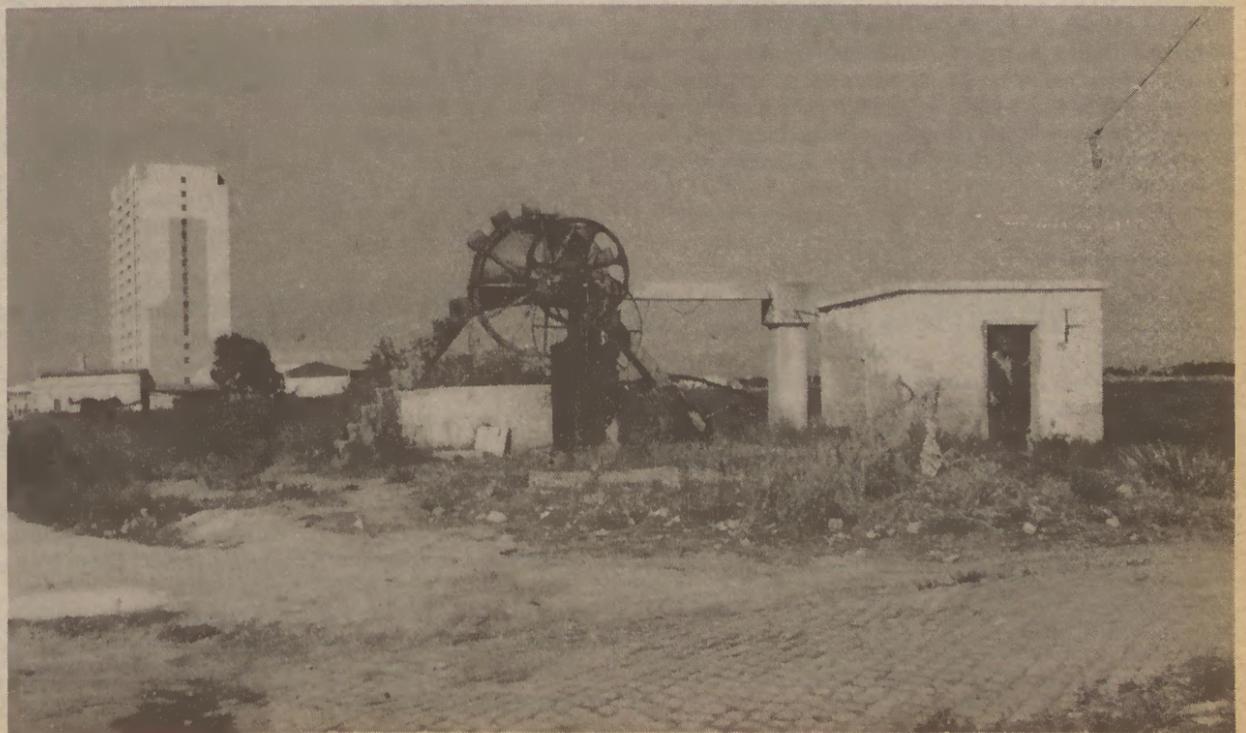
No quadro de uma situação económica a degradar-se continuamente, afectando gravemente a estabilidade e qualidade de vida de largos sectores da população, tais exposições de riqueza e de meios financeiros disponíveis, não contribuem igualmente para prestigiar a vida pública e as instituições do estado democrático, face à generalidade dos cidadãos, antes contribuindo para o seu desinteresse e afastamento.

Por outro lado, a DORAL do PCP protesta vigorosamente contra processos de chantagem e outras formas de condicionamento que estão a ser utilizados a partir dos vários níveis do aparelho de Estado laranja contra candidatos, procurando desta forma inqualificável impedir a sua legítima participação no próximo acto eleitoral.

Da mesma forma não pode deixar de condenar com veemência processos de aliciamento de candidaturas com base em ofertas e promessas várias nas quais entram futuros cargos, empregos ou promoções profissionais, situações que não abonam nem a seriedade de quem as promove nem tampouco inspiram qualquer confiança para o exercício de cargos públicos de quem as aceita.

Tais factos, em si mesmos, exprimem preocupantes deteriorações da vida democrática que não podem ser silenciadas e muito menos podem deixar de ser combatidos.

A DORAL do PCP, face à necessidade de dar contínua luta a esta política e a este Governo, processo no qual as próximas eleições autárquicas e a obtenção de um grande resultado por parte da CDU constituirá elemento decisivo, apela a todos os seus militantes e apoiantes para que não só se integrem na luta que decorre em defesa dos direitos dos trabalhadores como participem activamente nas várias acções da campanha eleitoral mobilizando para o voto na CDU todos aqueles que legitimamente aspiram a ver melhor defendidos os interesses das suas terras.



## TRABALHADORES

## GOVERNO CEDE GREVE NOS CONSULADOS É DESCONVOCA

Os trabalhadores consulares desconvocaram a greve marcada para a próxima segunda-feira, dia 4 de Outubro, revelou o Sindicato dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas, que conseguiu que finalmente do MNE o pagamento com retroactivos da actualização salarial deste ano. O STCDE há muito que exigia o pagamento dos novos salários com retroactivos desde Janeiro último, e a elaboração negociada do estatuto profissional da classe, prometida desde Dezembro de 92 pelo subsecretário de Estado adjunto do Ministro dos Negócios Estrangeiros. De facto as negociações foram concluídas e encerradas em 12 de Julho passado, «tendo-se verificado acordo entre as partes», refere o STCDE. Contudo, «estando o ano de 1993 a findar e enquanto se preparam as negociações na Administração Pública portuguesa para a actualização dos salários em 1994» estes trabalhadores ainda nem sequer tinham recebido a actualização de 1993. O STCDE viu na greve decretada a «resposta adequada à situação e a única susceptível de levar o MNE a respeitar os compromissos e garantias assumidos em sede negocial», o que como se prova foi remédio eficaz.

### LOIS NÃO PAGA

A Lois, marca de prestígio na confecção de calças, blusas e camisas de ganga, deixou de pagar os salários aos cerca de 170 trabalhadores, das fábricas de Alverca e do Porto, dos quais 75 por cento são mão-de-obra feminina.

A empresa, segundo afirma um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul, alega a falência da empresa-mãe em Espanha, e indica que não tem autorização para continuar a confeccionar a marca Lois, razão pela qual começou a atrasar o pagamento dos salários na ordem dos dois meses.

Os trabalhadores foram obrigados a suspender os contratos para poderem receber o subsídio de desemprego, na esperança que a Administração conseguisse ultrapassar os problemas comerciais e avançasse com a laboração da empresa, o que não aconteceu até ao momento, continuando a pairar sobre os 170 trabalhadores o espectro do desemprego.

### PROFESSORES DESVINCULADOS

Milhares de professores, grande parte deles profissionalizados, não estão colocados «nem sabem se a Administração considera ter alguma obrigação para com eles, uma vez que nem sequer a subsídio de desemprego têm direito», alerta uma nota do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

O SPGL recorda que «o Ministério da Educação continua sem dar notícias sobre a publicação do diploma legal da vinculação dos professores dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e secundário, com mais de quatro anos de serviço, apesar de ter anunciado na abertura do ano lectivo o acordo histórico com a FNE sobre esta matéria.

### STAL RECLAMA NEGOCIAÇÃO

O Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) condena a decisão do Conselho de Ministros de mandar publicar o Novo Sistema Retributivo aos Bombeiros Profissionais, municipais e Sapadores, «sem que para isso tivesse havido negociações com os sindicatos». Como refere um comunicado distribuído à imprensa, o STAL enviou um parecer ao Governo onde, «além das propostas que fez e das críticas

que transmitiu, sugeriu a calendarização do processo de negociação assinalando que o sentido e alcance do direito de negociação não se esgota na mera audiência escrita».

O sindicato afirma que vai acionar os «mecanismos constitucionais no sentido de fazer prevalecer os direitos dos Bombeiros Profissionais no respeito pelo direito à negociação».

### CGTP-IN QUER ORT'S NO ALQUEVA

A CGTP-IN enviou um protesto ao Primeiro-Ministro, reclamando a alteração da composição do Conselho Consultivo para a Comissão Instaladora da empresa do Alqueva.

Como salienta o texto da central sindical «tendo presente as disposições constitucionais que asseguram a participação das organizações representativas dos trabalhadores (...) bem como os objectivos cometidos àquele conselho, não se entende a razão por que não foi garantida essa participação».

De facto, o decreto lei que cria a Comissão Instaladora da Empresa do Alqueva determina a constituição de um Conselho Consultivo onde participam diversos representantes ministeriais, da CCRA, dos municípios integrados na área territorial do empreendimento e ainda de um representante das organizações de agricultores, ficando apenas de fora as organizações representativas de trabalhadores.

### CARTA ABERTA AOS CREDITORES

Os órgãos representativos dos mineiros de Aljustrel defendem em carta aberta aos credores das Pirites Alentejanas SA a reabertura da mina, sublinhando que «é em torno das minas que se desenrola a montante e a jusante toda a actividade económica da zona».

Apelando à Assembleia de credores, que se realiza amanhã, para que viabilizem a empresa, os mineiros referem que «os custos sociais dum encerramento abrupto da mina teriam repercussões desastrosas em toda esta vasta área».

Por outro lado, a carta acrescenta que «a mina é viável, tem reservas suficientes para uma exploração capaz de rentabilizar o investimento efectuado».

# Telecom e CTT não assinam acordo

Uma nota da Federação Nacional dos Sindicatos das Comunicações, Telecomunicações e Audiovisual (FCTA) afirma indica que, «contrariamente a várias notícias divulgadas por alguns órgãos de comunicação social, a maioria dos trabalhadores dos CTT-SA e da Telecom-Portugal-SA não assinaram os acordos de empresa, propostos pela administração».

A FCTA sublinha que nos CTT-SA, «as organizações de trabalhadores, largamente maioritárias (FCTA, SNTCT e SINTEL), não assinaram o acordo». Como refere a Federação, «o SNTCT é de longe o Sindicato mais representativo dos CTT-SA».

Relativamente à Telecom-Portugal-SA a situação repete-se já que «as organizações de trabalhadores largamente maioritárias (FCTA, SINTEL e SNTCT) não assinaram o acordo».

Nesta empresa, «o SINTEL é de longe o sindicato mais representativo dos trabalhadores». Por outro lado, as organizações que assinaram o acordo representam apenas «500 dos 10 189 trabalhadores da empresa», afirma a Federação baseando-se em números fornecidos pela própria empresa, no passado mês de Julho.

Um comunicado da FCTA acusa o Sindetelco e o Sicomp de venderem «ao desbarato direitos e regalias dos seus associados».

«Ao assinarem o Acordo que a administração da Telecom lhes impôs, tentando eliminar um conjunto de direitos e regalias conquistados ao longo dos anos pela FCTA, SINTEL e SNTCT, o Sindetelco e o Sicomp mais não fizeram que mostrarem sem qualquer pudor, a sua verdadeira orientação: assinar a qualquer preço, sabe-se lá a troco de quê, tudo o que a Administração/Governo lhes mandaram assinar, na tentativa de retirar direitos e regalias conquistados quase sempre através da luta, da qual eles sempre se mantiveram alheios».

A FCTA, SINTEL e SNTCT afirmam que vão continuar lutar no sentido de formalizar o primeiro Acordo de Empresa na Telecom, admitindo mesmo recorrer à greve para atingir aquele objectivo.

Refira-se ainda que o acordo assinado pelo Sindetelco e Sicomp estabelece um aumento na tabela salarial de apenas 5 por cento; não avança na área das carreiras, nomeadamente na redução do número de anos de passagem entre os vários níveis, a equiparação dos grupos profissionais por nível de qualificação, entre outras reivindicações dos trabalhadores. Acresce que segundo a FCTA «foram acordadas algumas cláusulas que afectam gravemente os trabalhadores, como são exemplo as admissões e a fixação de dotações».

# Criação do IPJ visa calar associações

## — acusa Inter-Jovem

A Interjovem alertou em conferência de imprensa que o Governo se prepara para extinguir o Instituto da Juventude e criar, em seu lugar, o Instituto Português da Juventude.

Para a organização juvenil da CGTP-IN, «esta alteração pretende, tão-só, reduzir drasticamente a participação das organizações juvenis na definição da política para a juventude».

A Interjovem condena o facto de «depois de ano e meio sem ter sido convocada qualquer reunião do Conselho Consultivo da Juventude, o ministro Marques Mendes convocou, finalmente, em Agosto passado, uma reunião para, entre outros aspectos, apresentar o projecto de extinção do Instituto da Juventude e a criação do IPJ».

Nesta reunião, a Interjovem decidiu suspender a sua participação naquele organismo, já que o ministro «não queria um parecer, mas apenas uma opinião, para depois poder dizer que tinha ouvido as associações juvenis e que todas estavam de acordo».

Para a Interjovem, «a actuação do Instituto da Juventude tem sido marcada, ao longo de vários anos, pela atribuição de subsídios a quem está ao lado do Governo e de acordo com a sua política, excluindo quem, de facto, assume uma postura independente dessa política e afirmam não existir uma verdadeira política de juventude».

Contudo, a criação do IPJ «pretende agravar estes aspectos negativos». Tal diploma, acrescenta a organização, vai «gerar um menor apoio ao associativis-



mo juvenil» e «diminuir a sua participação em espaços muito importantes, como sejam os centros de juventude e os respectivos fóruns que passam a ter um carácter meramente consultivo».

Por outro lado, será

aumentado o poder tutelar do Governo na nomeação dos directores regionais, que passará a ser feita por despacho do Primeiro-Ministro e do membro do Governo responsável pela área da Juventude.

Segundo a Interjovem, a

par de centenas de jovens que trabalham actualmente no IJ verem os seus postos de trabalho ameaçados, «o Governo prepara-se para utilizar o Registo Nacional das Associações Juvenis para excluir as associações sindicais e outras de todo este processo».

Com a extinção do IJ e a criação do IPJ, «o Governo afasta o Conselho Nacional de Juventude de todos os quadrantes da sociedade portuguesa, da participação nos destinos do IPJ», afirma esta a estrutura juvenil que acrescenta: «esta posição vem declaradamente, juntar-se a outras que tem tomado no sentido de ignorar o CNJ e os importantes contributos que tem dado para o desenvolvimento do associativismo juvenil».

# Enfermeiros dão prazo ao Governo

## — greve pode ser decretada em Novembro

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses pode decretar uma greve em Novembro caso o Governo não reabra o processo negocial sobre o estatuto profissional até ao dia 20 de Outubro. Esta foi a principal decisão, aprovada por unanimidade, no decorrer de três plenários realizados a semana passada, nas cidades do Porto, Coimbra e Lisboa.

Os enfermeiros decidiram ainda exigir a intervenção dos grupos parlamentares, da Comissão Parlamentar e do Presidente da República, durante o referido período, «de forma a poder serem evitadas as consequências da greve», refere a resolução aprovada pela classe.

O texto da resolução aponta ainda para «uma campanha de denúncia junto da população em geral integrando-a, nomeadamente, na Estafeta da Solidariedade», promovida

pela CGTP-IN e que termina amanhã, em Lisboa.

Os enfermeiros consideram que «o Governo manifesta um claro desprezo pela necessidade de resposta aos anseios dos enfermeiros», designadamente quanto à «clarificação de responsabilidades dos enfermeiros face aos cuidados de saúde à população». Por outro lado, o SEP acusa o Governo de «manter zonas cinzentas eventualmente para poder livrar-se das suas próprias responsabilidades dos serviços de saúde dele dependentes».

O sindicato considera ainda que «a tentativa de procurar confundir no seio dos enfermeiros a necessidade da ordem sem existência do estatuto profissional, é uma forma imediata que mais servirá a desresponsabilização do Governo do que garantir a unidade da classe para garantir a sua autonomia».

**CGTP-IN comemora 23.º aniversário**

# Estafeta da Solidariedade

## termina amanhã em Lisboa

Iniciada na passada sexta-feira, em Viana do Castelo, a Estafeta da Solidariedade, promovida pela CGTP-IN será encerrada amanhã em Lisboa, na Largo Luís de Camões, com um comício que marcará também o 23º aniversário da central sindical.

A Estafeta terá entretanto passado por todos os distritos e pelas principais cidades do País, onde sindicalistas e trabalhadores de variados sectores e empresas participam em diferentes iniciativas de sensibilização, protesto e de luta contra a política do Governo «que tem tanto de errada como de injusta».

A Estafeta da Solidariedade partiu simultaneamente de Braga e de Faro, na passada segunda-feira, sendo o testemunho constituído por dossiers respeitantes à situação económica e sociolaboral de cada região. Estes documentos foram passados entre os trabalhadores das regiões geograficamente contíguas e deverão ser reunidos amanhã em Lisboa.

O coordenador da central, Carvalho da Silva, que tem acompanhado a Estafeta, salientou em Braga, «não se ganha o futuro sem responder aos problemas do presente», manifestando convicção de que é possível evitar muitas falências, combater o aumento do desemprego e as rupturas sociais que começam a verificar-se no

seio de muitas famílias, desde que sejam tomadas pelo Governo as medidas adequadas.

Para este dirigente sindical, o Governo tem condições para agir «definindo estratégias políticas adequadas, designadamente, exigindo a intervenção dos organismos que estão na sua dependência, como os governos civis, centros de emprego, centros regionais de Segurança Social, administrações regionais de Saúde, Inspeção Geral do Trabalho e IIEFP».

Para além de Braga e ainda na segunda-feira, diversas outras acções tiveram lugar nos distritos de Castelo Branco, Faro, Porto, Setúbal e Vila Real. No dia seguinte, envolveram-se os trabalhadores dos distritos de Beja, Guarda, Portalegre, e ontem, quarta-feira, iniciaram as suas acções os trabalhadores de Aveiro, Coimbra e Viseu.

Hoje, quinta-feira, a estafeta deverá chegar aos distritos de Évora, Leiria e Lisboa.

Por fim, amanhã, último dia da iniciativa, estão marcadas acções no distrito de Santarém, bem como continuarão noutros pontos do País, com destaque para Lisboa, onde discursará Carvalho da Silva, pelas 17.30 horas, momento que será precedido por concentrações no Parque Eduardo VII/Marquês de Pombal e no Cais do Sodré pelas 16.30 horas.



## 4 mil desempregados por mês no distrito do Porto

Dados estimados pela União dos Sindicatos do Porto (USP) indicam um aumento significativo do desemprego no distrito, cujo número total pode atingir ainda antes do final do ano cerca de 70 mil pessoas «se não forem resolvidos os graves problemas que atingem muitas empresas do distrito e se o Governo persistir na aplicação da Lei dos Disponíveis».

A USP estranha que perante um aumento do «número de desempregados que mensalmente se inscrevem nos centros de emprego do distrito (de 3500/mês no início do ano passou para uma média de 4000 mês entre Março e Julho) o IIEFP apresente uma ligeira diminuição do número global dos trabalhadores desempregados».

Para que tal fosse possível, indica a USP, «era necessário que entre Março e Julho deste ano se tivesse criado cerca de 20 mil novos empregos», quando «as novas ofertas de emprego surgidas no IIEFP são em média de apenas 400 por mês».

Acresce que, segundo dados da União dos Sindicatos, existem «mais nove mil postos de trabalho ameaçados de desemprego a curto prazo estando já em muitos casos, com salários em atraso». Esta situação surge devido à contínua «desindustrialização do distrito seja no sector têxtil e no vestuário, seja na metalurgia, conservas, estando também ameaçados sectores como o químico e o das indústrias eléctricas».

### Descentralizar o PDR

A União dos Sindicatos do Porto manifesta ainda preocupação em relação ao futuro já que, refere, «as enormes carências» em infra-estruturas várias, «os desajustamentos estruturais» que persistem nos sectores produtivos e «as insuficiências graves» ao nível da instrução e qualificação da população «exigem uma particular atenção e maior investimento na região».

É nesta sequência que a USP, criticando as «conhecidas disparidades em financiamento público, via Orçamento de Estado, designadamente, os investimentos do PIDDAC em

infra-estruturas e equipamentos sociais», insiste na «necessidade de descentralização e participação de todo o processo de decisão, gestão e acompanhamento da execução do PDR e dos fundos comunitários» que se prevêem para o distrito do Porto.

Contudo, a União considera desde já que «não estão suficientemente acautelados os interesses do distrito seja pelos relativamente escassos meios financeiros disponibilizados para a intervenção operacional regional do Norte (apenas 104 milhões de contos em subvenções comunitárias), seja nos exemplos que são referidos relativamente ao distrito para as diversas intervenções operacionais a nível nacional, com especial incidência para o sector produtivo e para as infra-estruturas de transportes e comunicações, ambientais, em habitação social e para equipamentos nas áreas da educação, da saúde e da segurança social».

### Braga

Por seu turno, a União dos Sindicatos de Braga alerta para a profunda crise que está a afectar o distrito, com graves consequências sociais. 12 mil trabalhadores têm salários em atraso, mais de 15 mil estão a receber subsídios da Segurança Social, enquanto muitos outros milhares que ainda conservam os empregos recebem salários de miséria, não recebendo qualquer aumento salarial desde Janeiro de 1992.

A USB protesta ainda contra a actuação do Instituto de Desenvolvimento e Inspeção das Condições de Trabalho (ex-IGT), acusando-a de não cumprir a sua missão «com insenção e postura a que é obrigada».

A USB está já a encarar a possibilidade de «começar a apresentar todos os casos directamente ao Provedor de Justiça e ao Ministério Público como única forma acessível de se fazer justiça com rapidez e isenção. E não afastamos a hipótese de apresentar queixa da IDICT ao Provedor da Justiça, se não se resolverem favoravelmente os casos pendentes», afirma a USB.

## Mais milhões para destruir a Siderurgia

Despedir até 1996 mais 1515 trabalhadores, encerrar mais unidades produtivas e eliminar várias gamas de fabrico é o novo plano de reestruturação da Siderurgia Nacional (SN), onde o Governo se propõe gastar mais 103 milhões de contos.

A Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal (FSMMMP) que protesta em comunicado contra esta «reestruturação», recorda que já na anterior reestruturação concluída em 1991, foram dispendidos 100 milhões de contos, traduzindo-se aquela na redução para metade dos trabalhadores (de 6350 apenas ficaram 3141) e na eliminação de várias gamas de fabrico, tais como carris e outros perfis pesados que Portugal está agora a importar.

A Federação imputa as responsabilidades ao Governo Cavaco Silva no crime que está a cometer contra os interesses nacionais e contra os trabalhadores da SN.

«Gastar 200 milhões de contos à sombra das reestruturações, despedir mais de 4600 trabalhadores para entregar a empresa ao capital estrangeiro» é uma política a FSMMMP qualifica de criminosa feita «à custa dos dinheiros públicos e do sacrifício dos direitos dos trabalhadores portugueses».

## Tolerância às multas teve boa adesão

A tolerância às multas por transgressões ao código da estrada está a ter «uma óptima adesão» dos agentes da PSP, mas até ao momento «ainda não houve qualquer reacção do comando», segundo revelou na terça-feira à Agência Lusa a Associação Socio-Profissional da Polícia (ASPP).

A ASPP que desencadeou durante três dias esta acção que ontem terminou, afirma que provocou «uma grande queda» do número de multas passadas.

A iniciativa de protesto visou pressionar o comando-geral da PSP a arquivar os processos disciplinares contra

os subchefes José Carreira e Maria Goreti, visados com pena de expulsão, e Alberto Torres, que o comando quer suspender.

José Carreira, coordenador da ASPP, disse ainda à Lusa que a falta de resposta às reivindicações dos agentes conduzirá a novas formas de luta. Recorde-se que ASPP pretende ainda a revisão das remunerações, com a criação de subsídios de risco e de turno, e a melhoria das condições de trabalho, nomeadamente a dotação de postos policiais e de meios que permitam aos agentes «exercer as suas funções com mais dignidade e eficácia».

# Carlos Carvalhas nas Jornadas Parlamentares em Almada

## PSD promete o futuro para não falar do presente

Para preparar a estratégia parlamentar para a sessão legislativa que começa no próximo dia 20 de Outubro, os deputados comunistas iniciaram na passada terça-feira, em Almada, as jornadas parlamentares, em cuja sessão Carlos Carvalhas proferiu o discurso que aqui publicamos. Refira-se que as jornadas decorreram em três sessões, e se prolongaram até ontem, dia em que os deputados efectuaram diversos contactos e visitas a instituições de Almada e do Seixal.

Esta reunião do Grupo Parlamentar tem por objectivo preparar a nossa intervenção para a próxima sessão legislativa na AR. É uma sessão importante que vai decorrer num período em que a crise económica e social se vai acentuar e em que o Governo e a sua maioria vão procurar marcar o calendário político com factos laterais com manobras de diversão e com alguma guerrilha verbal para afastar a atenção da opinião pública das suas responsabilidades e dos reais problemas do país.

As manobras de diversão e a guerrilha verbalista para alimentar uma falsa oposição e uma fantasiosa bipolarização já se vêm desenhando há meses quer com as truculentas afirmações de João Jardim, quer com o magno diferendo que tem mantido o país em «suspensão» e de cuja resolução dependerá um mais decisivo combate ao desemprego, à eliminação dos salários em atraso e o relançamento económico e que é o de se saber onde é que o sr. Primeiro-Ministro ou o S-G do PS têm o coração!

Como se entre as concepções dum sr. Ballardur e as concepções dum sr. Rocard houvesse uma grande diferença, como se a mudança necessária e urgente se situasse apenas num ponto acima ou num ponto abaixo em tal ou tal variável económica, ou ainda, e a título de exemplo, como se as graves questões de segurança das populações fosse a miraculosa escolha entre as superesquadras à Hill Street ou as «polícias municipais» tipo guarda nocturno e vista grossa às obras clandestinas.

E para dar mais credibilidade a tão magno problema, certos órgãos de comunicação social mais afectos ao PSD ou ao PS têm procurado alimentar o serôdio folhetim com umas ditas sondagens de fim-de-semana.

Só que, por mais que se componha o cenário, por mais que a voz engrosse para emprestar seriedade à diferença, por mais que se procure mostrar o casal desavindo a verdade é que não há disfarce nem cosmética da última hora que esconda:

1. Que a política seguida pelo PSD, principal responsável pela crise actual, teve o impulso necessário na revisão Constitucional feita em 89 com o PS, no entusiástico apoio dado por este partido a

Maastricht e a tudo o que ele representa no domínio social e económico; no silêncio cúmplice às escandalosas privatizações de empresas básicas e estratégicas...

2. Que a maior parte das sondagens como já foi afirmado, são encomendadas e pagas por quem as comenta procurando fabricar (artificialmente) opiniões maioritárias para pressionar os indecisos e os isolados isto é, os mais desenraizados politicamente e menos resistentes à ideologia político-mediática.

Mas no âmbito das mistificações insere-se também a decisão atribuída ao Presidente do PSD de não participar na campanha eleitoral das autárquicas. É uma velha posição do PSD.

Aos ministros e secretários de Estado fica reservada a campanha dos «sacos azuis», ao Primeiro-Ministro as inaugurações de modo a dar a ideia de que Cavaco Silva trata dos problemas do país, acima das lutas eleitorais enquanto as oposições tratam da disputa dos lugares...

A campanha directa fica, assim, reservada aos ministros e aos candidatos do PSD para preservarem a imagem do chefe. É neste quadro que Dias Loureiro defende que o acento tónico deve ser político e não económico para o PSD fugir do confronto com as consequências da sua governação e que Fernando Nogueira em Valença, num restaurante, onde, segundo as notícias não faltava o busto de Salazar, diga não esperar «palavras mansas no combate político que se avizinha».

Uma outra mistificação em que o PSD está embalado, consiste em prometer o futuro para evitar que se abordem os graves problemas do presente e as soluções necessárias. São as promessas de casas para o futuro, de hospitais para o futuro, de crescimento económico para o futuro. Em Outubro do ano passado, aquando da discussão do Orçamento, dissemos claramente ao sr. Primeiro-Ministro que se continuasse com a mesma política, chegaríamos ao fim do ano com um crescimento negativo no produto e com quebras significativas no investimento e nas exportações. A resposta de que as posições do Governo eram realistas não se fez esperar com a conhecida prosápia e

auto-suficiência. Agora é o Banco de Portugal que não só confirma oficialmente a crise como nos dá, infelizmente, razão: diminuição do produto, diminuição do investimento, diminuição das exportações.

Não podendo esconder a situação, os estrategos do PSD resolveram transferir a teoria do «oásis» e a tese de que estávamos a «chegar ao cimo da montanha» para o Plano de Desenvolvimento Regional até ao ano 2000.

Assim, é ver o Primeiro-Ministro, ministros e secretários de Estado a repetirem que em 1994 é que é. Em 1994, diz com solenidade Cavaco Silva entramos em mais um ciclo de crescimento!

O PSD, com a sua política de cangalheiro de empresas, e de sectores

desemprego e exclusões sociais.

O que acabamos de afirmar é também sublinhado pelo debate recentemente efectuado pelo PSD sobre o «poder dos juizes e da comunicação social» que ilustra a sua orientação de procurar bodes expiatórios para a crise. As teses aí explicitadas vêm, por outro lado, na sequência da sua tese sobre as «forças de bloqueio».

O que está em causa é a recusa de aceitar as formas normais, de controlo de poder numa sociedade democrática.

O que está em causa é a tentativa de obter uma magistratura obediente ao poder instalado, que abdique da sua independência e aceite formas de manipulação e controlo.

**“Aos ministros e secretários de Estado fica reservada a campanha dos «sacos azuis», ao Primeiro-Ministro as inaugurações de modo a dar a ideia de que Cavaco Silva trata dos problemas do País, acima das lutas eleitorais enquanto as oposições tratam da disputa dos lugares...”**

inteiros, como é o caso da agricultura, promete o futuro para não falar do presente. Mas qual futuro? O de um ainda mais distanciamento económico e social em relação à média comunitária, o de um futuro de maiores dificuldades para os trabalhadores e pequenos e médios empresários, um futuro de maior dependência e alienação da soberania nacional. Quem arruina o presente está a comprometer o futuro sejam quais forem os slogans propagandísticos que use e a política-espectáculo que utilize.

O Governo procura evitar que os cidadãos se interroguem sobre os fundamentos de uma lógica que produz simultaneamente mais riqueza,

O PSD ainda recentemente viu declarada a inconstitucionalidade de um diploma (mais um) que ia nesta direcção.

A questão que este debate coloca não é só a demonstração de que o PSD procura insistentemente encontrar técnicas e manobras de diversão que desviem as atenções da crise económica e social da sua incapacidade para a resolver.

É também a desadaptação do PSD a governar no quadro do regime democrático consagrado na Constituição da República, aceitando como normais e necessárias a presença e intervenção de uma magistratura dignificada e independente e de uma comunicação social pluralista, liberta do domínio e

manipulação do poder político e do poder económico.

Camaradas,

Nestas jornadas parlamentares vão-se aprofundar algumas linhas de força sobre a nossa actuação na próxima sessão legislativa.

**Creio que a nossa postura deverá continuar a ser a rejeição da política espectacular e a de procurar com seriedade dar resposta aos principais problemas do país.**

Confrontar o Governo com os nossos projectos de lei e com as nossas propostas, intensificar a fiscalização e o controlo democrático, dar voz àqueles que não têm voz, e defender os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos. Neste campo as perseguições feitas a sindicalistas e aos activistas das Forças Policiais é para nós inaceitável.

Neste enquadramento é também de grande importância a nossa atenção com a área social, e daí se insere a decisão já tomada, de reapresentarmos os nossos projectos de lei relativos à situação social, como é o caso do projecto de lei do rendimento mínimo garantido.

Uma outra questão que vai merecer a nossa atenção redobrada, face ao agravamento da crise, é sem dúvida o debate sobre o Orçamento de Estado e sobre o objectivo do Governo e «asfixiar» financeiramente as autarquias.

O anúncio de que o Fundo de Equilíbrio Financeiro, dos municípios não aumentará em 1994 (o que significa uma redução equivalente à taxa de inflação) não encontra qualquer justificação na crise económica e social, ao contrário do que pretende o PSD.

Pelo contrário, numa situação de crise, as receitas das autarquias permitiriam obras públicas e realizações culturais, desportivas e outras, que melhorariam as condições de vida e poderiam contribuir para travar o crescimen-

to do desemprego. O corte dessas receitas conduz a impedir obras, pôr em causa empregos e realizações, afectar mesmo a capacidade de as autarquias concorrerem a fundos comunitários, já que poderão não ter verbas para suportar a parte que lhes caberia.

Resta saber se este corte de verbas não resulta também da previsão do PSD de que vai perder nas eleições autárquicas os principais concelhos, cidades e centros populacionais.

Pela nossa parte, interviremos na ANMP, na ANA-FRE, e nas autarquias, em luta contra estas medidas e apelamos para a luta de todos os que são a favor do Poder Local democrático.

Comprometemo-nos, por outro lado, a intervir na AR, no sentido de propor que seja cumprida a Lei das Finanças Locais, em vigor e asseguradas às autarquias as verbas a que têm direito.

Camaradas,

Pela nossa parte, tudo faremos para que se dignifique o papel da AR, para que os principais problemas do país sejam debatidos, para que os fogosos duelos verbais, ampliados pelos cultores da informação-espectáculo não escondam as questões essenciais ou os acordos de corredor sobre as questões de fundo.

Continuaremos a lutar pela defesa do aparelho produtivo e a combater as negociatas e os benefícios às aplicações especulativas e parasitárias. Daremos uma importância especial às questões do emprego e da distribuição do Rendimento Nacional que se encontra ao nível de 1986 (a parte do trabalho sem contribuições patronais está em 44,8%).

Directamente ligados com os trabalhadores e com o povo continuaremos a honrar os nossos compromissos e a mostrar que aqueles que em nós confiaram tiveram razões para o fazer.

## Deputados comunistas visitam município de Évora

Na passada sexta-feira, 24 de Setembro, uma delegação do Grupo Parlamentar do PCP, constituída pelo seu presidente e membro da Comissão Política, Octávio Teixeira, e por Lino de Carvalho, deputado eleito pelo círculo, acompanhados dos camaradas Raimundo Cabral, membro do Conselho Nacional, e Diamantino Dias, membro da DOREV, visitou durante todo o dia o município de Évora, onde foi recebida pelo seu Presidente, Abílio Fernandes, e vereadores em regime de permanência. Após um encontro e reunião na Câmara onde o executivo eborense fez uma detalhada exposição das realizações da autarquia e dos principais problemas existentes, a delegação visitou um conjunto habitacional em regime de construção cooperativa tendo reunido com as direcções das cooperativas Boa Vontade e Habitévora.

Os deputados comunistas e restante delegação visitaram ainda o enorme conjunto de obras várias que estão a facilitar

e a transformar o trânsito em Évora, a Estação de Tratamento de Águas e deslocaram-se ainda a uma freguesia semi-rural, os Canaviais, onde reuniram com a respectiva Junta e a Associação de Reformados.

Ao deputado eleito por Évora, Lino de Carvalho, coube fazer o balanço do trabalho parlamentar desenvolvido na anterior sessão legislativa.

O deputado comunista ao apresentar as principais linhas de intervenção para a próxima sessão legislativa, revelou como primeira iniciativa, a apresentação de uma proposta de audição parlamentar sobre o Hospital do Patrocínio cuja situação de paralisação e indefinição se prolonga há anos e que a polémica recentemente reacendida entre a União das Misericórdias e o ministro da Saúde, com prejuízo para a população e Governo e para todo o Alentejo, trouxe de novo para primeiro plano.

## COMUNIDADE EUROPEIA

# FMI defende liquidação de regalias sociais

Há uma necessidade urgente em quase todos os países de reexaminar o financiamento e a generosidade global dos regimes de segurança social, com o objectivo de eliminar os elementos que desencorajam a criação de novos empregos - quem o afirma é o Fundo Monetário Internacional (FMI), no seu recente relatório sobre as perspectivas da economia mundial.

Igual a si próprio, o FMI insiste nas velhas receitas de sempre para fazer face aos problemas gerados por um sistema que persiste em considerar como o único possível: acabar com os "elevados" encargos sociais das empresas, com a "generosidade" dos subsídios de desemprego, com o "muito elevado" salário mínimo, com as "muito rígidas" regras de protecção ao emprego, que classifica de factores "desmotivadores" da criação de postos de trabalho.

No seu relatório, o FMI prevê ainda que o número de reformados vai aumentar no futuro, pelo que defende sérias restrições nas despesas com a saúde, o aumento da idade de reforma e a redução dos subsídios, para fazer face às despesas com os

novos pensionistas.

É uma receita bem ao gosto do capital. Um pouco mais, e está-se a defender o trabalho de sol a sol, as praças de jorna, o fim das férias e - por que não? - a eliminação dos velhos com uma qualquer injeção.

O que é preciso é que o lucro a arrecadar pelas empresas seja suficientemente atraente para que os senhores do capital se sintam inclinados a criar novos empregos que gerem mais riqueza sem provocar mais custos. Acabar com a "generosidade" social, essa modernice que reconheceu aos trabalhadores o direito a um salário digno, o direito à saúde, ao descanso, à velhice. Numa palavra, pôr os trabalhadores a trabalhar mais e a receber menos, a exemplo do que sucedia nos tempos da escravatura, em que a mão-de-obra era mantida viva com o mínimo necessário para que produzisse e procriasse em prol de um sistema que nem a condição humana lhe reconhecia.

Numa Europa em crise - as estimativas apontam para um crescimento de menos 0,2 por cento para os Doze, em que a factura de recessão continua a ser paga pelos trabalhadores, as receitas do

## O «bom» exemplo

Nem tudo é mau no reino da economia e não é por acaso que o relatório do FMI aponta os países em desenvolvimento como o "motor" do crescimento da economia mundial.

Enquanto nos países industrializados a crise atingia o seu apogeu, nos países asiáticos em desenvolvimento as taxas de crescimento foram aumentando: cerca de seis por cento na década de 70, cerca de sete por cento na década de 80 e prevê-se sensivelmente a mesma até finais dos anos 90. O segredo é simples: investimento estrangeiro (sobretudo japonês) e "dumping" social, o que permitiu às empresas instaladas naquela parte do mundo esmagar literalmente as suas concorrentes nos países industrializados.

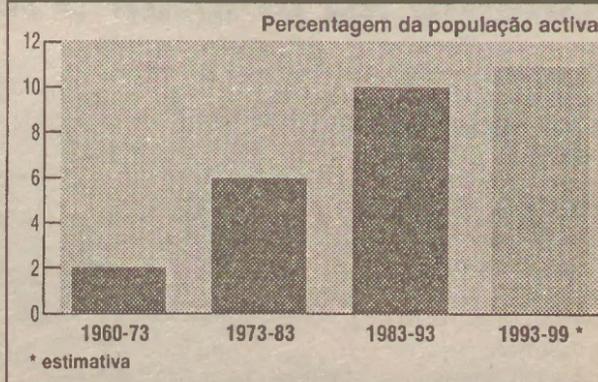
O próprio sistema de liberalização de mercados e capitais ditou o resultado - crescimento económico nalguns países em desenvolvimento e desinvestimento, fraco crescimento económico e aumento do desemprego nos países industrializados. Na Europa comunitária, o ritmo de crescimento económico nas últimas duas décadas foi de apenas dois por cento, enquanto a taxa de desemprego não parou de crescer, passando de apenas 2,1 por cento na década de 60 para seis por cento na década seguinte, quase dez por cento entre 1983 e 1993, prevendo-se que continue a aumentar até final dos anos 90.

Os quadros comparativos publicados em separado falam por si e "justificam" a tese do FMI em defesa da terceirização da mão-de-obra na Comunidade.

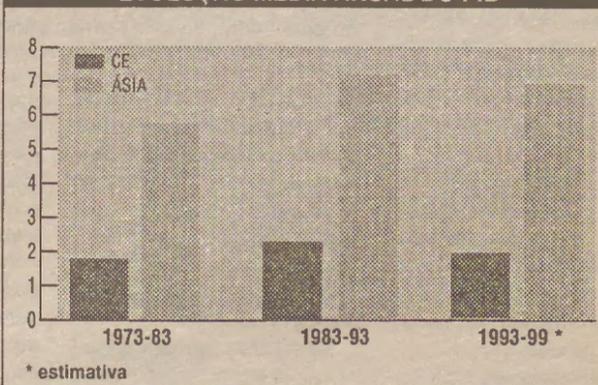
FMI devem parecer ouro sobre azul. Preocupados que estão com a coesão económica e monetária, os Doze há muito que deixaram cair

no esquecimento a coesão social e remeteram para as calendas os propalados benefícios da revolução tecnológica que havia de dar ao

### DESEMPREGO NA COMUNIDADE EUROPEIA



### EVOLUÇÃO MÉDIA ANUAL DO PIB



homem o direito a uma vida cada vez melhor. Neste fim de século que se aproxima, as perspectivas são bem diferentes e a luta dos traba-

lhadores pelos seus direitos e em defesa das suas conquistas continua, como no passado, na ordem do dia.

## Guerra da água agita Comunidade

Se a indústria química europeia conseguir alcançar os seus objectivos, os 400 milhões de consumidores europeus passarão a beber água poluída com pesticidas com o beneplácito das autoridades oficiais - quem o afirma são os ecologistas do "Greenpeace", em pé de guerra para a batalha da água anunciada com a projectada revisão da lei europeia sobre água potável.

A questão é simples: por um lado, Estados-membros e abastecedores, representados na Euroágua (união europeia das associações nacionais dos distribuidores de água), acham que é preciso "flexibilizar" os critérios de avaliação da qualidade do precioso líquido; do outro, o grupo ecológico "Greenpeace", que defende a necessidade de reforçar a qualidade da água.

A directiva que regula a questão data de 1980 e fixa em 0,1 micrograma/litro o limite máximo de concentração. Para a Euroágua, o limite é demasiado severo; para os ecologistas, mesmo esse limite não tem impedido que o estado da água, em alguns Estados-membros, seja "desastroso". como de resto evidenciam estudos feitos pela própria Comunidade.

Segundo o "Greenpeace", 65 por cento da água utilizada para fins agrícolas na CEE está contaminada com pesticidas.

Na verdade, o que está em



causa é a necessidade de despoluir um quarto da água potável dos Doze e melhorar a qualidade dos restantes 75 por cento de recursos existentes. O que significa, naturalmente, dispêndio de verbas. Verbas elevadas, como reconhece o próprio comissário da política de ambiente da Comunidade. "Temos de decidir - disse há dias Yannis Paleokrassas - quanto estamos dispostos a pagar para assegurar parâmetros elevados de saúde pública". Na sua opinião até que nem é muito: "mil litros de água

potável custam em média um ecu (194 escudos), contra dois litros de água gasificada engarrafada e menos de um litro de cerveja".

Nem todos pensam da mesma maneira. E não deixa de ser curioso verificar como, também nesta "guerra", o famigerado princípio da subsidiariedade (descentralização de competências) volta a ser invocado de forma perversa. Defende a Euroágua - invocando os progressos técnicos e científicos -, não apenas a alteração da directiva em vigor -

que consideram demasiado rigorosa, recorda-se -, mas a sua substituição pela transferência para os Estados-membros, no respeito pelo princípio da subsidiariedade, de mais responsabilidades na fixação dos parâmetros de qualidade. O resultado é fácil de prever.

A questão está em aberto e a Comissão Europeia, a quem compete rever a directiva, terá a última palavra. Mas numa matéria em que o negócio é números, sobejam razões para reacear que se meta muita água.

## Inflação estabiliza

A taxa de inflação anual na Comunidade em Agosto último situou-se na ordem dos 3,5 por cento, contra os 4 por cento registados no mesmo período do ano passado, informou há dias o Eurostat, organismo estatístico da CEE.

Segundo aquela fonte, o índice europeu de preços ao consumo continua estável; desde Novembro de 1992, a inflação comunitária entre os 3,7 e os 3,4 por cento.

Em Portugal, de acordo com os dados oficiais, a inflação desceu de 9,3 por cento em Agosto do ano passado para 5,6 em Agosto último.

Nos países candidatos à integração na CEE, os índices de inflação correspondentes a Agosto eram de 2,1 por cento (Finlândia), 2,2 por cento (Noruega), 3,4 por cento (Áustria) e 5,2 por cento (Suécia). Por seu turno, os índices japonês e norte-americano registavam, respectivamente, 2,1 por cento (contra 1,7 por cento em 1992) e 2,8 por cento (contra 3,1 por cento).

As taxas de inflação nos Estados-membros da CEE em Agosto último, comparadas com as igual período de 1992, eram as seguintes:

Dinamarca	1,2 por cento (2,1)
Reino Unido	1,7 por cento (3,6)
Holanda	1,9 por cento (3,6)
França	2,2 por cento em dados provisórios (2)
Bélgica	3,2 por cento (2,1)
Luxemburgo	3,7 por cento (2,1)
Alemanha (sem ex-RDA)	4,2 por cento (3,5)
Espanha	4,6 por cento (5,7)
Itália	4,9 por cento (5,1)
Portugal	5,6 por cento (9,3)
Grécia	14,6 por cento (5,3)

## Correcção

A semana passada, titulava-se nesta página "Novo regimento do PE dificulta grupos económicos". Era bom que fosse verdade, mas não é. Como se podia verificar logo no primeiro parágrafo do texto, o que o novo regimento dificulta, isso sim, é a formação de grupos no Parlamento Europeu. Trocas misteriosas que ocorrem nestas lides jornalísticas.

A rectificação aqui fica, com os nossos pedidos de desculpa.



## Angola

# Campanha de Solidariedade

## O balanço da primeira fase

Em encontro com a comunicação social, a Comissão Coordenadora da Campanha de Solidariedade com a luta do Povo Angolano pela Paz fez um sintético balanço da primeira fase desta campanha.

A Campanha de Solidariedade foi lançada em 5 de Abril, por um conjunto de cem organizações, registando a adesão de cerca de 6 mil assinaturas individuais e centenas de adesões colectivas, com destaque para as autarquias e sindicatos.

Neste período - e com resultados que a Comissão Coordenadora considera muito positivos, tanto nos aspectos políticos como humanitários - foi possível reunir 23 toneladas de alimentos, oportunamente entregues para serem enviadas para Angola, ao cuidado da organização não governamental, sediada em Luanda, "Mundo do amor".

Em Julho passado, e corres-



António Pedro, Pezarat Correia e Manuela Cunha na mesa, no encontro com a imprensa

pondendo a um pedido específico de solidariedade, a Campanha organizou o envio para Angola de 300 unidades de tuberculina, uma iniciativa que contou com o particular empenhamento do movimento dos municípios livres de armas nucleares (ZLAN).

Na segunda fase da Campanha, que agora se inicia, um

dos objectivos assinalados é a criação, em Angola, de campos para crianças desalojadas do Huambo - um dos mais graves problemas humanitários que se vivem neste país em guerra.

No que respeita aos aspectos políticos da campanha, foi elaborado um documento de que aqui reproduzimos largos extractos.

## A situação político-militar

"Ao povo angolano, aos povos do mundo, vai então pedir-se que continuem a pagar o preço de inqualificáveis oportunistas, da hipocrisia sem pudor, num apelo que terá como fundo, já o ouvimos, o coro dos arautos destes modernos "dogmas" - "esclarecendo", ou seja, para manter os equívocos - a classificar-nos como sectários, ingénuos, porque não mesmo românticos.

"E no entanto eles sabem bem que não é por opções filosóficas, políticas ou clubistas, por ingenuidade que assim reflectimos.

"E porque alguém, que no parecer da Comunidade Internacional é a Unita, prevaricou. E porque a Unita continua a prevaricar.

"Ao menos quanto a isto até o Conselho de Segurança das Nações Unidas está de acordo!"

Estes os últimos parágrafos do documento de balanço sobre a situação político-militar em Angola, da Comissão Coordenadora da Campanha de Solidariedade com o povo angolano, divulgado à imprensa em encontro que marca o fim da primeira fase desta campanha.

No documento, é historiado o processo político-militar que se tem vindo a viver em Angola desde as eleições, e as várias tomadas de posição assumidas em particular pelo Conselho de Segurança da ONU contra a Unita, sem que entretanto tenham sido tomadas medidas adequadas a uma inversão da situação.

Na análise da conjuntura internacional, "que não cessa de surpreender-nos neste final do Séc. XX", salientam-se as evoluções registadas no que se refere à África do Sul e ao Médio Oriente.

"Na África do Sul, a aprovação do Comité Executivo Transitório (TEC) a instalar até Outubro de 1993, entre outras com a função de fiscalizar as SADF (exército e forças de segurança do país), consolida a possibilidade de eleições livres e democráticas em Abril de 1994 e vai, com certeza, dificultar as manobras do exército sul-africano, internamente e na região.

"Neste contexto e com o ANC posicionado como partido vencedor, a intervenção de Pretória na região, nomeadamente em Angola, pelo menos como até aqui, em apoio total à Unita, parece estar a tornar-se cada vez mais inconveniente precisando, como precisa, o partido no poder, de preservar o melhor entendimento com o ANC. O recente acordo, assumido por Pretória, de transferência da administração total de Walvis Bay para o Governo da Namíbia, deverá por isso ser entendido como um sinal de eventual mudança de atitude por parte de Pretória.

"Os acordos de Gaza e Jericó (celebrados entre o Governo de Israel e a OLP) é bem provável que venham a colocar brevemente outro dos Estados tradicionalmente tidos

como ligados ao conflito armado de Angola, Israel, virado para a sua própria situação interna, mais preocupado com a consolidação do entendimento intramuros, menos permeável à intervenção directa ou indirecta naquele conflito."

Neste quadro internacional que tende a ser desfavorável à Unita, e em que esta, no plano interno, começa a perder terreno, o documento salienta o verdadeiro carácter da ofensiva diplomática da Unita.

"Das propostas da sua delegação (que em Portugal foi recebida - como se sabe - apenas pelo Chefe de Estado, Dr. Mário Soares) pode dizer-se que, no mínimo, eram ofensivas da inteligência até dos cidadãos mais desatentos, tão obviamente soavam à simples vontade de inverter o curso dos acontecimentos. A verdade porém é que desde o princípio se temeu que elas servissem de pretexto a outro adiamento da solução, a mais uma defraudação da esperança do povo Angolano, renovada em 15.7.93. E isso apesar do valor intrínseco que à ofensiva diplomática não pode ser regateado, de confessar as violações da Unita:

"a) dos Acordos de Paz (General Ben Ben: a Unita manteve e detém meios militares suficientes para reatar e prosseguir hostilidades, ou seja, a Unita não acantonou nem se submeteu ao controlo das Nações Unidas e do exército nacional);

"b) das Resoluções das Nações Unidas (General Ben Ben: a Unita declarará um cessar-fogo in situ, ou seja, sem recuar para as posições de antes do reatamento da guerra);

"c) do processo eleitoral democrático (General Ben Ben: a Unita quer negociar a partilha/reorganização do poder).

"Das declarações do General Ben Ben resultam, além disso, claras, as intenções da Unita de continuar a incumprir, no futuro, mesmo que o futuro venha a ser risonhamente negocial".

Por último, o balanço da Comissão coordenadora da campanha de solidariedade com o povo angolano salienta com particular ênfase as ambiguidades assumidas pelo Conselho de Segurança.

"De posse de provas da atitude da Unita, no passado e no presente, de posse de indícios de futuro incumprimento pela Unita (infelizmente na altura em que este relatório deveria terminar, coincidindo com o nosso último debate, o próprio cessar-fogo, "unilateral", lançado com atraso e grande confusão poderia não operar - dizia a Unita - porque, pame-se! - não obtivera o "acordo" da outra parte!), o Conselho de Segurança assumiu o adiamento e, pois, passivamente, a persistência de um conflito que o próprio Conselho afirma ser, simplesmente - passe a ironia - o conflito actual mais mortífero do mundo, uma autêntica catástrofe humanitária".

## Crianças

# O Relatório da UNICEF

Em simultâneo com alguns progressos realizados nos países em vias de desenvolvimento, no que se refere às condições de vida das suas crianças, nos países industrializados assiste-se a uma relativa degradação da situação da infância. Esta a conclusão da UNICEF, organização da ONU para a infância, em relatório recentemente divulgado.

Num estudo em que são considerados os progressos em matéria de saúde, nutrição, educação, planeamento familiar e promoção da mulher, a UNICEF salienta que a pobreza atinge ainda entre 5 e 20 por cento das crianças dos países industrializados.

Com 20 por cento das crianças a viver abaixo do limiar da pobreza, os Estados Unidos contam duas vezes mais crianças pobres que todos os outros países industrializados. Segue-se a Austrália, o Canadá e a Grã-Bretanha, com cerca de 10 por cento das crianças a viver abaixo do limiar da pobreza (rendimento familiar inferior a 40% do rendimento médio disponível). Nos Estados Unidos, a percentagem de mortes de jovens entre os 15 e os 24 anos é de 15,3 por 100 000. O que significa que é cinco vezes mais elevada que a do Canadá, país que vem em segundo lugar nesta lista.

A proporção de suicídios entre os 15 e 24 anos aumentou nos últimos 20 anos em 11 dos 14 países industrializados. No que se refere aos suicídios entre jovens, é na Austrália, na Noruega, Canadá e Suíça que as taxas são mais elevadas. Tendo duplicado em Espanha, esta percentagem só recuou na

República Federal Alemã, no Japão e na Suécia.

Segundo a UNICEF, "milhões de crianças dos países industrializados sofrem cruelmente da falta de disponibilidade de tempo por parte dos pais". O relatório assinala que "a perda da presença materna não foi compensada por um aumento do tempo consagrado pelos pais aos seus filhos".

Nos países em vias de desenvolvimento - refere a

UNICEF - alcançaram-se alguns progressos assinaláveis. Em pouco mais de uma geração, as taxas de mortalidade das crianças de menos de cinco anos foram reduzidas em mais de 50 por cento, as taxas de malnutrição em cerca de 30 por cento, e a esperança de vida aumentou de aproximadamente um terço. A taxa de escolarização passou de menos de metade para mais de três quartos.



Uma criança da rua, na Grã-Bretanha

## PCP participa em Festas da imprensa comunista

Dirigentes do PCP têm participado em diferentes festas de órgãos da imprensa comunista, realizadas neste mês de Setembro.

Henrique de Sousa e Vítor Santos, respectivamente membro do Secretariado do PCP e membro da direcção da Festa do "Avante!", estiveram de 10 a 12 de Setembro em La Courneuve, para participar na Festa de "L'Humanité".

Na Festa do "Mundo Obrero", que decorreu entre 17 e 19 de Setembro, em Madrid, esteve presente Manuela Bernar-

dino, suplente do CC e da Secção Internacional.

João Armando Santos, membro suplente do CC, representou o PCP na Festa do "Unsere Zeit", órgão do PC Alemão, realizada em Bottrop, Alemanha, a 25 e 26 de Setembro.

Nas festas de "L'Humanité" e do "Unsere Zeit" houve stands do "Avante!", que para o efeito editou um folheto especial, respectivamente em francês e alemão. Estes stands foram visitados por muitos emigrantes portugueses.

# Tensão e incerteza em Moscovo após golpe de Ieltsin

A tensão matém-se em Moscovo, de par de uma total incerteza quanto às perspectivas de evolução da situação de crise política que abala o país. Boris Ieltsin - que violando claramente a Constituição, ordenou a dissolução do Parlamento e a convocação de eleições legislativas para 11 e 12 de Dezembro - reafirma entretanto a sua oposição a eleições presidenciais e legislativas simultâneas, conforme tem sido proposto por representantes das regiões russas e pelos sindicatos.

Os representantes de uma centena de regiões russas adoptaram em São Peterburgo uma resolução que propõe a realização de eleições presidenciais e legislativas simultâneas na Rússia, antes do final deste ano.

A Assembleia decidiu igualmente propor uma "suspensão das decisões tomadas depois de 21 de Setembro", data da suspensão do Parlamento. De seguida a esta decisão - que Ieltsin diz ter assumido "em nome da democracia"! - os deputados votaram a destituição do chefe de Estado e a sua substituição pelo vice-presidente Alexandre Routscoi.

O projecto apresentado pelas reuniões russas propõe uma reunião do Conselho da Federação para 1 de Outubro, enquanto herdeiro do Congresso de Deputados, para assumir as funções do Parlamento dissolvido até às eleições.

Entretanto, a Federação Russa dos Sindicatos Independentes

defendeu que Boris Ieltsin deve anular o seu decreto de dissolução do Parlamento e pronunciou-se a favor da realização simultânea de eleições legislativas e presidenciais.

A aliança dos sindicatos aprovou uma declaração em que exorta Ieltsin a "restabelecer o regime constitucional", apelando ao mesmo tempo para o Congresso dos deputados do povo no sentido de aprovar uma nova lei eleitoral.

O Congresso é igualmente convidado a "fixar uma data para a realização de eleições legislativas e presidenciais simultâneas, o mais tardar em Fevereiro de 1994".

Também o Tribunal Constitucional e o vice-presidente Alexandre Rutscoi (proclamado chefe de Estado pelo Parlamento oficialmente dissolvido) pediram eleições simultâneas para superar a actual crise política.

Com o Parlamento cercado por tropas, uma clara crise política instalada e uma situação socioeconómica dramática, a incerteza é a marca dominante na vida destes dias na Rússia. Uma situação entretanto muito significativamente saudada pelos 7 países mais industrializados (Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão), que textualmente manifestaram a "esperança muito forte de que os últimos acontecimentos na Rússia ajudem este país a avançar decisivamente no caminho da reforma".

## PCP solidário com o povo russo

O Gabinete de Imprensa do PCP divulgou uma nota, sobre os acontecimentos na Rússia, que aqui transcrevemos.

1. Repetindo a tentativa de golpe de Estado de 20 de Março deste ano, então falhada, Boris Ieltsin anunciou ontem a promulgação de decretos seus que alteram a Constituição da Federação Russa, dissolvem o Congresso e o Parlamento, marcam eleições legislativas — tudo decisões que, não cabendo nas competências presidenciais, constituem mais um descarado abuso de poder com vista a, através desse golpe de Estado, eliminar quaisquer obstáculos institucionais à instauração de um poder pessoal ditatorial e arbitrário.

Causa a maior indignação verificar que estadistas de vários dos principais países capitalistas, bem como a NATO, que pretendem apresentar-se como campeões do Estado de Direito e dos princípios e da legalidade democráticos, se apressaram a dar crédito imediato ao seu apoio às medidas de Boris Ieltsin, uma vez mais se ingerindo abertamente nos assuntos internos da Rússia.

O PCP reprova vigorosamente que o Governo do PSD, numa nova e elucidativa demonstração das suas concepções e posições antidemocráticas, em comunicado hoje emitido pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, tenha manifestado pleno apoio às decisões ilegais e inconstitucionais de Boris Ieltsin.

2. É particularmente oportuno salientar que o curso autoritário, antidemocrático e de subversão da legalidade constitucional continuamente conduzido por Boris Ieltsin e pelos círculos reacçãoários que o rodeiam é inseparável instrumento da selvagem política de restauração capitalista na Rússia e da sua pilhagem pelo impe-



Boris Ieltsin com o ministro da Defesa, Pavel Gratchev, que se afirmou disposto a utilizar a força contra os deputados

rialismo. E essa política (ao serviço de uma voraz camada mafiosa que, em conluio com o grande capital internacional e com instâncias do poder, enriquece espantosamente pela especulação, a corrupção e o saque dos bens públicos) que é responsável pelo colapso e delapidação do aparelho produtivo, pela espoliação e a miséria da maioria da população, pela inaudita degradação das condições de vida e a liquidação das estruturas de segurança social, de educação, de saúde, culturais e científicas, pelo vertiginoso aumento da criminalidade impune e toda-poderosa, pelo alastrar do apodrecimento moral e do obscurantismo ideológico.

O dramático desastre social e regressão civilizacional em que, neste final do século XX, foi mergulhado o povo desse imenso país não podem deixar de causar uma

justa e emocionada indignação, revolta e condenação.

3. O PCP renova a sua profunda solidariedade com os trabalhadores e o povo da Rússia, com os comunistas e as outras forças democráticas e progressistas que lutam

contra projectos despóticos e autoritários e contra uma política que está infligindo ao povo russo dolorosos sofrimentos. E, porque a sua causa é justa, faz votos de que possam vencer a difícil prova que, de novo, estão enfrentando.

### Delegação do PCP à Síria

Domingos Lopes, membro suplente do Comité Central do Partido Comunista Português, participou na Síria no Festival do Jornal Nidal Al Shaab, do Partido Comunista Sírio, e no Simpósio «Papel dos mass media progressistas na nova ordem mundial».

Durante a sua estadia em Damasco, teve encontros com delegações do Partido Baas na Síria (no poder), PC Sírio, PC Sírio (unido), Frente Democrática de Libertação da Palestina, Frente Popular de Libertação da Palestina, Partido Popular Palestino, Partido Socialista do Egipto, Partido Comunista Jordano, Partido Socialista do Casaquistão. Nesses encontros foi manifestada a vontade de prosseguir e reforçar as relações existentes.

## Alemanha

Os mineiros do carvão alemães têm participado em várias acções de luta contra a ameaça de supressão de subsídios de Estado e de postos de trabalho.

Cerca de mil operários das minas "Consolidation" e "Hugo", na bacia do Ruhr, bloquearam o tráfego no centro da cidade de Gelsenkirchen, durante duas horas.

No "Land" do Sarre, mais de 10 mil mineiros paralisaram a extracção de carvão nas cinco minas da região.

Na véspera, mais de 80 mil mineiros da bacia do Ruhr tinham protestado contra a falta de cumprimento de promessas feitas quando da "Conferência do carvão", em 1991.

Os mineiros exigem que o acordo, que rege a utilização do carvão como fonte de energia na Alemanha e prevê um subsídio estatal de 115 marcos (cerca de 12 mil escudos) por tonelada extraída, se prolongue para além de 1995.

Os protestos dirigem-se também contra as ameaças de supressão de seis mil postos de trabalho nas minas de carvão até fins deste ano e de mais de 12 mil em 1994.

## Venezuela

Uma pessoa morreu e várias outras ficaram feridas quando a polícia de choque venezuelana utilizou granadas de gás lacrimogéneo e balas de borracha para dispersar uma manifestação estudantil em Caracas.

Os estudantes manifestaram-se na capital para exigir aumento de orçamento para a educação e melhores condições de estudo.

Para além do jovem assassinado, quatro estudantes foram internados no hospital com ferimentos provocados por balas e um número indeterminado de outros foi espancado com bastões. Um reporter fotográfico e um operador de câmara de televisão foram também internados após serem atingidos por balas de borracha.

As universidades venezuelanas reclamam do governo recursos para atenuar os seus défices.

A semana passada, cerca de 273 mil funcionários públicos dos 16 ministérios iniciaram uma greve por tempo indeterminado para exigir aumentos no salário mínimo.

## Chile

O movimento dos familiares dos presos políticos que desapareceram durante a vigência do regime militar chileno apresentou, a semana passada, uma queixa-crime, por injúrias, contra Pinochet.

Os familiares das vítimas do regime fascista decidiram processar o ex-ditador por este ter chamado "terroristas e bandidos" aos que lutaram contra a ditadura.

A acusação baseia-se no facto de Pinochet ter-se referido como "terroristas e bandidos" aos quase mil presos políticos desaparecidos durante a ditadura militar (1973-1990), no discurso proferido em 7 de Setembro no Rotary Clube de Santiago, no âmbito do 183º aniversário da independência do Chile.

## Nicarágua

A greve nacional de transportes públicos e privados prosseguiu na Nicarágua, enquanto confrontos registados em Manágua, entre manifestantes e polícias, levaram à morte de um comandante da polícia e de uma mulher.

A greve visa protestar contra um novo imposto sobre veículos e contra o aumento dos combustíveis. A gasolina aumentou em cerca de 25% nos últimos dois meses.

O secretário-geral da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), Daniel Ortega, atribuiu a responsabilidade deste novo surto de violência à presidente e ao ministro da presidência, Antonio Lacayo.

Numa declaração à rádio, o antigo presidente sandinista denunciou "a atitude repressiva de um governo que recusa o diálogo" e lançou um apelo para que seja "evitado um novo banho de sangue".

## EUA

O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, apresentou perante as duas câmaras do Congresso as grandes linhas do novo sistema de saúde, um dos pontos fortes da campanha eleitoral.

Nos Estados Unidos, único país industrializado onde o direito à saúde não é universal, há 37 milhões de cidadãos sem qualquer seguro que lhes garanta assistência médica e uma elevada percentagem da população dispõe apenas de uma cobertura limitada pelo custo, idade ou outros factores.

No novo sistema de saúde, a cobertura de base das necessidades em matéria de saúde deverá ser garantida por um seguro a ser pago em 80 por cento pela entidade patronal e em 20 por cento pelo assalariado. O Estado cobrirá parte das despesas da entidade patronal, em empresas com menos de 50 assalariados. Os trabalhadores independentes e os desempregados pagarão um prémio de seguro que não deverá ultrapassar 7,9 por cento dos seus recursos.

A cobertura diz respeito aos cuidados básicos de saúde, assistência médica e hospitalar, maternidade e urgências, medicamentos e despesas com análises. Mas é limitada no que se refere a cuidados dentários e ópticos e assistência psiquiátrica.

Após a sua adopção definitiva, prevista para 1994, o novo sistema deve ser implementado a partir de 1995, para estar operacional em Janeiro de 1997.

## Quadros

Nas drásticas reduções de pessoal nas empresas alemãs não têm sequer sido poupados os quadros superiores.

Na Bayer Leverkusen, gigante da indústria química, 10 por cento dos cargos de direcção deverão ser extintos a médio prazo.

A metalurgia Thyssen prepara-se para extinguir por completo dois dos seus níveis de decisão.

A União dos Quadros Superiores calcula que este ano haverá dez mil gestores alemães atingidos pela vaga dos despedimentos.

# Álvaro Cunhal visitou distritos da Guarda e de Coimbra



Gouveia



Gonçalo



Guarda

## Distrito da Guarda A CDU é necessária!

Álvaro Cunhal participou, na passada sexta-feira, pelas 21 horas, na Escola Preparatória de Gouveia, numa sessão-debate com apresentação de candidatos do Concelho de Gouveia. Mais de uma centena de pessoas enchiam a sala onde eram abundantes as bandeiras da CDU e do Partido.

O camarada João Abreu, membro do CC e responsável pelo Concelho, abriu a sessão anunciando os cabeças de lista à Câmara e à Assembleia, Dr. Luís Nogueira e Maria do Céu. E ainda alguns dos cabeças de lista às Assembleias de Freguesia. Em seguida apresentou os restantes elementos da mesa, José Lopes e António Magina, dois militantes do Partido de longa data e de muitas lutas, facto que mereceu a referência do camarada Álvaro Cunhal, valorizando as lutas passadas e os seus intervenientes, mas também as lutas presentes travadas pelos trabalhadores.

J. Abreu referiu ainda a presença de Armando Morais, do Conselho Nacional e responsável da DORG, e Sérgio Teixeira, membro da Comissão Política e responsável pelo Organismo Inter-Regional das Beiras e o camarada Álvaro Cunhal, Presidente do Conselho Nacional do Partido.

Maria do Céu abordou alguns problemas sociais da região, salários em atraso na TLC, na Fisel e outras do sector têxtil, referindo que os outros partidos não se empenham no apoio à luta dos trabalhadores pelos seus legítimos direitos, deu como exemplo a moção há dias aprovada na A. Municipal sobre a TLC e que ainda não foi assinada, conforme compromisso, para poder ser enviada à AR.

Luís Nogueira, cabeça de lista à CM, falou da estagnação a que chegou o concelho autarquia que sofre de presidencialismo excessivo, da política do facto consumado, da ausência de congressos, sem prioridades e sem um verdadeiro planeamento.

Acusou o gasto excessivo de recursos públicos em

imóveis de futuro duvidoso, como por exemplo o cinema (há vários anos encerrado) e as instalações da empresa SIG encerrada há anos, edifícios que não se estão a aproveitar e que contribuem para o endividamento da Autarquia em 600 000 contos a empreiteiros, e 100 000 contos a comerciantes. L. Nogueira defendeu que se impõe levar a CM a um funcionamento democrático e colegial, sendo importante eleger membros da CDU para as autarquias.

No final, interveio Álvaro Cunhal, que abordou a actual situação política em que se desenrola a batalha autárquica. Houve muitas perguntas e considerações da parte dos presentes sobre as responsabilidades do PS nos contratos a prazo, na revisão da Constituição, e na política de direita do governo do PSD. A sessão terminou com vivas à CDU e ao Partido, depois de quase duas horas e meia de debate, onde a atenção foi a tônica dominante.

No sábado, pelas 11 horas, o camarada Álvaro Cunhal chegou à freguesia do Gonçalo, no Concelho da Guarda, onde era aguardado por uma centena de habitantes desta aldeia de cesteiros. O camarada José Fernandes, contabilista, cabeça de lista da CDU à Assembleia de Freguesia, falou dos problemas sociais da freguesia, nomeadamente as dificuldades da Cooperativa de cesteiros e dos artesãos individuais que estão a braços com a concorrência estrangeira e, por outro lado, com a falta de apoios estatais. Acusou a JF de gerir mal os fundos da autarquia, onde há falta de água ao domicílio, embora haja muita água na serra. Responsabilidades que são também da Câmara da Guarda, de maioria socialista. Como a comprovar a verdade destas palavras passava um autotanque dos bombeiros com água para abastecimento público...

Álvaro Cunhal saudou a população de Gonçalo e aludiu às dificuldades eco-

nómicas dos cesteiros relacionando-as com a política negativa do governo PSD. Saliu a importância da gestão CDU nas Câmaras e Juntas de Freguesia onde os problemas do abastecimento de água, dos esgotos, dos equipamentos desportivos e os equipamentos sociais para a terceira idade, estão resolvidos quase a 100%, destacando que seria importante a visita aos concelhos de maioria CDU para se ver a obra realizada. Destacou também a importância dos eleitos CDU mesmo em minoria, onde por vezes um único eleito dá uma contribuição decisiva ao funcionamento dos órgãos autárquicos.

Pouco tempo depois, na cidade da Guarda cerca de 80 activistas participaram no almoço-convívio CDU no Restaurante «A Grelha».

Júlia Sobral, da DORG e responsável pelo Concelho da Guarda apresentou a lista à Câmara Municipal. O camarada José Manuel Costa, cabeça de lista à CM, falou das linhas do Programa da Candidatura: democratizar o funcionamento da Autarquia onde o diálogo é urgente, descentralizar meios e competências para as freguesias, dar impulso ao abastecimento de água e ao saneamento (fez um parêntese para dizer que as incompreensíveis carências neste domínio são, com poucas diferenças, idênticas em Concelhos como Pinhel, de maioria PSD, Sabugal de Maioria CDS, ou na Guarda, de maioria PS).

JM Costa criticou a gestão PS onde pontifica o presidencialismo absoluto, a falta de diálogo, o que leva a erros de gestão, de que destacou a urbanização sem regras, a ausência de medidas para o Centro Histórico em degradação, ausência de equipamentos desportivos, mesmo na cidade. Denunciou também as relações do actual Presidente com os trabalhadores da autarquia, cujos direitos não são cumpridos. O camarada Álvaro falou em seguida, encerrando o animado convívio.



Torre do Mondego



Arzila



Alfarelos



Cimeiro



Figueiró do Campo

## Coimbra e Soure Uma grande da CDU

O Presidente do Conselho Nacional do PCP e os dirigentes locais do PCP e da CDU, os eleitos, candidatos e activistas da Coligação, os milhares de pessoas que ao longo deste fim-de-semana participaram nas iniciativas promovidas pela CDU nos concelhos de Coimbra e de Soure, puderam constatar quanto são importantes o Poder Local democrático e a implantação da Coligação Democrática Unitária.

De Souselas a Figueiró do Campo, passando por Torres do Mondego, Arzila ou Alfarelos, tendo o apoio maioritário da população, ou trabalhando em minoria nos órgãos autárquicos, os eleitos da CDU podem orgulhar-se da obra concretizada e das soluções apresentadas. E da «alegria de ver obra feita para o proveito das populações», como referiu Álvaro Cunhal em Souselas, freguesia onde a CDU não dispõe da maioria, a população se tem mobilizado para a melhoria das suas condições de vida.

Ver o esforço da população na construção do Centro Cultural de Sargento-Mor, localidade dividida entre os distritos de Aveiro e Coimbra, ou as magníficas instalações do Centro Social da Marmeleira, para a qual a Associação dos Eleitos Comunistas e outros Democratas (AECOD) contribui com uma significativa verba, dão ânimo a continuar este trabalho empenhado, apesar do quase nulo apoio das autarquias respectivas e do desprezo completo do Governo.

«Estamos perante a resolução de problemas concretos, sem sectarismos, com o apoio das populações e adoptando as melhores soluções, venham de onde vierem, desde que sejam justas», assim caracte-

## Com Carlos Carvalhas Mulheres CDU em passeio pelo Tejo



Setecentas pessoas, sábado à tarde, conviveram no Tejo, numa iniciativa das Mulheres da CDU do distrito de Lisboa. Foi uma oportunidade para um reencontro por «uma vida melhor».

Muito sublinhada por palmas foi a afirmação de Carlos Carvalhas de que «seria um erro e nós podemos admitir esse erro, de que por razões biológicas, 50% da população fosse afastada de dar as suas capacidades, os seus valores, as suas experiências para o desenvolvimento e a melhoria da vida do povo».

Mais adiante, o Secretário-Geral do PCP realçou algumas razões que dão importância às próximas eleições autárquicas, nomeadamente porque «o Poder Local pode resolver problemas, dentro da área autárquica, muito importantes para as populações», porque estas eleições se vão realizar «num período de crise grave, fruto de uma política errada e injusta deste Governo» e porque «o Poder Local é também um grande factor da democracia, uma grande escola cívica e uma grande conquista de Abril». E sublinhou: «Nós temos dito, e creio que a vida tem mostrado, que o voto na CDU não cai em cesto roto, é um voto naquelas e naqueles que estão na primeira linha de defesa contra uma política injusta e errada, um voto naquelas e naqueles que não viram as costas às dificuldades e que estão, naturalmente, na primeira linha da luta.»

Usaram também da palavra, neste passeio pelo Tejo promovido pelas mulheres da CDU, Heloísa Apolónia, do Executivo de «Os Verdes», Maria Emília Campos, da ID, Helena Bastos, candidata nas listas da CDU à Câmara Municipal, e Olga Pires, candidata da CDU à presidência da Câmara Municipal de Mafra. Celina Pereira e Luísa Basto animaram o convívio.



Souselas

## e afirmação

terizou Santos Cardoso, vereador da CDU na Câmara de Coimbra, a postura da Coligação no executivo camarária, não deixando de referir que, na opinião, «o reforço da posição da CDU, que impeça a formação de maiorias absolutas em populações».

No jantar de activistas e apoiantes da CDU, realizado no sábado em Souselas, Álvaro Cunhal, ao usar da palavra, fez questão de sublinhar «a importância do Poder Local democrático na estrutura do poder político em Portugal.»

Já no domingo, nos diversos lugares da freguesia de Torres do Mondego, de maioria CDU, e além da constatação da obra realizada, também aqui com o apoio da AECOD, merece referência a falta de saneamento básico, o que levou o vereador Santos Cardoso a afirmar que, «sendo o saneamento uma carência do concelho de Coimbra, a Câmara assim o não tem entendido; daí que, nesta área, seja um dos concelhos mais atrasados. As populações devem exigir-lo», concluiu.

«A Junta tem-se portado bem», afirmou um habitante. Oportunidade para Álvaro Cunhal referir «o diálogo necessário que deve continuar a existir entre os eleitos e as populações, que ulteriormente se concretize numa grande votação na CDU também para os órgãos municipais».

Na sede da Junta, Firmino Victor, presidente deste órgão, apresentou a lista da CDU concorrente às próximas eleições e sublinhou a importância do papel que, numa freguesia tão dispersa, assumem as pessoas dos vários lugares, na lista e na resolução dos problemas locais.

Em Arzila, também de

maioria CDU, mais uma vez foi realçada por Álvaro Cunhal «a diferença entre os eleitos da CDU e os de outros partidos, por todos reconhecida».

Adelino Vilão, presidente da Junta, junto com o dirigente da colectividade local, fez questão de mostrar o andamento das obras do polidesportivo, realizadas em grande parte com o trabalho voluntário da população e também com a contribuição da AECOD.

Alfarelos e Figueiró do Campo são duas freguesias do concelho de Soure. Numa e noutra os bombos, as gaitas de foles e, sobretudo, a pequena multidão que se juntava, emprestaram um ar festivo à chegada da caravana CDU. Álvaro Cunhal, após a apresentação dos candidatos (João Ramos Pereira, à Câmara, e Carlos Filipe, à Assembleia), afirmou que «o comprometimento existente, em aspectos essenciais, do PS com o PSD, deve levar as pessoas a reflectir sobre a quem dar o seu voto. A lista CDU», disse o dirigente comunista, «tem homens e mulheres com provas dadas, que devem merecer o apoio das populações».

Figueiró do Campo foi o fim da jornada. Um pequeno palco instalado no largo da aldeia serviu para a apresentação dos candidatos e para, mais uma vez, Álvaro Cunhal referir que «os grandes problemas que as populações enfrentam e que as juntas de freguesia se esforçam por resolver, só o serão se também no executivo camarário existirem eleitos da CDU com provas dadas na resolução dos problemas locais. A CDU e o PCP têm a possibilidade real de, nestas eleições, reforçarem a sua influência na sociedade portuguesa», concluiu Álvaro Cunhal.

## Mulheres na 1.ª pessoa

A nossa reportagem recolheu uma dúzia de depoimentos de mulheres que viajaram com a CDU, neste passeio pelo Tejo. Foram entrevistas informais e, por isso, ainda mais significativas: por entre apoios expressos à CDU e à iniciativa, rapidamente emergiram os problemas e as questões que afectam e preocupam as mulheres portuguesas.



**Maria do Carmo Tavares**, membro da Comissão Executiva da CGTP-IN, considerou a

iniciativa «fora do vulgar»: «Um passeio pelo Tejo é sempre uma iniciativa maravilhosa. Eu desde sempre que voto na CDU, porque considero que, de facto, a CDU é a força capaz de modificar a vida dos trabalhadores a resolver muitos dos problemas com que a sociedade actualmente se debate, fundamentalmente as classes mais desfavorecidas. Considero que a única alternativa credível à política actual, a alternativa que com seriedade nós sabemos que o que diz cumpre, é, do facto, a CDU.»



**Olga Pires**, candidata pela CDU à presidência da Câmara Municipal de Mafra, é

professora do segundo ciclo numa escola secundária da Ericeira. Para ela é importante que «as mulheres tomem consciência do seu peso na sociedade»:

«É extremamente importante as mulheres tomarem consciência de que são mais de 50% do eleitorado, de que têm um papel a desempenhar na sociedade.»

«Desde sempre apoiei a CDU, sou militante do PCP... De qualquer das formas, eu acho que é realmente a única força política, independentemente disso, que verdadeiramente tem defendido os interesses das populações, sobretudo no trabalho autárquico.»



**Tânia Cardoso**, 14 anos, estudante, pós a tónica na necessidade do convívio:

«Estou na CDU porque acho que defende mais os trabalhadores e a liberdade do

que qualquer outra força política. Acho que esta é uma iniciativa ótima. Foi uma ótima ideia juntar toda a gente, o convívio é excepcional.»



**Ana Paula Xavier**, técnica de publicidade, considera que iniciativas deste

tipo são oportunidades para o diálogo, o conhecimento, o entendimento entre quem anda «disperso pela cidade»:

«A razão de votar na CDU tem a ver com a minha forma de estar na vida. Não poderia votar noutro lado, porque faz parte de princípios e objectivos, e faz parte exactamente de uma forma verdadeira, honesta, sem equívocos em relação a tudo o que faço.»

Com Ana Paula estava Ana Catarina Pinto, 25 anos, secretária num escritório de advogados, que frisou: «Esta foi uma boa iniciativa, encontrei muita gente que já não via há muito tempo e foi um convívio agradável. Quanto a ser comunista e votar na CDU, são os melhores e são os que, nas autarquias, dão melhores provas de trabalho.»



**Leonoreta Leitão**, professora e escritora, tem trabalhado quer como

professora, quer como escritora, na divulgação da luta das mulheres portuguesas:

«Estou nesta actividade porque acho muito interessante que as mulheres tenham uma intervenção em todas as frentes, e particularmente hoje que temos mais capacidade e vivemos numa democracia que nos permite um outro leque, mas amplo, de participação. Aliás, tenho trabalhado muito ligada ao poder local e penso que vou continuar a trabalhar nessa área.»



**Maria Louro**, licenciada em História, é membro do Executivo do Sector de Artes e Letras do PCP. Ouvimos a sua opinião.

«Esta iniciativa é interessante. Provavelmente a mais bonita vista de Lisboa é a do Tejo, que é uma área que não tem sido suficientemente aproveitada, até há relativamente pouco tempo, em todo o potencial de animação, potencial turístico, potencial até de animação cultural que, de facto tem (...) Apoio a CDU porque é a força política com que mais me identifico, em termos de análise que faz da sociedade e em termos de propostas e soluções que apresenta para a resolução dos problemas fundamentais que afectam a sociedade portuguesa.»



**Marta Santos**, 18 anos, estudante e membro da JCP e da Juventude CDU de Sintra, é uma das candidatas mais jovens à Câmara Municipal de Sintra. Apoiou a iniciativa:

«É uma iniciativa importante as mulheres com a CDU. Este ano temos muitas candidatas, mesmo ao nível da juventude, nas listas da CDU, tanto a Câmaras Municipais como a Assembleias de Freguesia. Acho que é bom fazer este tipo de iniciativas para mostrar o valor das mulheres — não é uma forma de superioridade das mulheres em relação aos homens, mas é uma forma de mostrar o nosso valor. E é bonito levá-las a passear num cruzeiro no Tejo. Apoio a CDU porque a CDU é a que tem mostrado melhor trabalho nas autarquias.»



**Marta Manuel**, 14 anos, é estudante do ensino secundário em Paço d'Arcos:

«Acho uma ótima iniciativa, o convívio é sempre bom, o convívio entre as pessoas. Acho que é muito importante ser uma iniciativa feita pelas mulheres, porque até agora os homens têm tido sempre mais

poder. Também acho importante por causa dos problemas do Tejo e isto ajuda as pessoas a pensarem e a reflectirem melhor sobre os problemas da nossa terra. Apoio a CDU porque dá muita importância à igualdade entre as pessoas.»

**Maria José Birrento**, 21 anos, é estudante de enfermagem, com intensa actividade cultural, quer no bailado quer no teatro. Quis frisar:

«Se esta iniciativa tinha como objectivo o convívio entre os candidatos e quem os apoia, tanto as mulheres como os homens, acho que conseguiu plenamente, porque está a existir um convívio muito solto entre os candidatos e os apoiantes.»

Apoio a CDU porque acho que na actual situação do país há quem quer ter uma tomada de posição, é forçoso, não podemos ser indiferentes.»



**Margari-da Biléu**, funcionária da Câmara Municipal de Sintra:

«Apoio a CDU porque me parece ser a única força política capaz de dar uma volta a Portugal. O PSP não tem feito política capaz, nomeadamente no campo da habitação, do património, da educação, da juventude, sendo a CDU a única força credível para as próximas eleições e desde sempre. Estou neste barco, primeiro porque o barco é giríssimo, tem montes de piada. Segundo, porque nunca fui ao Montijo de barco, e terceiro, porque vai a CDU no barco, ou seja, é mais um aliciente.»



**Dilar**, 21 anos, empregada de escritório e estudante, vota CDU porque acha uma força política com credibilidade para governar as autarquias:

«É uma iniciativa boa para nós próprios vermos a força que temos e também para as pessoas de fora verem o que nós somos.»

# Autárquicas 93: Os alvos errados do PS

**1.** São conhecidas, e têm sido múltiplas vezes apontadas pelo PCP, as responsabilidades do PS na política de direita e, por isso, nas consequências negativas dessa política para a maioria do povo e dos trabalhadores portugueses.

Quando dizemos que, em questões essenciais, há uma identificação total ou quase total entre o PS e o PSD, e que o PS, que em palavras se apresenta como oposição e muitas vezes, até, como a oposição, tem sobre os problemas fundamentais do país uma visão que nem com uma forte lupa se consegue destrinçar da visão PSD - dizemos uma verdade incontestável - aliás muitas vezes confirmada por declarações públicas de dirigentes do PS, "ministros sombra", etc.

Quando dizemos que a rejeição sistemática por parte do PS, do entendimento necessário e indispensável entre as forças democráticas e de esquerda - PCP e PS designadamente - tem sido e é o principal obstáculo à concretização de uma alternativa democrática ao governo e à política do PSD - estamos a dizer uma verdade cuja evidência é amplamente confirmada pela realidade.

Quando falamos dos esforços permanentes e incansáveis do PCP quer na luta concreta - em palavras e acções - contra a política de direita; quer na procura de entendimentos democráticos indispensáveis para derrotar e substituir essa política - estamos a dizer uma verdade reconhecida por democratas de todas as áreas e, pensamos nós, reconhecida pelos trabalhadores e pelo povo português.

A Coligação "Com Lisboa" é um exemplo claro:

1º - do esforço e da disponibilidade do PCP para esse entendimento;

2º - da capacidade do PCP para, numa situação grave como a que se vivia na capital desgobernada pela direita, colocar os interesses da população e da cidade acima dos próprios interesses partidários;

3º - da possibilidade real de entendimento entre comunista e socialistas e das vantagens múltiplas desse entendimento: no plano eleitoral, no plano da capacidade de realização de uma gestão autárquica notável, no plano das realizações e do ataque, com êxito, à degradação causada por uma década de PSD/CDS.

Não cairemos no simplismo de fazer uma transposição mecânica do exemplo de Lisboa para o país, mas creio que cometerá um erro grave quem não tirar desta experiência na capital os ensinamentos e lições que ela comporta.

**2.** Com a aproximação das eleições autárquicas, o PS tem vindo a adoptar um tipo de intervenção que, em relação às câmaras de maioria CDU, assume particular gravidade e revela uma perigosa cegueira política e eleitoralista.

Por um lado, fingindo ignorar as responsabilidades determinantes do Governo PSD nos principais problemas vividos pelas populações, crítica e ataca as câmaras CDU por não terem resolvido esses problemas da competência do Governo; por outro lado, fingido ignorar que iguais problemas são sofridos pelas populações das câmaras de maioria PS - procura transmitir destas uma imagem paradisíaca e apresentá-las como uma espécie de oásis.

E com isto tudo, o que o PS está a fazer, ao fim e ao cabo, é a ilibar o Governo das culpas que tem e que justamente lhe são assacadas por cada vez mais amplos sectores da população que vêem que este Governo não serve, não presta e que deve ser substituído.

Paralelamente a esta prática de branqueamento do Governo o PS desenvolve a falsa e perigosa tese do suposto "isolamento" do PCP em relação ao sistema democrático.

**3.** Sobre a primeira questão aqui ficam algumas breves observações.

Num país com as carências e dificuldades conhecidas (desemprego, salários em atraso, trabalho infantil, ataques aos direitos dos trabalhadores, destruição do aparelho produtivo, degradação dos sistemas de saúde, do ensino, da habitação, dos transportes, degradação da democracia política, etc., etc., etc.), carências e dificuldades cujas causas essenciais estão na política de direita - vir atribuir às autárquias - e preferencialmente às autárquias de



**JOSÉ CASANOVA**  
Membro da Comissão Política

O que o PS está a fazer, ao fim e ao cabo, é a ilibar o Governo das culpas que tem e que justamente lhe são assacadas por cada vez mais amplos sectores da população.

maioria CDU - as culpas desses males, é um processo que pode, talvez, dar alguns votos ao PS, mas é um processo desonesto, mistificador e manipulador, revelando profundo desrespeito pelas pessoas. (Não basta divulgar amplamente o slogan que diz que para o PS "os portugueses não são um negócio, são pessoas". Melhor e sério seria se o PS passasse de facto a tratar os portugueses como pessoas e não como um negócio, um instrumento da caça desenfreada ao voto que é sua preocupação exclusiva na situação actual).

Seguindo tal prática essencialmente virada contra as autarquias CDU - como parece estar a acontecer - é legítimo e necessário dizer que o PS está, simultaneamente, a proceder a uma autêntica operação de branqueamento do Governo PSD e da sua política e, optando por esta via, opta num sentido que a curto prazo se virará contra o próprio PS.

Dizer-se que a Amadora é "um dos concelhos com maiores problemas sociais e de qualidade de vida"; que o "Executivo Camarário da Amadora (...) nunca fez nada que se veja para acabar com a "bomba retardada" que constitui a exclusão social, as barracas, a marginalidade"; que "a Câmara da Amadora desperdiçou fundos a que poderia ter acedido (...) para construir bairros sociais que alojasse os habitantes das barracas"; e, para além disso, prometer "dar segurança a quem tem casa e dar uma casa a quem não a tem" - as afirmações citadas são da autoria do candidato do PS à Câmara da Amadora -, dizer tudo isso, repito, pode ser que dê alguns votos ao PS naquele município, mas é necessário dizer que estamos perante uma prática de eleitoralismo desbragado, de mentira, de mistificação, de manipulação, de demagogia - e obviamente, perante a bizarra situação de ver um candidato do PS a sacudir culpas do pesado capote do Governo PSD - que é mister denunciar vigorosamente.

E quando Armando Vara "ordena" aos munícipes da Amadora que "despertem", partindo do insolente e insultuoso pressuposto de que os amadorenses andam todos a dormir, é capaz de nem se aperceber sequer de que esta coisa do respeito pelas pessoas não dá só com slogans ...

Quando Edite Estrela, vogando à margem de qualquer vocação, conhecimento ou capacidade autárquica, promete aos sintenses "mais segurança e melhores transportes", dir-se-ia que a colunável candidata do PS se está a candidatar não à Câmara de Sintra mas aos lugares de Dias Loureiro e Ferreira do Amaral.

Quando António Costa, candidato do PS a Loures, vem dizer que "o PCP tem feito uma política defensiva, reduzindo as autarquias a bunkers de resistência em vez de as tornar plataformas de negociação" e cenaniza um ambiente de "terror" na Câmara de Loures que faz manter na "clandestinidade" alguns trabalhadores da autarquia que apoiam a sua candidatura... está a cumprir o seu papel de candidato de passagem e a confirmar plenamente o que há meses

atrás revelou: que nasceu, para a política, de um equívoco. E tudo leva a crer que, como candidato a autarca em Loures A. Costa nasce de idêntico parto.

E é curioso sublinhar que todos estes candidatos do PS, e vários outros não referidos por agora, falam dos concelhos onde são candidatos revelando um profundo desconhecimento da realidade desses concelhos e, à boa maneira eleitoralista, de despuorida caça ao voto prometendo, prometendo, prometendo... Lendo-os e aos seus "projectos" dir-se-ia que pretendem transformar os 305 municípios do país em 305 pequenos governos o que, mesmo não podendo ser visto como uma perspectiva de pendor "separatista", é indicador de uma concepção por onde perpassa de forma marcante a preocupação de defender a política de direita do Governo Central.

**4.** Diz a cassete PS, pela voz de António Costa, que "quem está isolado do sistema não tem capacidade para pôr Loures no Centro".

E Judas, fotocópia reduzida de outros dirigentes do PS, repete monocordicamente a mesma lengalenga: - Diz ele que o "radicalismo" do discurso da CDU "e as dificuldades que cria ao relacionamento entre a Câmara e o poder central estreitam-lhe (à CDU) apoios sociais necessários para governar".

Esta tese que pretende remeter o PCP para a periferia do sistema, irremediavelmente afastado do centro do dito, e por isso sem condições para ser poder nas Autarquias, constitui notável despautério.

Bastaria olhar para o trabalho das Câmaras CDU em todo o país e compará-lo com o trabalho de qualquer das outras forças políticas (nomeadamente o PS) e ver a diferença: nos métodos democráticos de gestão, na quantidade e na qualidade da obra feita, no conhecimento dos problemas, na disponibilidade para, com trabalho, competência e honestidade dar resposta aos problemas existentes, na ligação profunda às populações e aos seus problemas, etc., etc. E a comparação pode ser feita e é bom que o seja, quer onde a CDU está em maioria, quer onde está em minoria. (Judas que fala, aliás justamente, no "caos em que (o PSD) deixou o concelho" deveria falar, se quisesse ser justo também aqui, nas enormes responsabilidades que os eleitos do PS em Cascais têm na criação desse caos).

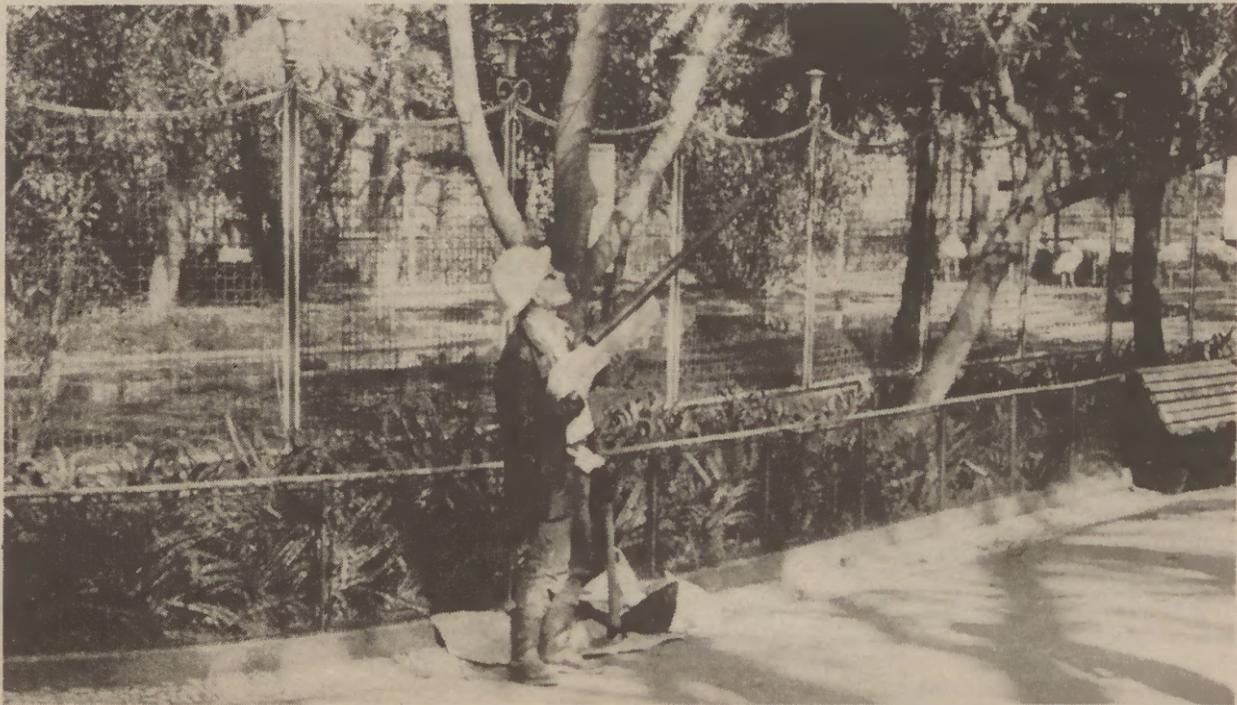
Mas o PS não está interessado em comparar projectos autárquicos, métodos de gestão e resultados obtidos.

O PS quer votos custe o custar, o PS procura desesperadamente obter mais majorias, o PS sonha sofregamente e só com hegemonias. A tese referida levaria à situação de só poderem estar no poder, nas autarquias, as forças que estivessem no Poder Central ou na sua periferia, ou seja é uma tese sustentada num estranho e perigoso conceito de... apartheid autárquico.

Esclareçamos as coisas: se se fala do sistema e no regime democrático é preciso recordar ao PS que o PCP não só não está na periferia do sistema como está lá, bem no centro e por direito próprio; e, como muita gente sabe, nenhum partido nacional lutou, como o PCP, em todos os momentos e situações, pela democracia, pela liberdade, pela construção, defesa e consolidação de um regime democrático.

Se ao falarem de sistema os caçadores de votos do PS se referem aos "consensos alargados com o PSD", à sintonia com as grandes linhas da política de direita, às machadadas dadas pelo PS e PSD na independência e soberania nacionais, - então é preciso dizer e, aqui fica dito, que o PCP - com muita honra e com muito orgulho - se situa mais do que na periferia, na oposição e, no combate frontal e aberto contra tal "sistema".

**5.** Erra e erra perigosamente o PS se persistir a disparar para o alvo errado nesta pré-campanha das autárquicas. Porque isso possivelmente não lhe trará vantagens significativas; e porque assim está a esquecer-se do alvo certo; e ainda porque, para além da vontade e dos sonhos do PS, está a realidade: esta realidade que mostra todos os dias que é no entendimento das forças democráticas e de esquerda que reside a possibilidade de derrotar a política de direita e de a substituir por uma política ao serviço dos interesses dos trabalhadores, do povo e do país.





## O País desmente optimismos *Escolas perturbadas ensino em ebulição*

Um milhão e 700 mil alunos começaram as aulas enfrentando, mais uma vez, velhos vícios de um sistema de ensino que muda muito menos do que os responsáveis ministeriais pretendem fazer crer. A verdade do país desmente as intenções das afirmações do ministro da Educação, Couto dos Santos: pululam as escolas com elevados níveis de degradação física, turmas superlotadas nos centros urbanos e sublotadas em algumas zonas rurais, ausência de material de apoio pedagógico, obras perigosamente por concluir, falta de segurança, cantinas sem funcionar.

Outros factos não seriam de esperar, já que os sucessivos Orçamentos de Estado reduzem as verbas para a Educação, anunciando-se para o ano de 94 um «apertar do

cinto» ainda mais violento do que nos últimos tempos. Daí que as «flores» com que o Governo tenta alindar a situação, são muito pouco para tapar uma realidade que alguma comunicação social tem revelado nos últimos dias.

### 1º ciclo em confusão

Muitas escolas do 1º ciclo abriram sem saber quando têm professores ou quando podem definir a totalidade dos horários. Ainda por cima, os concursos de professores para este ano lectivo foram escandalosamente peçados de confusões, de colocações que deixaram de ser, de avisos de última hora, de reaberturas para emendar as mãos.

O insólito seria ilustrado nas ruas de Leiria, com a recepção dos alvarás de colocação a ser feito num ajuntamento de centenas de professores, suspensos dos números de ordem, gritados por um funcionário da Direcção Regional.

No final, o que sobrou foi uma grande carga de nervos para inúmeros professores, que souberam das suas colocações na véspera ou no próprio dia de começo das aulas, e um atraso significativo no deferimento dos pedidos de destacamento, levando muitos professores a começarem agora as lições com alunos que em breve não serão seus. Por outro lado, um grande número destes professores seriam colocados em locais mais distantes das suas residências do que no ano lectivo passado enquanto que, sobretudo no ensino básico, muitos professores contratados correm o risco do desemprego, dada a redução de lugares em muitas regiões.

## Casos exemplares

— Das 80 escolas do ensino preparatório e secundário do distrito de Setúbal, 35 não têm pavilhão de Educação Física, o que afecta 30 mil alunos, dos quais 15 mil residem nos concelhos de Almada e Seixal.

— Dos sete mil professores do preparatório e secundário do distrito de Setúbal, 30 por cento não possuem habilitação profissional para a docência.

— Os sindicatos calculam que 25 por cento dos alunos da Grande Lisboa dos 2º e 3º ciclos necessitam de apoios e complementos educativos, de acordo com o novo modelo de avaliação. Não há condições para o concretizar: faltam verbas, disponibilização de horários e espaços convenientes.

— No distrito de Lisboa os números são confrangedores: das 327 escolas do ciclo e secundário, 19 por cento não têm cantina e 27 por cento iniciaram as aulas sem que a cantina funcionasse; 43 por cento não têm ginásio e em 44 por cento a biblioteca não funciona no horário integral por falta de pessoal; 83 por cento das escolas secundárias só receberam parte do material previsto para os cursos tecnológicos e 37 por cento não receberam mesmo qualquer tipo de material; destas escolas só 25 por cento têm gabinete de orientação profissional completo (com orientador e psicólogo) e 22 por cento não têm qualquer gabinete.

— Nos últimos três/quatro anos deixaram de funcionar 344 lugares do 1º ciclo no distrito de Lisboa,

criando-se apenas 11. Apesar disso a média de ocupação é muito elevada, superior em muitos casos a 30 alunos por turma. A Escola nº 2 de Paço de Arcos é um exemplo: 35 alunos numa turma! Em Benfica abriu uma escola com uma turma, sem professor colocado, com mais de 60 alunos!

— A superlotação de turmas no 1º ciclo acontece mesmo em locais qualificados pelo Ministério da Educação de «intervenção prioritária», ou seja, locais onde a lei determina uma ocupação inferior a 20 alunos por turma e onde se integra um máximo de duas crianças deficientes. Exemplos: na Escola nº 6 da Parede a média é de 27 alunos por turma, ali estão alunos com deficiências físicas e mentais comprovadas, necessitam de apoio que não há; na Escola do 1º CEB de Marmeleira — Souselas (Coimbra) há 42 alunos para dois professores que têm de trabalhar com 10 alunos com necessidades educativas especiais. Dois de muitos mais casos...

— A desertificação, em contrapartida, é o grande problema das regiões do interior. Aí as médias descem para 15 alunos por professor. Em Leiria os concelhos de Castanheira de Pêra e Pedrógão Grande somam apenas 421 alunos no 1º ciclo. Nas zonas interiores do distrito de Aveiro há escolas com três alunos.

— A equipa de educação especial de Viseu pediu 30 lugares de intervenção prioritária mas o Ministério só aprovou seis.

— A escola do 1º ciclo de Viso (na zona urbana de Viseu) funciona num pavilhão que parece uma barraca de apoio à construção civil. Um caixote em madeira localizado numa nova zona de habitações onde, quando chove, a água entra pelo tecto e pelo chão. Os miúdos, no intervalo, desaparecem. Um episódio: um professor aí colocado, encostado ao pavilhão, pergunta a uma pessoa que passa: «onde é a escola do Viso?»; a resposta, claro, é um lacónico «é isso aí!».

— A Escola Primária de Aveioso (Cinfães) funciona ao cimo de uma calçada num edifício com 30 anos cuja entrada tem um metro e 60 de altura. O curral das cabras é por baixo da escola, separado das crianças por um soalho esburacado. Não há casas de banho. A escola tem, no total, doze metros quadrados, um quadro preto e uma caixa métrica...

— As escolas do 1º ciclo não têm orçamento próprio e recebem um subsídio que, conforme as zonas, é atribuído por aluno ou igualmente a todas as escolas. Com esse dinheiro as escolas pagam parte ou a totalidade das despesas com expediente e limpeza, para além do material diverso. Mas os valores atribuídos são, muitas vezes, ridículos: 16 escudos por aluno/mês é o valor atribuído à Escola Primária de São Martinho do Bispo; 23 escudos na nº16 de Coimbra; 49 escudos em Sail (Arganil); 33 escudos em Alcibideque (Condeixa), 12 escudos para Sever do Vouga...

### Reforma só no papel

O presente ano lectivo para os ensinos básico e secundário é marcado pela generalização da reforma dos sistemas educativos dos 6º, 8º e 10º anos e através do alargamento a novas escolas do recente modelo de gestão. Os sindicatos dizem que, no entanto, a política do Ministério acaba por contrariar as intenções da Reforma: excesso de alunos por turma (acima dos 30), escassez de novos espaços e novos equipamentos, falta de pessoal auxiliar, insegurança e falta de condições de trabalho são problemas que se agravam de um ano para o outro, em resultado de uma política que, para os sindicatos, deveria investir mais recursos na Educação, ao contrário do que o Governo está a fazer.

O novo sistema de avaliação, que reduz administrativamente o número de «chumbos» sem correspondência real com a rentabilidade dos alunos, é igualmente contestado pelos professores que consideram esta forma de reduzir o insucesso escolar uma deformação da realidade. Por outro lado, falta aprovar o novo modelo de avaliação para o 10º ano, o que cria uma situação de desarticulação entre os programas e a avaliação dos alunos. Como é provável que ainda se alterem as regras do jogo para os alunos do ensino secundário, todo o processo de avaliação do sector está comprometido e viciado.

Este ano será também alargado o calendário das aulas que decorrerão até 15 de Julho, fazendo com que 200 mil professores e funcionários só possam ir de férias a 31 de Julho.

As férias de Carnaval praticamente desaparecem e as da Páscoa são encurtadas, enquanto feriados municipais ou outros terão de ser compensados no final do ano lectivo.

A Fenprof contesta também este novo calendário porque, por um lado, o aumento de ritmos não significa necessariamente um aumento do rendimento escolar e, sobretudo, o calendário acabará por não beneficiar ninguém, prejudicando seriamente a preparação do ano lectivo seguinte. Por isso mesmo, muitas escolas abriram sem o mínimo de condições, para se cumprir o número mínimo de dias obrigatório para o presente ano lectivo, e ser ao mesmo tempo pos-

## Escolas perturbadas ensino em ebulição

sível em Julho existir um intervalo de tempo mínimo para preparar o ano lectivo seguinte.

### Novas e velhas contestações

Questões que vão voltar às primeiras páginas dos jornais serão o regime de acesso ao ensino superior e as propinas universitárias.

As provas de aferição, que substituíram a contestada PGA, acabam no fundo por ser uma nova forma de classificação discriminatória dos alunos candidatos à frequência universitária, que pouco se livrou dos defeitos da anterior PGA. A contestação dos estudantes vai, inevitavelmente, surgir.

A lei com que o Governo pretendeu aumentar as propinas no ano passado entrou em tal descrédito público, depois da luta dos estudantes e dos protestos das Universidades, que as tentativas de Couto dos Santos para obtenção de compromissos acabam por só agravar mais ainda o tom dos protestos.

Matéria de contestação é também a relativa aos salários dos professores. Para já existem milhares de contos de dívida do Ministério a mais de sete mil professores que deveriam ter passado ao 8º escalão em Janeiro do ano passado. Também as horas extraordinárias passam a ser pagas num valor inferior ao das horas normais. Para além destes motivos de contestação, os professores afir-

mam-se dispostos a lutar contra qualquer tentativa de redução ou congelamento de salários.

Mas este parece ser o «ano negro» para os professores. É que as intenções do Ministério incluem uma revisão salarial «por baixo»; há milhares de professores que dentro de dois meses deveriam mudar de escalão mas que não sabem se na prática o serão, falta de regulamentação (já lá vão três anos) do estatuto da carreira docente; a reforma está aí para os docentes a aplicarem sem o mínimo de condições e apoios; a gestão escolar burocratizar-se e a tenta-se substituir os actuais conselhos por directores que farão ressuscitar a velha figura do reitor.

Para os professores do secundário e ciclo este é o ano do isolamento e falta de incentivos «apimentado» com um sistema de formação contínua obrigatório para progredir na carreira, mas que funciona com elevadas carências e sem satisfazer os pedidos dos professores.

Com um tal largo rol de «desgraças», quanto tempo sobreviverá Couto dos Santos?

■ Pedro Tadeu



## Por uma nova política educativa por uma escola de qualidade

# Novo ano lectivo problemas agravados

Algumas dezenas de professores comunistas, na sua maioria do ensino secundário — embora também estivessem presentes camaradas de outros níveis de ensino — participaram no passado sábado, em Setúbal, num encontro sobre a problemática da abertura do ano lectivo.

A iniciativa realizou-se durante todo o dia no Centro de Trabalho da DORS e foi presidida pelo camarada Edgar Correia, membro da Comissão Política, tendo também participado alguns membros do CC, entre os quais Manuela Esteves e Paulo Sucena.

O debate vivo, que trouxe ao encontro experiências e opiniões dos professores, marcadas pelas dificuldades que a política de direita continua a impor ao ensino, teve significativo impacto na comunicação social, sobretudo a nível regional e local, tendo havido um encontro com a imprensa a meio da tarde, a fim de inteirar os jornalistas sobre algumas das conclusões da reunião.

No final, o encontro aprovou um documento sobre o novo ano lectivo e os problemas agravados que se verificam no âmbito do ensino, resultado da reflexão colectiva que ali foi feita e que a seguir reproduzimos.

Após a reunião, os professores comunistas visitaram o Centro de Trabalho de Setúbal.

No que respeita à abertura do ano lectivo no ensino básico e secundário de 93/94, verifica-se que ela acontece em momento de grave crise económica e social, com acentuada quebra no Produto Interno, decréscimo da produção industrial, agrícola e pesqueira, de liquidação de empresas, de aumento do desemprego e dos salários em atraso, de manutenção e agravamento do trabalho infantil, do alastramento das manchas de pobreza e da exclusão social.

Este desanimador panorama socioeconómico, fruto das linhas políticas prosseguidas pelo Governo do PSD, reflecte-se muito negativamente nas escolas.

Os alunos frequentam um parque escolar com um elevado nível de degradação, com muitos edifícios envelhecidos e mal conservados, com escolas sobrelotadas, com escolas cujas obras ainda não estão concluídas, com escolas com falta de segurança, com escolas caranciadas dos materiais pedagógicos e didácticos indispensáveis (não falando já das que não têm instalações desportivas, cantinas e bufetes, laboratórios suficientemente apetrechados e bibliotecas criteriosamente escolhidas e a funcionar...), com escolas com um excessivo número de alunos por turma, com escolas cujo orçamento impede qualquer inovação pedagógica ou experiências curriculares mais ousadas, com escolas com falta de professores, com escolas com

a autonomia jugulada por orçamentos exíguos e por uma obscurantista «lei da rolha» enquanto paira sobre elas a ameaça de verem a gestão democrática amordaçada e substituída por uma outra de feição autocrática, assente na relevância da figura do director executivo e na depreciação da colegialidade dos órgãos de gestão e das funções e competências do Conselho Pedagógico, com escolas com falta de pessoal auxiliar e administrativo e de técnicos de educação, com escolas que, necessitando de professores, vêem muitos deles serem, anualmente, lançados para o desemprego sem quaisquer apoios sociais.

O regime de acesso ao ensino superior imposto pelo Governo, pela sua natureza,

pela realização de provas de aferição comprovadamente dispensáveis e pelos injustos processos de classificação adoptados nas provas específicas, patenteou logo no primeiro ano de vigência a sua completa inadequação.

A Lei nº 20/92, através da qual o Governo pretendeu impor o aumento das propinas no ensino superior público, naufragou já no mar do descontentamento e da luta dos estudantes e da resistência dos professores e dos órgãos das principais universidades. A continuação da luta certamente assegurará a revogação de tão iníqua legislação.

### Lutar pela reforma educativa

É neste parque escolar, pejado de condicionantes negativas, frequentado por um grande número de alunos cujas famílias enfrentam crescentes dificuldades para custear os estudos dos seus filhos e são diariamente fustigadas por uma política de direita que lhes rouba direitos indispensáveis a uma cidadania exercida com dignidade, que o Ministério da Educação tem lançado uma reforma educativa que, a sê-lo, exigiria uma profunda transformação da realidade escolar e social existente sem o que a «reforma» jamais passará do

mundo verbal, do mero jogo legislativo de produção e revogação de leis e de decretos, num sentido em absoluto oposto ao da democratização e da modernização do sistema educativo.

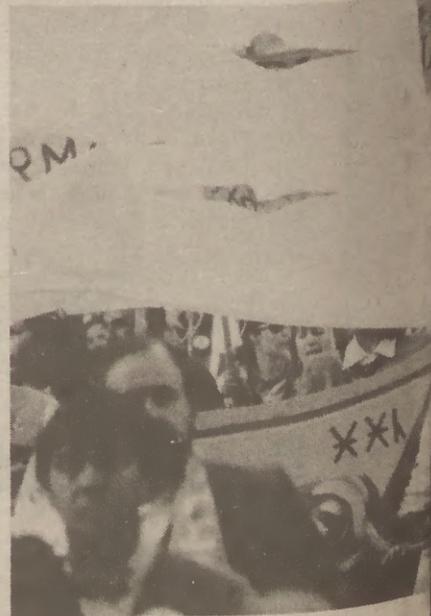
Professores, estudantes, pais e encarregados de educação e o país mais atento já contestaram que a concretização prática da Reforma depende da transformação qualitativamente positiva do tecido material e humano onde se vai incrementar e não da sua permanente deterioração.

Degradação que não se travará enquanto Governo e Ministério mantiverem orçamentos de penúria, perante o salto qualitativo e quantitativo que se exige ao sistema educativo, para a educação.

As verbas ponderadamente realistas são indispensáveis à ampliação do número e melhoria dos estabelecimentos de ensino existentes, ao aprofundamento da gestão democrática, assente em orçamentos por escola capazes de permitirem as inovações pedagógicas necessárias ao aumento do sucesso educativo, a uma equilibrada distribuição de alunos por escola e por turma, a um ajustado corpo de funcionários auxiliares e administrativos tendo em conta cada estabelecimento de ensino, ao apetrechamento pedagógico, didáctico e científico de todo o parque escolar, ao desenvolvimento de uma correcta política de acção social escolar. Ou seja, a todo um conjunto de condições de trabalho suficientemente satisfatórias para que qualquer reforma educativa ganhe um horizonte de exequibilidade.

Daí a necessidade de uma orientação orçamental que dote o Orçamento do Estado para a Educação das verbas que os objectivos educacionais e o desenvolvimento económico, material e cultural do país em absoluto exigem.

Satisfeitos estes pressupostos, necessário se torna que haja uma equipa ministerial capaz de operar uma verdadeira reforma curricular e não esta precária reforma de programas, capaz de lançar um processo de formação contínua dos professores, de acordo com as necessidades dos docentes, dos grupos disciplinares e das escolas, ajustado à melhoria e enriquecimento das suas práticas e tendo em conta as experiências e competências diversificadas do corpo docente português capazes de serem, por si só, óptimos agentes de interacção e dinamização no processo auto e hetero formativo dos professores e não este caos actual que pôs angustiadamente os docentes à procura de créditos



## Casos incríveis

— Treze mil professores da primária (1º ciclo) foram colocados com atraso.

— Falta de condições materiais para a implementação do novo sistema de avaliação dos alunos do 1º ciclo.

— Para «instruir» os professores primários sobre matérias que têm de leccionar, como Educação Musical e Física, o Ministério enviou para as escolas do 1º ciclo um conjunto de cassetes *video*. «Esqueceu-se», no entanto, de enviar os gravadores e as televisões...

— Na maioria das escolas preparatórias, que passaram a C+S, os alunos de 16 e 17 anos são obrigados a sentar-se em cadeiras e mesas para miúdos de 10/11 anos.

— Milhares de professores dos 1º, 2º e 3º ciclos, vinculados, só souberam da colocação em novo local de trabalho na véspera ou no próprio dia de abertura das aulas, muitas vezes «descobrimo» que a sua nova escola se situa a muitos quilómetros da área de residência.

— Falta quase generalizada de médicos escolares, psicólogos e terapeutas. Por exemplo, no distrito de Setúbal, 90 por cento das escolas não tinham médico e 80 por cento não tinham psicólogo.

— Falta generalizada de preenchimento dos quadros de pessoal auxiliar (educativo e administrativo), por vezes inviabilizando a abertura das aulas ou de serviços de

cantinas, refeitórios ou limpezas. Apesar disso, mantém-se a situação de emprego precário de muitos funcionários (centenas de contratos terminam em Dezembro) e alguns professores substituem o pessoal auxiliar em certas tarefas inadiáveis.

— Faltas graves de equipamentos prometidos pelo Ministério para o arranque dos Cursos Tecnológicos do 10º ano. Muito desse material ainda não chegou às escolas e as obras de adaptação em laboratórios e salas específicas não se fizeram, estão atrasadas ou foram simplesmente adiadas.

— Inúmeras escolas têm obras por terminar e outras começaram somente agora os trabalhos que já deveriam estar concluídos.

— Escolas sobrelotadas com elevado número de alunos por turma, existindo situações verdadeiramente caóticas em escolas das grandes cidades (registaram casos de 60 alunos numa turma). Contraditoriamente algumas escolas em zonas isoladas abriram com mais professores que alunos, como foi o caso do posto da Telescola de Arruda dos Vinhos: 1 aluno para dois professores.

— Os novos planos curriculares do 10º ano estão a ser aplicados sem que o novo modelo de avaliação esteja aprovado o que criou uma situação de desarticulação entre os programas e a avaliação dos alunos. Como é provável que ainda se alterem as regras do jogo para os alunos do ensino

secundário, todo o processo de avaliação do sector está comprometido e viciado.

— Algumas disciplinas do «novo» 10º ano não têm os programas aprovados e vão funcionar com os antigos. As cargas horárias das disciplinas serão diferentes de escola para escola, pois existem diferentes interpretações do diploma de Lançamento do Ano Lectivo (LAL) quanto às disciplinas que não têm os programas aprovados.

— Falta generalizada de condições, materiais e humanas, para aplicar as novas metodologias obrigatórias na Reforma, que este ano se estendeu aos 5º, 6º, 7º, 8º e 10º anos.

— Praticamente não cresceu, em turmas e

escolas, a rede pública de educação pré-escolar. A falta de Jardins de Infância do Estado tem levado muitos educadores a aceitarem condições de contratação verdadeiramente humilhantes (em horários, condições de trabalho e remunerações) em estabelecimentos privados. A rede pública é manifestamente insuficiente para as necessidades de pais e alunos, registando-se uma das mais baixas taxas de cobertura da Europa.

— O Ensino Especial está praticamente paralisado: não há orientações para o desenvolvimento do trabalho, falta o fundo de maneo às equipas e as verbas que existem não podem ser utilizadas, escasseiam os espaços adequados para o apoio às crianças com necessidades educativas especiais.



Os professores comunistas discutiram a abertura do ano lectivo

para subirem de escala numa preocupante subversão daquilo que há muitos anos a classe docente anseia.

### A luta dos professores continua

Os professores são unanimemente considerados como os elementos decisivos no desenvolvimento da reforma educativa. Todavia o Governo e o Ministério da Educação parecem assim não pensar. Efectivamente, a situação socio-profissional dos educadores de infância, dos docentes da educação e ensino especial e dos professores dos ensinos básico, secundário e superior revela a incúria e algum menosprezo que o poder político verte sobre os que estão no coração da reforma. Desde logo, há a assinalar a situação de desemprego de muitos milhares de educadores e professores que não têm qualquer protecção social uma vez que nem do subsídio de desemprego beneficiam. Esta realidade é tanto mais afrontosa quanto o Governo, não cumprindo as suas próprias leis, mantém uma taxa de cobertura na educação pré-escolar escandalosamente baixa face aos países da Comunidade e quanto a frequência do jardim de infância e o trabalho dos educadores é decisivo para uma melhor aprendizagem no 1º ciclo do ensino básico.

Se nos ativermos a grupos específicos, é verdadeiramente escandalosa a situação dos professores vinculados com habilitação suficiente que aguardam há 14 anos que sejam criados os mecanismos que lhe permitam ingressar na carreira e aceder ao escalão a que terão direito pelo tempo de serviço prestado. No Ensino Superior constata-se que os docentes estão profundamente descontentes com os estatutos de carreira (Politécnico e Universitário) e com os respectivos estatutos remuneratórios. Situação de frustração a que acresce a revolta por uma política de rácios alunos/docentes que dificulta uma boa qualidade do ensino e da investigação, põe em perigo muitos lugares e aumenta indiscriminadamente a carga de trabalho.

Em relação a toda a classe docente, o Ministério da Educação evidencia uma grande falta de respeito por ela, furtando-se a um verdadeiro diálogo e violando todas as

normas negociais, impondo aos professores medidas esmagadoramente rejeitadas por estes, seja a transição da anterior carreira para a actual em que dezenas de milhar de professores foram prejudicados, vencendo por escalões abaixo daquele que por direito era o seu, seja a prova de candidatura largamente rejeitada por iníqua e absurda mas que 6400 professores suportaram para atingirem o 8º escalão, acontecendo, no entanto, que, expirados todos os prazos que o Ministério a si próprio fixou, os professores permanecem no 7º escalão. Se o Ministério da Educação possuísse o mínimo de ética passaria todos aqueles professores, imediatamente, para o 8º escalão.

Do mesmo modo que, se a ética fosse um atributo ministerial, o M. E. não tentaria pagar a hora extraordinária por valores mais baixos do que em anos anteriores nem aprovaria solitariamente um calendário escolar com a redução de períodos de descanso dos professores e dos alunos, no Carnaval e na Páscoa, aliada a um prolongamento do ano lectivo que em nada beneficia as aprendizagens.

Sobre estes casos específicos cai a despidorada intenção do Governo de propor aumentos salariais para 1994, para a Administração Pública, uma vez mais inferiores à inflação prevista, continuando-se assim uma política de degradação da qualidade de vida dos professores e dos restantes trabalhadores da Administração Pública.

### A Reunião Nacional de Professores

A Reunião Nacional de Professores do PCP constatou que o ano lectivo de 1993/94 abriu em condições precárias, e que a situação inquietante e desestabilizadora para professores, alunos e encarregados de educação que hoje se vive, tal como ontem, se deve a uma situação de bloqueio gerada pela política de direita do PSD ao tratar a Educação numa perspectiva fortemente economicista e centralizadora, esmaltada de medidas atentatórias dos direitos dos alunos, castradoras das expectativas dos encarregados de educação, promotoras da permanente desqualificação profissional dos professores e do ensino

público e alheias a qualquer intenção de melhorar as condições de trabalho nas escolas.

A Reunião Nacional de Professores do PCP entendeu que a resistência contra a política do Governo e a política educativa do Ministério da Educação é um contributo válido e decisivo para a melhoria da qualidade de ensino e a criação de uma escola, lugar não de desencanto mas de aspiração e realização humanas de quem a frequenta, de quem nela trabalha e dos que, de fora, a encaram como um desejável espaço de felicidade para os seus filhos e simultaneamente como um pólo imprescindível ao desenvolvimento de Portugal.

A Reunião Nacional de Professores do PCP reiterou a convicção de que a Reforma Educativa prevista na Lei de Bases do Sistema Educativo é uma alavanca indispensável da modernização e democratização do sistema de ensino e condenou veementemente o Governo PSD e o Ministério da Educação por uma política que na prática representa a inviabilização e a liquidação dessa profunda e indispensável reforma democrática.

A Reunião Nacional de Professores do PCP ressaltou a necessidade de professores, estudantes, pais e encarregados de educação e trabalhadores das escolas unirem esforços numa luta sem dúvida dura mas decisiva para travar a elitização do sistema educativo e a sua insustentável degradação.

Ao debaterem as condições de abertura do ano lectivo de 93/94, ao reflectirem sobre o processo de desenvolvimento da reforma educativa e ao considerarem a apresentação de um quadro de reivindicações neste domínio e, finalmente, ao aprofundarem a análise dos problemas socioprofissionais dos docentes e o reforço da luta dos educadores e dos professores nos próximos meses, norteia os professores comunistas o propósito de contribuírem para um ensino de qualidade e para uma qualificação para todos.

A Reunião Nacional de Professores do PCP exorta todos os professores e suas organizações sindicais, estudantes e suas Associações, pais e Associações de Pais a manterem-se firmes na resistência à política de bloqueio da educação e activos na luta pela escola democrática e de qualidade que Portugal precisa e o 25 de Abril merece ou melhor: exige!

25 de Setembro de 1993

# Uma viagem à China

■ Carlos Brito

Escrever sobre uma viagem à China, algum tempo depois do regresso, é despertar um tumultuar de imagens intensas, onde se misturam e combinam as paisagens deslumbrantes e o património histórico, artístico e cultural milenar e único, com a estuante realidade presente, onde os ritmos do crescimento económico-social se percebem a olho nu, mas parecem inacreditáveis.

É sobretudo este último aspecto, de que há sem dúvida informação e referência no nosso país, que marca mais profundamente o visitante quando contacta com ele ao natural da vida chinesa.

Creio que ninguém pode fugir, salvo se tomado por preconceitos rancorosos contra a República Popular da China, a um grande e espontâneo sentimento de respeito e admiração pelos obreiros deste processo de desenvolvimento, sem paralelo em qualquer outro país nas últimas décadas, e que, já hoje, se projecta, de forma evidente, em significativos níveis de bem-estar de um povo, que representa um quinto da humanidade e que vem de um secular passado de fomes, miséria e atraso.

No que me respeita, este sentimento fortaleceu-se no jogo dialéctico das impressões, em larga medida positivas, mas também das outras, que são surpresa, interrogações não esclarecidas e dúvidas que subsistem para além dos esclarecimentos.

É que há desde logo uma questão de escala: a China tem praticamente a superfície da Europa (do Atlântico aos Urais) e mais do dobro da sua população. Só a capital, Pequim, que ultrapassa os 10 milhões de habitantes, tem mais população do que o nosso país. Há também outras dificuldades de conhecimento, mesmo não referindo as tradições civilizacionais, como a língua falada e escrita, sobretudo esta última, que remete o ocidental para o completo analfabetismo.

Durante os cerca de quinze dias em que permanecemos na China, além de Pequim, onde estivemos dois dias à chegada e dois dias antes da partida, fizemos uma volta de cerca de três mil quilómetros (uma pequena volta para a dimensão do país) que nos levou primeiro ao Nordeste da China (à Manchúria) onde visitámos as cidades de Changchun, Jilin e Harbin, e depois à região de Yantai, no mar Amarelo, a Leste.

Não nos limitámos no entanto, a viajar, tivemos numerosas entrevistas, encontros, reuniões com representantes do Estado e do Partido Comunista, a nível central, regional, local e das diferentes instituições que visitámos, onde nos foram prestadas amplas informações sobre a actividade e os objectivos dos comunistas e do povo chineses, na presente fase da vida e da revolução na China.

## A "tarefa central"

Contrariando aqueles cronistas ocidentais que pintam geralmente com cores sombrias a capital chinesa, Pequim recebeu-nos com uma manhã radiosa de sol. Era uma daquelas manhãs onde tudo resplandece. Ali resplandeciam as vestes coloridas dos ciclistas em grossas torrentes deslizando pelas faixas laterais das longas avenidas, a vagas de táxis amarelos e de outro trânsito automóvel de muitas cores tumultuando nas faixas centrais, os cartazes de mobilização para a candidatura aos jogos olímpicos do ano de 2000 em chinês e inglês estrategicamente colocados, muitos outros cartazes berrantes em chinês, alguns também das mais conhecidas multinacionais em inglês, os reclames e os anúncios das casas comerciais, os novos bairros que crescem gigantesco em todos os quadrantes do horizonte. Uma capital pujante de vida e de bulício, onde multidões de peões se concentram nos cruzamentos, o que, juntamente com a massa dos ciclistas e a balbúrdia do trânsito automóvel, torna difícil a marcha, mesmo para uma viatura oficial como aquela em que seguíamos.

Durante a tarde compreendemos melhor as razões desta exuberância que nos surpreendeu, logo à chegada, nas ruas de Pequim.

Encontrámo-nos com a Chefe e com o Vice-Chefe do Departamento de Relações Exteriores do Partido Comunista da China, respectivamente, Li Shuzheng e Zhu Shankung.

Foi este último que nos fez uma exposição sobre o socialismo com características chinesas, na nova fase de desenvolvimento iniciada com a viragem do PCC, em 1978. Esclareceu a linha que define a construção económica como a uma tarefa central, no prosseguimento da via do socialismo e da fidelidade ao marxismo-leninismo, adaptado à realidade concreta da China, bem como a política de reforma e abertura ao mundo exterior. Salientou os principais aspectos da estratégia dos comunistas chineses cuja fase actual, que se estende até ao ano



Um momento da visita da delegação portuguesa e dos seus acompanhantes ao milharal de Songlian

2000, tem como objectivo quadruplicar o produto de 1980 e alcançar o nível razoável para todos (a fase seguinte até ao ano 2050, visa assegurar uma vida razoavelmente confortável para uma população previsível de 1,5 mil milhões de habitantes). Abordou a questão da teoria da economia do mercado socialista, frisando que é "uma economia que tem traços das outras economias de mercado (como as bolsas, por exemplo), mas que actuam no quadro de uma economia socialista, onde os meios de produção são predominantemente de propriedade pública, não há privatizações e há controlo macroeconómico". Citou também muitos números para atestar o êxito da nova fase de desenvolvimento do socialismo da China, números que traduzem os ritmos por vezes alucinantes que se observam na vida económica chinesa, como os 8,6 por cento da taxa de crescimento anual média dos últimos dez anos, ou os 15 por cento de crescimento anual médio da indústria nos últimos 5 anos. Destacou, em especial, os resultados de 1992, com um crescimento do produto nacional bruto de 12,8 por cento, correspondendo a um crescimento de 3,7 por cento do sector primário, de 20,5 por cento do sector secundário e de 9,2 por cento do sector terciário. Por sua vez, o investimento teve um aumento de 37,6 por cento, correspondendo a um aumento de 40,7 por cento das entidades estatais, de 76,7 por cento de entidades colectivas e de 5,1 por cento dos cidadãos. Referiu a ultrapassagem da taxa de crescimento de 1993, prevista inicialmente para 8 por cento, e que alguns indicadores mostram que pode subir de novo para próximo dos 12 por cento.

Recusando os alarmes lançados no Ocidente em relação à inflação, mostrou preocupação pela crescente pressão inflacionista e referiu que se estão a tomar medidas para atenuar essa pressão.

Ouvindo tudo isto, não podemos deixar de recordar as palavras do Relatório do Secretário-geral, Jiang Zemin, ao 14º Congresso do Partido Comunista Chinês, quando este preconizou: "Afirmamos que a contradição principal da sociedade chinesa, no estágio actual, é a que existe entre as necessidades materiais e culturais crescentes do povo, por um lado, e a produção insuficiente da sociedade, por outro lado, e que é preciso por isso colocar em primeiro lugar o desenvolvimento das forças produtivas e fazer evoluir globalmente a sociedade, concentrando os nossos esforços no desenvolvimento económico".

Nesta abordagem e na ideia-força que lhe está subjacente reside seguramente uma das chaves para compreender a China actual.

## Três cidades do Nordeste

Esta concentração de esforços no desenvolvimento económico está bem patente nas cidades que visitámos no Nordeste da China (na antiga Manchúria), nas actuais províncias de Jilin e de Heilongjiang, muito embora os responsáveis com quem nos encontramos tivessem repetido que o desenvolvimento vem do Sul para o Norte, e que no Sul o ritmo continua a ser superior.

Na província de Jilin, visitámos a capital, Changchun, a cidade de Jilin e a Aldeia das Colinas, de que falaremos mais à frente.

Vista de avião, Changchun parece uma ilha implantada na verde imensidão dos milharais da planície de Songlian. Esta é um dos celeiros da China em milho e arroz.

A capital da província de Jilin, é uma grande cidade de um milhão e 600 mil habitantes, centro de indústria pesada, material circulante e automóveis. São aqui produzidos os "Audi" chineses, na base de um acordo de cooperação com os fabricantes alemães. A empresa de material ferroviário, de capitais exclusivamente chineses, é uma poderosa unidade modernizada, com 12 mil trabalhadores, e que produz 1300 vagões por ano. A cidade é também um importante centro universitário com numerosas faculdades e institutos superiores.

Changchun foi a capital de Manchukuo, estado-fantoches criado pelo Japão na Manchúria ocupada. O palácio onde viveu o último imperador da China ao serviço dos japoneses, fingindo que governava a Manchúria, constitui uma das atracções turísticas da cidade.

Hoje, uma grande parte de Changchun é uma cidade moderna, com amplas avenidas, vastos espaços verdes e numerosos bairros de agradável aspecto. Apesar disto, a habitação continua a ser um grande problema como em muitas cidades chinesas. Aqui a média é de 9 metros quadrados por pessoa, um pouco melhor que em Pequim.

Viajámos de carro para a vizinha cidade de Jilin ao longo de uma estrada que lembra a nossa nacional Nº 1, no piso e no trânsito intensíssimo que esta tinha antes da auto-estrada. Fizemos a distância de pouco mais de cem quilómetros, quase podíamos dizer, à sombra dos milharais de Songlian, de tal maneira estes são altos.

Jilin, com um milhão e 500 mil habitantes, é também uma bonita cidade implantada nas duas margens do rio Songhua. Entre a planície e a serra, com um grande lago artificial constituído pela albufeira da barragem de Fengonan e raras condições para os desportos de Inverno, faz uma séria aposta no turismo. Mas é sobretudo um grande centro industrial com, entre outras, a fábrica de automóveis Jilin de tecnologia japonesa, que é a mãe de uma das famílias mais numerosas dos táxis de Pequim. Destaca-se, no entanto, por estar ali instalado um dos maiores gigantes da indústria chinesa, um complexo petroquímico que se estende ao longo de 20 quilómetros e que ocupa muitas dezenas de milhar de trabalhadores. No seu início, foi um dos 8 grandes projectos oferecidos pela URSS à China no período de Krustchev.

Da província de Jilin obtivemos uma circunstanciada informação que nos foi prestada por Ho Zhuokang, Secretário-geral provincial, que chefiou a delegação do PC chinês à 16ª Festa do "Avante!" e se tornou um entusiasta da nossa Festa e do trabalho do PCP.

Apesar de insistentes observações de que os ritmos de crescimento do Sul são mais elevados, a província de Jilin também registou em 1992 um crescimento de 12 por cento do produto, compreendendo um crescimento de 1,8 por cento na agricultura e 18,2 por cento na indústria.

Foi de comboio que viajámos uns duzentos e tal quilómetros, mais para Norte. Coube-nos uma segunda classe perfeitamente aceitável. Ao longo do percurso fomos observando nas aldeias, por vezes muito próximas da linha, as casas, as ruas, a maneira de vestir. Pudemos no final deste exame conferir uma nota positiva ao que tínhamos observado. No que toca ao vestuário não há hoje praticamente diferença entre a cidade e o campo.

À chegada deparou-se-nos uma verdadeira metrópole - Harbin. É uma cidade de 2 milhões e 600 mil habitantes que encabeça uma área de 6 milhões de habitantes. Se o ritmo de desenvolvimento é maior no Sul, o índice de bem-estar parece ser maior no Norte.

A capital de Heilongjiang apresenta-se como uma cidade mais rica do que as outras que visitámos, em muitos aspectos: os edifícios, as ruas, o comércio, os transportes colectivos, o parque automóvel, a maneira como se vestem os habitantes e, por fim, os parques e as praias à beira-rio. O rio é o nosso conhecido Songhua que já encontramos em Jilin e que também cruzámos na viagem de comboio. Em Harbin é já um rio com intenso tráfego internacional, de e para a Rússia, onde vai desaguar.

Foi do rio precisamente que a cidade nasceu, começando por ser uma aldeia de pescadores (Harbin, em língua Manchu, quer dizer sítio para secar as redes). Cresceu, além disso, como importante entroncamento ferroviário. Desenvolveu-se como centro de indústria pesada e cabeça de uma região rica de recursos naturais do solo e subsolo, incluindo a produção de petróleo.

O comércio de Harbin, sobretudo o centro comercial instalado em ruas subterrâneas, com lojas privadas e públicas, que apresentam as mais famosas marcas internacionais, faz inveja a qualquer capital do Ocidente.

A economia de Heilongjiang teve nos últimos 14 anos, desde o início da reforma, um crescimento médio anual de 6 por cento, enquanto o nível de consumo teve no mesmo período um crescimento anual médio de 4,4 por cento. É de assinalar, como traço de modernização, a importância crescente que tem vindo a ser adquirida pelo sector terciário, que passou de 11,4 por cento em 1978 para 24,0 por cento em 1992, enquanto o sector primário passou de 23,4 para 20,7 e o secundário de 65,2 para 55,3.

## Nas margens do mar Amarelo

Voámos do extremo Nordeste da China para Yantai, mais a Sul, no mar Amarelo, não propriamente para nos banharmos

nestas águas míticas e tranquilas, o que também aconteceu, mas para conhecermos uma zona de desenvolvimento prioritário.

Tomámos ali contacto com duas realidades distintas: a primeira, uma área de intenso investimento estrangeiro; a segunda, uma experiência muito alargada de grupos económicos de propriedade colectiva municipal e cantonal que desempenham um papel muito importante na absorção de mão-de-obra disponível no mundo rural. Aqui só temos espaço para falar da primeira.

Diga-se, entretanto, que Yantai é uma linda cidade portuária, frequentemente nublada, com um clima mais fresco do que as outras que visitámos, rodeada de uma vegetação tipicamente marítima e onde foram adoptadas castas de vinha europeia que alimentam uma fábrica com uma razoável produção de vinho. Com mais de meio milhão de habitantes é cabeça de uma região onde abundam os testemunhos históricos, como o porto fortificado e o santuário taoísta de Pienglai, que especialmente nos impressionou.

Foi esta região que o governo chinês escolheu, em 1984, para instalar a Zona de Desenvolvimento Económico e Tecnológico de Yantai, especialmente preparada para atrair capitais estrangeiros. Com uma área planeada de 45 Km<sup>2</sup>, tem uma situação muito privilegiada no domínio dos transportes, pois dista 6 Km do porto de mar, 9 da estação do caminho-de-ferro e 20 do aeroporto.

Dispõe actualmente de 450 empresas produtivas das quais 250 são de capitais estrangeiros operando nos domínios da metalúrgia, maquinaria, electrónica, têxtil, indústria de iluminação, alimentação, química fina, materiais de construção e outros.

Os principais investidores, por ordem de importância, são de Hong Kong, Estados Unidos, Japão, Taiwan, Coreia do Sul, França, Alemanha e vários outros. Há investimentos de cerca de 30 países. Estão em curso vários outros projectos, como uma fábrica de automóveis da Coreia do Sul.

O estatuto da zona proporciona condições muito favoráveis aos capitais estrangeiros no plano alfandegário, da "repatriação" dos lucros e no domínio fiscal. Os capitais estrangeiros estão isentos de impostos nos três primeiros anos e só pagam metade nos três anos seguintes. Foi-nos dito pelo responsável da zona que todas as formalidades para a concretização de um investimento são resolvidas no prazo máximo de uma semana, se não for muito complicadas em três dias, se for muito interessante num dia só. Há também a preocupação de criar boas condições para o estabelecimento de estrangeiros, através da existência de hotéis e outros equipamentos de grande qualidade, incluindo de escolas que possam ser frequentadas pelos filhos. É de assinalar que estão instalados na zona institutos superiores e centros de investigação chineses.

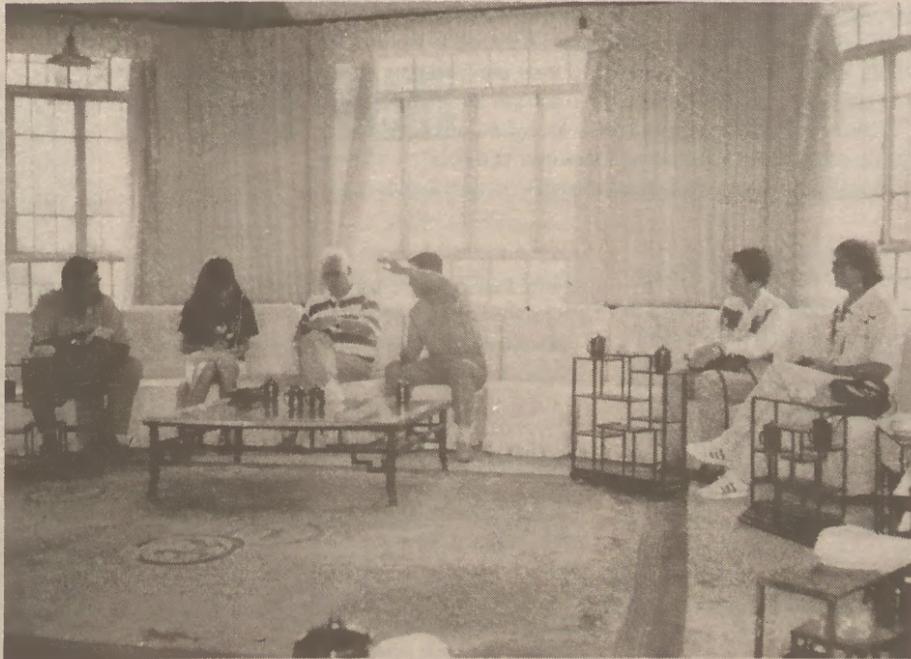
A zona ocupa actualmente 25 mil trabalhadores chineses. Os salários pagos nas empresas de capital estrangeiro ou misto são superiores em 25 por cento ao que é pago nas empresas estatais ou de propriedade colectiva chinesas.

Esta última situação não é específica da Zona de Yantai, é a que se verifica em toda a China.

O recurso ao investimento e à tecnologia estrangeiros é uma das componentes da política de reforma, abertura e modernização. A abertura há muito deixou de estar confinada às zonas especiais ou às zonas de desenvolvimento prioritário. Todas as cidades que visitámos estão envolvidas na política de abertura. Os investimentos estrangeiros têm aumentado a uma velocidade vertiginosa. Em 1992, esse aumento cifrou-se em 62,7 por cento em relação ao ano anterior.

Julgo que quem quer que acompanhe a construção do socialismo na China a partir de posições solidárias, embora críticas, não pode deixar de se interrogar acerca das implicações e consequências de tão significativos fluxos de capital estrangeiro, incluindo de poderosas multinacionais, na economia chinesa.

No termo da nossa visita, ao encontrámo-nos com Ding Guagen, membro suplente do Bureau Político e membro do Secretariado do Partido Comunista da China, transmitimos-lhe, entre outras, estas interrogações em relação ao capital estrangeiro, tendo em conta a experiência do nosso país e de outros países. Respondeu-nos salientando que têm, em relação ao capital estrangeiro, não uma posição passiva mas activa e que o problema deve ser colocado na dimensão que tem nas relações de propriedade na economia chinesa, onde 55 por cento pertence ao sector estatal, 35 por cento ao sector colectivo cantonal e municipal, e apenas 10 por cento ao capital misto e privado, incluindo o estrangeiro.



Reunião de trabalho na Aldeia de Singuan

ou quatro meses desocupada.

Foi-nos dito que actualmente nos domínios da alimentação e do vestuário quase atingiram o nível dos trabalhadores da cidade. Em relação à habitação, ultrapassam-nos. Visitámos algumas casas da aldeia e, pelo menos em termos de espaço, pareceu-nos que o Secretário tinha razão. A saúde, o ensino e os equipamentos sociais são da responsabilidade do colectivo da aldeia. No momento da nossa visita comemoravam a ligação à rede tele-

fónica internacional e convidaram-nos a telefonar para Portugal.

### "A cada um segundo o seu trabalho"

De acordo com os dados oficiais, o rendimento anual médio per capita da população chinesa duplicou nos últimos cinco anos. Ainda segundo as mesmas fontes esse rendimento experimentou um aumento de 8,8 por cento em 1992.

Em todos os contactos que fizemos foi-nos confirmada esta nítida melhoria das condições de vida, no entanto, considerada unanimemente insuficiente.

A simples impressão que se pode colher nos mercados de todo o género, oficiais e livres, lojas públicas e privadas e centros comerciais revela uma actividade intensíssima com uma oferta abundante de tudo, não se vê qualquer espécie de fila ou "bicha" e uma procura maciça e animada.

Por toda a parte vigora o princípio de "a cada um segundo o seu trabalho", mas este combinado com o estímulo ao enriquecimento pode conduzir a significativas diferenças de remuneração não só no campo, mas também na indústria.

O salário na indústria, se bem percebemos, está muito vinculado ao resultado, compreendendo uma parte básica, uma parte variável que depende da produtividade e, ainda, o prémio. "Quem trabalha mais, ganha mais", explicava-nos o responsável da fábrica de motores eléctricos pesados que visitámos em Harbin. Um trabalhador de moldes ganha o salário básico de 700 yuans por mês, mas pode chegar a 1400.

O acentuar das desigualdades sociais e regionais é uma consequência do processo de crescimento que os responsáveis chineses não rejeitam, explicando que o socialismo não é igualitarismo e que não é possível elevar ao mesmo tempo o nível das condições de vida de 1100 milhões de habitantes. Acrescentam, no entanto, que o socialismo também não é bipolarização (os ricos mais ricos e os pobres mais pobres) e que por isso a combatem decididamente.

Estão em curso processos de actualização dos vencimentos dos quadros técnicos, intelectuais, e trabalhadores da administração pública (nestes últimos com simultânea redução dos efectivos), que reconhecidamente se atrasaram em relação a outras camadas da população em matéria salarial.

É difícil avaliar como decorre o debate popular em torno destas grandes questões. Difícil foi também nesta viagem perceber de forma documentada e com observação directa as questões do regime, o funcionamento do Estado e do Partido e a maneira como se relacionam, a marcha da reforma política e o significado da expressão a "edificação da civilização espiritual", que é frequentemente referida nos documentos oficiais.

Uma das intrigas que faz moda na imprensa ocidental é a de atribuir ao povo chinês um desvio consumista que mostraria a sua conversão aos gostos do capitalismo.

Muito ao contrário, a impressão mais forte que guardamos do povo chinês, depois desta viagem, é a operosidade, o dinamismo, a alegria e o espírito solidário que se manifestam tanto nos mercados onde compra como nas fábricas, nas oficinas, nas lojas e nas obras onde trabalha, que se manifesta também nas multidões que encontramos na Grande Muralha, na Cidade Proibida ou no Mausoléu de Mao Tsé Tung e que apreciamos, especialmente, nos bailes de rua em que também participámos, de Changchun, Harbin, Yantai e Pequim.

Os camaradas Carlos Brito e António Lopes, da Comissão Política do CC do PCP, e as camaradas Fátima Lopes e Rosa Brito, quando se encontraram com o camarada Ding Guagen, suplente do Bureau Político e membro do Secretariado do PC da China

### A Aldeia das Colinas

Os documentos do Partido Comunista e do Estado chinês dão em geral uma grande importância aos problemas do campo e à situação do mundo rural. Isso explica-se pelo peso que este mundo ainda hoje representa na evolução global da China.

Por tudo isto, foi com o maior interesse que aceitámos a proposta de visitarmos uma aldeia na Província de Jilin. Mais tarde visitámos outras no município de Yantai.

A aldeia de Jilin oferecia o interesse suplementar de ser habitada maioritariamente por uma comunidade coreana, uma importante minoria que contribui com um milhão e 180 mil habitantes para a população da província, que é de 25 milhões. Chama-se Aldeia das Colinas e tem cerca de dois mil habitantes. Recebemos uma informação do secretário do Partido da aldeia, um camponês coreano de cerca de 50 anos. Contou-nos que a partir de 1980 a reforma começou a ser ali executada. Foi dissolvida a comuna popular e a gestão da terra foi entregue às famílias (como aconteceu em toda a China). A propriedade da terra é do Estado, a gestão da exploração é familiar, na superfície atribuída a cada família, as máquinas e os adubos são geridos pelo colectivo da aldeia. A produção aumentou significativamente depois da reforma e é dominada pelo arroz, quatro quintos das terras da aldeia são dedicadas a este cereal. Todas as famílias fazem arroz, "seria absurdo fazer outra coisa quando as condições são tão favoráveis para esta cultura", explicou. Vendem ao Estado 25 por cento da produção, o resto podem negociar no mercado livre. Só um terço da população da aldeia trabalha exclusivamente na terra. A aldeia tem 11 fábricas que ocupam a restante população durante boa parte do ano. Na época das colheitas há uma mobilização geral para o campo. Visitámos uma das fábricas que produz peças para a fábrica de automóveis de Jilin. Nesta, como noutras fábricas da aldeia que visitámos, é claro que a tecnologia não é muito evoluída, mas cumpre-se o objectivo de absorção de mão-de-obra rural disponível.

A doutrina que vigora na China é a de que a agricultura, só por si, não pode assegurar uma elevação significativa do bem-estar das populações. Na Aldeia das Colinas, sujeita a invernos muito rigorosos, com temperaturas vários graus abaixo de zero, isso compreende-se muito bem, pois a população camponesa ficava em regra, por ano, três



# «Bye-bye», Suchocka

■ Manoel de Lencastre

Apesar da recuperação que ninguém vê, a chaga do desemprego continua a alastrar: Air France, 9000; US West (telefones), 9000, após os 6000 despedimentos de há um ano; Volkswagen e Mercedes, 43 000; Zurich Insurers, 250 à CEE: total previsto para Junho de 1994, 20,5 milhões. Na Alemanha, a vaga de falências aumentou em 26,9% durante os primeiros seis meses do ano. Mais de 6000 empresas fecharam as portas, oficialmente. A «Iberia» (50 milhões de contos de prejuízos) vai começar a suprimir carreiras e a reduzir a frota. Este é o mundo das democracias ocidentais industrializadas no qual temos o privilégio de existir.

E assim é, de facto. As coisas estão a melhorar. Na antiga RDA, diz-nos Ian Davidson, comentador do Financial Times para assuntos europeus, já surgem flores no deserto, anunciando os primeiros frutos. Acompanhem-no: «A nossa viagem à Alemanha de Leste, organizada pela Fundação Friedrich Ebert e pelo Partido Social-Democrata, confirmou a severidade dos problemas económicos. Na agricultura, como na indústria, verificou-se o colapso do emprego. Em Mecklenburg-Vorpommern, o número de explorações agrícolas em actividade tombou de 180 000 para 25 000, apenas. Em Brandenburg, de 300 000 para 30 000. Mas encontramos um homem que, praticamente, de um dia para o outro, passou da posição de simples cooperante numa unidade colectiva à de produtor agrícola em larga escala, por conta própria».

## Maneiras de viver

1. Robert Crandall, presidente da American Airlines, a maior dos Estados Unidos, ganha 600 000 dólares por ano, mas diz que não se sente feliz. Podemos compreender. A guerra dos preços em que as companhias de aviação se envolveram e continuam a envolver, deixara 1200 milhões de dólares de prejuízos depois de, durante os grandiosos anos 80, a empresa a que Mr. Crandall preside haver gasto cerca de 80 biliões de dólares num programa de expansão dos negócios que fez passar a sua fatia do mercado de 14% para 20%.

E agora, como as coisas não andam de feição, o poderoso homem de negócios fez as seguintes declarações ao «The New York Times»:

«Ninguém gosta de perder. Quanto a mim, trabalhei todo o ano, como um escravo, só para chegar a estes resultados. Sinto-me um perdedor». Mas, corajosamente, acrescentou:

«A menos que o mundo se transforme, não voltarei a comprar um só avião. Não farei substituir os que forem abatidos à frota. E logo que todos os aparelhos tenham chegado ao limite da sua capacidade de serviço, a American Airlines deixará, simplesmente, de existir».

2. Para Rhona O'Connel, 35 anos e bonita, especialista em negócios de ouro, as coisas mostram-se, certamente, muito mais brilhantes. Basta-lhe não ter de dirigir uma companhia de aviação. Ao fim de 12 anos de trabalho nas questões técnicas relacionadas com a comercialização do precioso metal, já vai no seu sétimo emprego, porque todos a desejam. Agora prepara-se para se juntar aos corretores T. Moore & Co., com um ordenado e condições gerais em nada inferiores às do presidente da American Airlines. Eis uma mulher de ouro. Todos a querem.

3. Ao contrário, há um jovem em Inglaterra a quem ninguém quer. Com 13 anos de idade, já foi preso 14 vezes, cometeu 225 crimes diversos como pequenos furtos, assaltos a estabelecimentos comerciais, roubos de automóveis, etc. O tribunal de Birmingham, não podendo enviá-lo para uma prisão a sério devido à sua idade, acaba de remetê-lo para uma instituição de correcção. A polícia diz que o rapaz, com outros seis de idades similares, são os responsáveis por 40% dos delitos cometidos contra a propriedade automóvel, em Birmingham.

E a mãe, 35 anos, divorciada, vivendo na zona de Shard End, na segunda maior cidade britânica, disse: «O meu filho é um incompreendido. Tudo o que lhe faz falta é uma palavra amiga».

4. Na polícia, a vida às vezes, pode tornar-se monótona. Mas havendo dinheiro para gastar (os ordenados dos polícias britânicos são muito razoáveis) facilmente se encontra acesso a diversificações que estimulam o desenrolar insípido dos dias e das longas noites. E dá-se rédea livre a emoções recônditas, nem sempre as mais dignas e naturais. Assim, o polícia Paul Hutchins, 42 anos, convencera a esposa, Peggy, de 40, a participar em sessões sexuais conjuntas com outro polícia, o sargento Alan Knapp, e a mulher, Ann. Mas tudo correu mal. Hutchins queria divertir-se com Ann, mas viu com maus olhos que Peggy, a esposa, se agradasse do sargento Knapp.

Roído pelo ciúme, desvairado, torturado pelos actos da mulher que ele próprio, afinal, provocara, Hutchins resolveu assassiná-la por estrangulamento com um cinto de roupão. Mas em pleno acto enfraqueceu (estava já minado por um cancro) e Peggy conseguiu resistir para sobre-

viver e declarar ao júri do tribunal que mais tarde julgou o marido, o polícia Hutchins: «Na sua óptica, estaria certo tirar partido da atractiva Ann. Mas

não foi capaz de aceitar que eu sentisse o mesmo em relação ao sargento Knapp».

Se não dispusessem de tantos privilégios e se a vida lhes custasse a ganhar...

## O voto da Polónia

As eleições polacas, como se esperava, produziram uma clara vitória dos partidos de esquerda, aqueles cujas raízes incorporam segmentos, ainda, de um passado que o povo da Polónia, por havê-lo perdido, melhor sabe agora avaliar. Anna Suchocka, a advogada de Poznan, pretendente à duvidosa qualidade de Margaret Thatcher polaca, vai-se embora, portanto, e um novo governo surgirá.

Mas a Polónia está cercada. Conseguirá o seu povo, agora que transmitiu ao mundo uma importante mensagem, consolidar esta vitória e dar novos passos em frente? De todo o coração, por motivos políticos e por razões pessoais, estamos ao seu lado. O imperialismo, todavia, não está, e a sua reacção foi brutal e pronta. As ordens partiram: «Boris, amigo, a democracia está em perigo!» E Boris, o inclito, o imaculado democrata, partiu, rapidamente, em defesa do grande ideal começando por declarar nulo o Parlamento e passando a governar por decreto. O voto da Polónia não passou em julgado. O imperialismo atacou logo onde mais dói e onde os seus pérfidos interesses são mais profundos. Desde que Gorbachev apareceu em Inglaterra a cortejar Margaret Thatcher daquela estranha maneira, esta disse: «I can do business with Mr. Gorbachev»\*, que nos fomos habituando à ideia de que o caminho da destruição se abria diante dos soviéticos. Agora, a URSS pertence à História, tal como a Grécia clássica e a Roma imperial.

Moscovo, entretanto, angustiada e indecisa, aguarda que se desenvolva o actual conflito. Às vezes, os povos também gostam de sofrer. Fazem experiências tentando revisitar o passado. Esquecem os princípios que servem de base à



construção do futuro. Mergulham no desconhecido. Enquanto assim, Lénine passeia nas galerias da eternidade e, com ele, todos os gloriosos «bolcheviques». A defesa de Moscovo, a resistência de Smolensk, Volokolamsk, Orel, Tula, onde os carros de combate de Guderian foram impedidos de avançar, pertencem à História. Tal como Stalingrado, Leninegrado e Kursk. Tal como a arrancada para além do Vístula e a conquista do Reichstag. Tudo pertence à História, na verdade. Mas ela não pára. Prossegue a sua marcha. Renova-se.

E ao seu julgamento, se não ao dos homens justos e civilizados, não escaparão os íteres e os bárbaros que se acham, hoje, no Kremlin, e se ocupam da destruição de 76 anos de difíceis vitórias e de preciosas conquistas. Tal como os tartufos que aproveitam a situação para realizarem fortunas e esconderem-se, depois, em qualquer das cidadelas do imperialismo. A História, a todos julgará. E o mundo marchará em frente. Sempre em frente.

\* «Posso fazer negócios com o Sr. Gorbachev»

## Uma operária com problemas 6.ª e penúltima parte

Enquanto tirava profundas fumaças e em si sentia o queimar do tabaco, Bob Bannister tentou explicar à esposa as circunstâncias do seu encarceramento e os motivos que conduziram à dívida ao Bank of Clyde cujas consequências já conhecemos.

«Annie. Não sou um vulgar ladrão como outros que aqui se encontram. O assalto que dirigi a um dos Bancos de Glasgow foi um acto político. O nosso «Exército de Libertação da Escócia» não podia operar sem dinheiro.»

«O nosso, não», interrompeu a operária. «O teu. Bem sabes que nunca favoreci aventuras.»

«Nada percebes de política...»

«E ainda bem. Mas sei o suficiente para poder dizer-te que a liberdade da Escócia passa por outras vias, nada tem a ver com meia dúzia de gatos que se intitulam um exército e roubaram o Banco.»

A verdade, porém, é que o assalto em que Bob participara tinha, de algum modo, resultado. Três membros do pseudo-«exército de libertação» haviam conseguido, de facto, forçar um dos caixas do Banco a entregar-lhes a considerável quantia de £50 000 e o dinheiro, apesar das múltiplas buscas policiais e da prisão dos assaltantes, nunca fora encontrado. Bob tinha sido condenado a 15 anos de prisão. Os dois restantes elementos do bando a 12 anos cada.

«Por acaso, imaginas, Annie, o que é Peterhead?» perguntou o preso. A mulher mostrou sinais de indiferença. Mas o marido prosseguiu enquanto rolava entre os dedos, nervosos, um outro cigarro.

«Foi para essa penitenciária que me levaram, ao princípio. Aí conheci alguns dos mais notórios «gangsters»

de Glasgow e também, incompreensivelmente, irlandeses do IRA que os ingleses transferem, constantemente, de prisão em prisão. Aí, Annie, para cada preso se destaca um guarda e aquilo acha-se em sítio tão ermo e inacessível que as visitas desistem de lá ir. Sopra, terrível, o vento do mar do Norte. Peterhead, Annie, é o fim do mundo...»

Não pareceu impressionada, a operária de Inverness. Faltava ainda a explicação que mais lhe interessava, e o fim da visita começava a aproximar-se. Guardas liam o jornal fingindo bonomia. Outros, continuavam conversando, sempre consultando os relógios. De repente, Bob tirou do bolso das calças um lápis e uma pequena tira de papel onde, rapidamente, escreveu uma curta frase para, através da parede de vidro que os separava, colocá-la diante dos olhos de Annie.

Os carcereiros, apercebendo-se da irregularidade, posto que é vedada a passagem de comunicações escritas às visitas, correram sobre o preso a quem aplicaram um par de empurrões, mas caindo-lhes os bonés, entretanto, no chão, tal a perturbação.

«Onde está o papel que escreveste?», rugiram, e já o levavam, mimoseado com mais empurrões, para o interior da prisão. Annie ainda ouviu o resto do ríspido diálogo perdendo-se na distância: «Qual papel?», perguntava Bob. «O que mostraste àquela mulher. Vamos, onde o tens?»

E desapareceram todos através da porta por onde haviam surgido, no começo da visita. Mas Annie tinha visto o marido engolir a mensagem. Tudo, evidentemente, estava finalizado e a operária foi feita sair daquele sítio bruto, feio, frio, soturno, onde o odor

profundo de potentes desinfetantes causava repugnância e revolta.

Já no edifício anexo, um guarda preenchia, calmamente, o documento autorizando o portão principal a permitir à visitante a saída de Barlinnie, dizendo, simultaneamente: «Mais valia que não tivesse cá vindo.» E assinou.

«Porquê?» perguntou Annie, recebendo o papel.

«Presos, minha senhora, são presos e está tudo dito. Têm sempre de arranjar sarilhos. Irá parar novamente a Peterhead, disso pode ter a certeza.»

Annie, ao ver-se de novo na rua, olhou o céu. Parara de chover. Fazia fresco. E sentiu que uma funda tristeza lhe entrava na alma pensando no desassossego daquela hora de intensa confusão que acabava de viver. Rob não chegara a dizer-lhe como conseguira operar uma conta bancária, em seu nome, mesmo na prisão. Mas que interessava isso, agora? Compreendia bem que os homens, quando atrás das grades, na sua ansiedade por não perderem completamente o contacto com o grande mundo exterior, conseguem, às vezes, tomar viável o que se julgaria impossível. Só eles conhecem, com efeito, os múltiplos contornos e segredos do incompreensível. E continuaria a existir o tal «exército de libertação»?

Armada, agora, com a posse de uma informação terrível, a que Bob lhe transmitira, a operária da fábrica de salmão, de Inverness, afastou-se, então, daquele lugar fatídico metendo-se por ruas desertas e tenuemente iluminadas e procurando, entre a neblina da noite de Glasgow, o caminho da estação ferroviária de Queen Street, que serve as diversas regiões da Escócia. Os seus problemas, no fim de contas, começavam a esclarecer-se.

# Conferência de Bona As estrelas não apareceram

■ Miguel Urbano Rodrigues

Nos dias 17 e 18 de Setembro, 170 parlamentares de diferentes países europeus e 130 representantes de Organizações Não Governamentais estiveram reunidos em Bona, no velho hemicycle do Bundestag, numa conferência promovida pela Sociedade para o Desenvolvimento Internacional — SID. No total, fizeram-se representar 18 países.

A iniciativa, mundialmente publicitada, pretendia, segundo a convocatória, examinar «o que aconteceu às relações Norte-Sul após o fim da guerra fria» e debater a «reestruturação da cooperação internacional para o desenvolvimento».

Este Fórum atípico, onde predominaram os parlamentares dos Doze da CEE, contou com o patrocínio do Parlamento Alemão, do Banco Mundial e da Agência Interpress Service — IPS, e com o apoio de dezenas de organizações internacionais e do governo do estado da Remânia-Westfália.

O resultado não correspondeu à ambição da Agenda. A Conferência assumiu-se de algum modo, e sem modéstia, como um dos actos preparatórios da Cimeira Social do Mundo que se efectuará em Copenhague, em 1995, com o objectivo de comemorar o meio século das Nações Unidas e discutir a chamada Agenda Social para o Planeta.

Da constelação de estrelas anunciada não compareceram o politólogo Mikhail Gorbachev (preferiu uma rendosa semana de conferências em Itália); Rigoberta Menchu, Prémio Nobel da Paz; o historiador britânico

Paul Kennedy; e Manfred Woerner, secretário-geral da NATO. Dos três Prémios Nobel somente apareceu um: o ex-presidente da Costa Rica, Oscar Arias, mas pela tribuna, apesar das desistências, passou muita gente famosa. Woerner mandou um assessor.

Na Conferência, o espectáculo atraçou o programa.

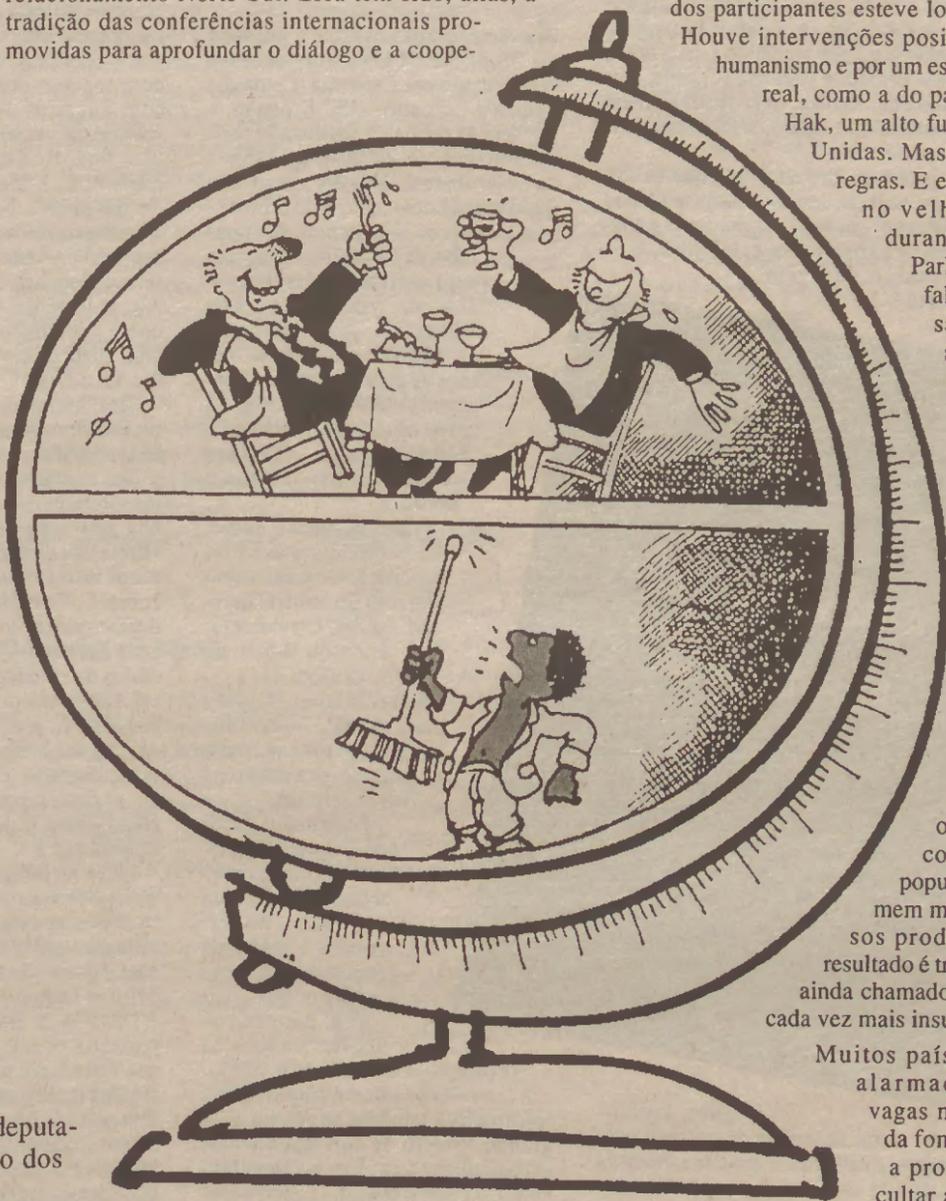
Falou-se muito do Governo Mundial (era esse o assunto de Gorbachev), da Segurança Global da Humanidade e do novo papel da NATO, mas as personalidades incumbidas de tratar os temas de fundo foram — com uma única excepção — propositadamente superficiais na abordagem da temática concreta do relacionamento Norte-Sul. Essa tem sido, aliás, a tradição das conferências internacionais promovidas para aprofundar o diálogo e a coope-

ração entre as nações ricas e as nações pobres do planeta.

É esclarecedor que aos representantes das Organizações Não Governamentais convidadas somente tenham sido concedidos, no final, escassos minutos para se pronunciarem. E mais significativo ainda o facto de o documento aprovado pela Conferência apenas conter breves e inexpressivas referências aos dois factores decisivos das trágicas desigualdades que se aprofundam entre os povos do Norte e os do Sul: a dívida externa e a imposição de termos de troca expoliativos nas relações comerciais.

Seria uma omissão não referir que o discurso dos participantes esteve longe da uniformidade.

Houve intervenções positivas, marcadas pelo humanismo e por um espírito de solidariedade real, como a do paquistanês Mahbub ul Hak, um alto funcionário das Nações Unidas. Mas o jogo tinha as suas regras. E estas foram cumpridas no velho hemicycle onde durante anos funcionou o Parlamento Alemão. Não faltou sequer uma mensagem de felicitações aos organizadores, enviada por Boutros Ghali, secretário-geral das Nações Unidas.



A CEE, os EUA, o Japão e o Canadá, com menos de 15% da população mundial, consomem mais de 75% dos recursos produzidos na Terra. O resultado é trágico: as carências do ainda chamado Terceiro Mundo são cada vez mais insuportáveis.

Muitos países desenvolvidos, alarmados com as novas vagas migratórias, nascidas da fome e da miséria, estão a produzir leis para dificultar ao máximo a fixação de estrangeiros. Mas não há

decretos ou controlo de fronteiras que possam conter a avalanche que desabarà sobre os países do Norte se não ocorrerem mudanças de fundo no relacionamento com os países do paupérrimo Sul. Teríamos então o pior, de que nos fala o sr. Maurice Williams.

Privadas dos recursos naturais dos países não desenvolvidos, as sociedades industrializadas não poderiam manter os padrões de vida e de civilização de que se orgulham.

Senhor presidente: Como podemos nós falar do Governo Mundial se não somos sequer capazes de reconhecer a terrível realidade que o diálogo Norte-Sul esconde: não há ajuda verdadeira, mas a continuidade de uma engrenagem de exploração contra a qual a cooperação da ODA é impotente.

Colegas: Ou mudamos o modelo de desenvolvimento ou destruímos o planeta. O actual modelo assenta sobre um egoísmo feroz. É filho de uma economia de esbanjamento, de miséria e de exploração dos mais pobres e fracos pelos mais poderosos.

Pergunto: compreenderão a tempo os povos privilegiados do Norte que a Humanidade, para atingir a fase adulta, terá um dia de ser mestiça no sangue e partilhar os recursos disponíveis na Terra, pátria comum de todos os povos?

Esta Conferência não pode dar resposta à pergunta. Mas o simples facto de estarmos aqui reunidos é positivo.

## Uma voz destoante — a de um comunista português

Na Conferência de Bona estiveram presentes 17 deputados portugueses. Foi a mais numerosa representação dos Parlamentos europeus. Apenas quatro falaram.

Publicamos abaixo o texto de intervenção feita durante os debates pelo camarada Miguel Urbano Rodrigues, que integrava a delegação oficial da Assembleia da República, representando o Grupo Parlamentar do PCP:

Temos ouvido nesta Conferência coisas importantes. Apreciei sobretudo as palavras do presidente da Sociedade para o Desenvolvimento Internacional — SID, Maurice Williams. Falou do fim do nosso século como o melhor dos tempos e o pior dos tempos. O desfecho é ainda uma incógnita, mas temo que não saibamos aproveitar as oportunidades para uma paz global e o bem-estar da Humanidade porque temos fracassado sistematicamente na adopção de um novo conceito de cooperação entre os países do Norte e do Sul.

A desordem internacional aumenta. Conforme foi salientado na Conferência do Rio de Janeiro, e recordado aqui pelo sr. Maurice Williams, um desenvolvimento integrado e sustentado somente será possível se todos os países conseguirem realizar um crescimento eficiente das suas economias que permita uma distribuição dos benefícios do progresso económico.

Infelizmente, isso não está a acontecer no mundo. Afastamo-nos da meta. Existe consciência de que o fosso entre o Norte e o Sul é cada vez maior. Mas continua a falar-se monocórdicamente de progresso e de projectos de ajuda como se a mudança da situação dependesse da ODA — Official Development Assistance.

O comportamento das grandes potências e das empresas transnacionais é farsa nas suas relações com o Sul. O conhecimento exacto das causas fundamentais da miséria

ria e do atraso do Sul não tem sido acompanhado de medidas adequadas para os combater. O Norte industrializado continua a vender os povos do Sul não desenvolvido, por preços cada vez mais caros, os seus produtos, enquanto compra o que ele produz por preços cada vez mais baixos. E quem fixa os preços injusto é sempre o Norte.

Fala-se da ajuda do Norte ao Sul como se ela, apesar de insuficiente, existisse, fosse uma realidade. Isso é esconder a verdade. Não contendo benefícios resultantes do funcionamento da ODA. Mas penso que é necessário sublinhar na nossa Conferência que a cooperação e o financiamento a fundo perdido, no quadro da ajuda aos países mais pobres da Terra, representam uma parcela ínfima da exploração de que o Sul continua a ser vítima. Por um lado, o mecanismo do serviço da dívida externa tritura as economias débeis. Por outro lado, o sistema de trocas comerciais é amoral, mas o mercado, regido por leis sacralizadas, foi erigido quase em religião planetária.

Nesse jogo cruel participam também os Parlamentos da Europa, o Conselho da Europa, o Parlamento Europeu, o Congresso dos EUA e a Dieta Japonesa. É incontestável que o discurso da ajuda assente sobre uma mentira. Os seus cultores sabem que a ajuda é ficcional e não apenas insuficiente. O Sul continua a financiar o Norte através de mecanismos indirectos e o abismo torna-se mais fundo, de ano para ano.

Um  
livro  
por  
quinzena

# A revolução portuguesa e a transição espanhola

■ Pedro Ramos de Almeida

## 1. Portugal não se reduz a um país, nem se limita a formar uma região.

Historicamente, somos uma das mais velhas nações europeias. E no interior desta antagónica nação que ajudamos a compor, somos um povo que inicia a conquista da liberdade, depois de termos suportado, secularmente, a tirania e a opressão, cujo prolongamento no tempo e no espaço admitimos e sofremos.

Somos um Estado que ainda se define como soberano, mas que de facto, na sua quotidiana dependência económica, cultural, ideológica, política e militar, nunca foi realmente autónomo, e cada vez menos o é.

A nossa sina, não foi a geografia que a ditou. Mas é verdade que o sermos rodeados, de todos os lados, pelo Atlântico e por um único e mais poderoso Estado, a Espanha (Castela, mas também a Galiza, Leão, Estremadura, Andaluzia...), ajudou a sublinhar a sua importância.

Neste quadro nacional, que se formou ainda no senhorialismo feudal, se desenvolveu sob o capitalismo e atravessa agora o imperialismo, o Atlântico, do ângulo portu-

ção ou fundamentação histórica de algumas das suas análises e conclusões; se passarmos por cima de sua orientação tantas vezes moderada e conservadora, se sobretudo pusermos de lado o anticomunismo que repetidamente aflora neste livro — deve ser considerada uma obra inusitada e, nos desmiolados tempos que correm, muitas vezes interessante e documentada. Sobretudo na parte referente à influência do 25 de Abril na transição espanhola, que é para nós a mais curiosa, e à qual quase exclusivamente nos referiremos.

Que, tal como diz no prefácio H. de la T. G., «na [historiografia] espanhola do séc. XX, ignorante dos temas portugueses até ao absurdo, este é um trabalho bastante insólito (...)» (p. 7).

## 2. A revolução militar e popular do 25 de Abril teve uma imensa repercussão em Espanha. Como diz Sánchez Cervelló: «Em Espanha, o impacto da queda do fossilizado regime português foi enorme» (p. 345). O que claramente também comprova que o espírito revolucionário espanhol não morrera na defesa, de armas na mão, da República espanhola contra a ofensiva fascista — franquista, mussoliniana, nazi e salazarista — durante aqueles trágicos e heróicos três anos de guerra civil e internacional (1936/1939), em que o povo espanhol se viu abandonado pelas vizinhas «democracias» inglesa e francesa.

Como destaca o autor: «(...) aspecto [notável] foi a aceitação do cravo como símbolo do antifranquismo. Assim, em Barcelona, a 25 de Abril de 1975, as floristas (...) fizeram o seu Agosto em Abril. Uma infinidade de jovens trazia um cravo na mão e na lapela.» (p. 367).

«Outro barómetro que reflecte o impacto da revolução portuguesa é a contínua referência da imprensa à presença em massa de espanhóis no país vizinho, para se conhecer "in loco" a revolução dos cravos.» (p. 365).

«A evidência desta importância informativa também se revela pelo grande número de correspondentes acreditados na capital lusitana [em nota são citados cinco].» Como o reafirma em 10.X.1985, em Espanha, o analista Marc Tegler, com optimismo apenas justificado pelo vazio do passado: «Desde o 25 de Abril em que se produziu a mudança de situação, Portugal foi objecto de informação minuciosa, cuidadosa e exacta, fosse qual fosse a ideologia pessoal e a do jornal que representassem.» (p. 358).

«Para se ver a importância que teve na imprensa diária, sirvo-me do exemplo de dois jornais de Barcelona: *La Vanguardia Española* (...) e o *Diario de Barcelona* (...) dos 838 números que saíram no período compreendido entre 26.IV.74 e 31.XII.75, a V. E. tem informação sobre o processo português e a descolonização em 830 números, enquanto o D. B., o faz em 793 ocasiões (...)» (p. 359). É o que se pode chamar o «Parlamento de papel»...

A larga projecção do 25 de Abril atingiu tais proporções, que até sectores tradicionalmente opostos ou afastados da luta pela liberdade o procuraram usar à sua maneira, exaltando aqueles em quem se reconheciam, dentro dos seus limites e para os seus propósitos próprios: «Neste momento era Chefe do Estado-Maior o tenente-general Díez Alegria, um intelectual de tradições liberais, que por repetidas vezes se havia manifestado a favor do carácter apolítico das Forças Armadas

(...). Rapidamente correu o boato pelo país, aproveitado pela imprensa estrangeira e alguns círculos de extrema-direita de que o general recebia todos os dias uma grande quantidade de monóculos enviados por cidadãos anónimos, com a esperança de que imitasse o seu colega português...» (p. 386).

Mas «na esquerda o impacto do golpe foi imediato» (p. 377), sobretudo entre a grande massa dos seus militantes e adeptos. Que Santiago Carrillo, na ocasião secretário-geral do PCE, limita-se a afirmar (nacionalistamente?) aos microfones da Rádio Pirenaica, em 26.IV.1974: «Como comunistas e como democratas espanhóis saudamos com simpatia [só?] o movimento militar [apenas?] que acaba de triunfar em Portugal (...). De facto, em Portugal a ditadura caiu sob a acção de algo que se parece muito com o pacto pela liberdade [pacto com forças da direita liberal e anti-franquista...] que nós preconizamos para liquidar a ditadura fascista em Espanha (...). Mas não cobra direitos de autoria... Nem verá de pé o «Governo provisório de reconciliação nacional» — que, segundo ele, poderia «ser formado em 48 horas» — porque, mais tarde, o PSOE lhe prefere, como é tradição social-democrata, uma aliança com a Democracia Cristã...» (p. 377/9).

Será, entretanto, nas organizações sociais de massas que a influência do 25 de Abril será mais evidente.

Nos operários, entre os trabalhadores, no movimento sindical de Espanha, teve uma profunda influência a vitória dos direitos sindicais, e a batalha da unidade sindical em Portugal. É Josep S. Cervelló que escreve: «O debate central do sindicalismo português a partir de XII/74, entre os partidários da unidade e pluralidade sindical teve um impacto decisivo em Espanha (...).» (p. 413). «Em Espanha, na sua crítica à unidade sindical, coincidiram os mesmos sectores que a ela se tinham oposto em Portugal: os empresários, (...), a direita, os sectores reformistas.»

Entre as forças armadas, «o 25 de Abril teve uma influência decisiva em todos os segmentos da instituição militar» (p. 384), o que levará à criação, a partir de Barcelona, da União Militar Democrática, em 31/VIII e 1/IX/1974 (p. 388), que teve contactos regulares com o MFA, que alargou a sua influência militar em diferentes regiões de Espanha, sendo objecto de diversas medidas repressivas, apenas sendo «dissolvida formalmente em 29/VI/1977, depois das primeiras eleições democráticas» (p. 392).

«A influência do 25 de Abril também se estendeu aos soldados», dando lugar a movimentos paralelos aos «Soldados unidos vencerão» (SUV) portugueses (p. 393/4).

Entre os estudantes espanhóis, a adesão ao 25 de Abril foi continuada, variada e objecto de diversificadas medidas repressivas empregues em Madrid, Barcelona, Oviedo, Moncloa, Sevilha, etc., contra os que celebraram o 1.º aniversário da Revolução Portuguesa (p. 366/7).

O mesmo aconteceu entre os sectores liberais da Igreja, nos quais «os acontecimentos de Portugal tiveram um excelente acolhimento», enquanto «entre a hierarquia conservadora eram vistos com inquietação».

E assim por diante.

## 3. A contra-revolução inimiga de Abril e da democracia portuguesa procurou o apoio da Espanha franquista e teve-o sempre como sua retaguarda, confessa ou não.

Já o general Francisco Franco ajuizava assim as relações hispano-portuguesas com a lógica do Pacto Ibérico: «A fronteira é uma parede de papel», pelo que «se um país se vir envolvido em chamas, inevitavelmente o fogo propagar-se-á ao outro». E ainda: «Os dois países peninsulares são como irmãos siameses e se um adoecer ou

morrer, o outro terá de carregar o morto.» (p. 345).

É esta clara noção da solidariedade siamesa que une, contagia e preserva os regimes político-sociais semelhantes (tal como opõe, ataca, ataca e faz perigar os que se contraditam) que, praticada por Franco e Salazar com altos (anos 30 a 50) e baixos (a partir dos anos 60), explica — sob o impulso e cumplicidade imperialistas — uma das grandes razões da perenidade fascista, durante dezenas de anos, na Península Ibérica.

É na continuidade desta solidariedade fascista e de direita, claramente assumida como questão vital para a mútua sobrevivência, que em seguida ao 25 de Abril «Barbieri Cardoso, que tinha sido o nº 2 da PIDE» se instala em Madrid, «fundando o ELP (Exército de Libertação de Portugal), organizado em Espanha»... «A Espanha apoiava discretamente [?] a contra-revolução»... «Além disso, existiu uma íntima colaboração neste campo das informações entre a DGS espanhola e o MDLP. Isto foi reconhecido pelo 2º homem da hierarquia do MDLP, Alpoim Galvão, [o 1º era o general Spínola] numa carta de 1979 ao Fiscal Chefe do Tribunal Provincial de Pontevedra: «(...) Em Espanha a contra-revolução portuguesa organizou-se com o conhecimento, colaboração e apoio do governo. O seu centro logístico estava em Madrid, (...).»

Spínola visitou Espanha durante três semanas em fins de 1974, para reorganizar o MDLP.»

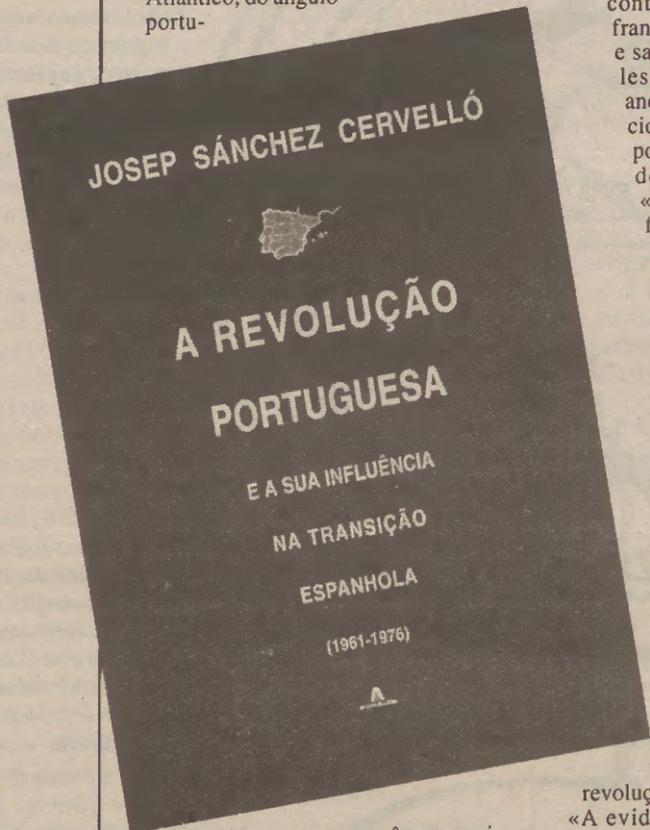
Uma concretização terrorista anticomunista explícita da intervenção franquista: «Actualmente está fora de dúvidas o profundo compromisso do regime franquista com a contra-revolução portuguesa. Um dos organizadores do incêndio das sedes do PCP no Norte de Portugal no Verão de 1975 referiu-me amplamente os íntimos contactos que a sua organização mantinha com a DGS espanhola, que lhe permitia a fácil passagem da fronteira e a cobertura legal, uma vez entrados em Espanha.» (p. 351). E em nota acrescenta-se que o terrorista que, em 23.V.1986, lhe deu estes elementos foi Waldemar Paradela de Abreu, «um dos máximos dirigentes da organização anticomunista Maria da Fonte, que com a ajuda da Igreja, durante o Verão de 1975, destruiu a maioria das sedes do PCP e seus aliados no Centro e Norte de Portugal.» (p. 420).

E o próprio autor deste livro também afirma: «De facto, só se puderam dar os passos decisivos para a democratização espanhola quando Portugal se normalizou politicamente (...). Não há dúvida que a pressão feita durante longos meses sobre a Espanha, tanto pelos EUA como pelas democracias ocidentais (...) está a esfriar nos últimos meses (...). Um Portugal esquerdista mas absolutamente isolado por uma Espanha anticomunista era um mal menor [...]. Em resumo, quanto mais à esquerda se situar a política portuguesa, mais à direita se colocará a política espanhola.» (*Expresso*, 13.IX.75). (p. 382).

Será ainda o próprio autor deste livro que o concluirá, com estas últimas palavras:

«A revolução portuguesa teve um enorme impacto em Espanha, pois não era em vão que se viviam os últimos tempos do regime do general Franco. A semelhança dos dois regimes e a proximidade geográfica fizeram que Portugal fosse uma espécie de laboratório onde se ensaiaram as fórmulas de transição que deveriam aplicar-se no país vizinho [?]. Em Portugal houve uma ruptura do sistema que levou a um vazio de poder, enquanto em Espanha, pelo contrário, não houve ruptura mas sim uma mudança gradual (...). É claro que se em Portugal o PCP se houvesse consolidado no poder, em Espanha ter-se-ia produzido automaticamente um reforço da ditadura [!].»

Que o imperialismo tem leis que a democracia ainda ignora...



guês, assumidamente, sucessiva e contraditoriamente, a natureza de grande estrada da aventura nacional dos descobrimentos, contribuindo para a criação do mercado mundial, ao mesmo tempo que envolverá o conjunto da comunidade portuguesa na rapina de riquezas e no comércio da escravaria, atrasando, degradando e corrompendo a história pátria. Será também à beira do Atlântico e através dele que Portugal se sujeitará, antecedendo a CEE, primeiro à secular aliança e domínio inglês e depois, a partir dos anos cinquenta, ao ascendente americano.

Por seu lado, a Espanha, o poder público castelhano e o Estado espanhol converter-se-ão, não na via larga da nossa aproximação aos povos irmãos da Península e da Europa, mas em caminhos de conquista contra a independência própria e das outras comunidades ibéricas.

É por tudo isto que, apesar da contiguidade geográfica, o convívio, a conjugação e interpenetração pacífica, popular, económica e cultural dos povos hispânicos tem sido, ao longo do último milénio, muito rara, pobre, contraditória, intermitente e difícil.

Neste contexto, a edição em Português pela Assírio e Alvim (III/93) da obra de Josep Sánchez Cervelló, com prefácio de Hipólito de la Torre Gómez, 432 páginas — «A revolução portuguesa e a sua influência na transição espanhola (1961/1976)» — se não cuidarmos agora de exacti-

## PONTOS CARDEAIS

## Gazetilha

## Inaugurações

Ao ministro deu na bola inaugurar uma escola. Cortou as fitas disse coisas bonitas sem muita convicção...

Bom. Apesar de tudo se um ministro qualquer tolíces não disser acaba mudo.

Falta-me só dizer que ainda não abriu a escola que o ministro lá foi inaugurar...

(Os versos não têm rima. Tanto ri que até da própria rima me esqueci...)

## Actualidades

I

A Importec fechou. Lá se foi a Formação. Assim se confirmou que a corrupção enfim se especializou mas na... deformação.

II

E zás!, desapareceram meio tontos bons milhares de contos. Desapareceram? Diabo!, e não puseram anúncio nos jornais? Assim: «De casa de seus pais desapareceu...»

Dramático! E agora? Desesperado chora o Fundo Social Europeu.

III

Não mais encontrarão os tais evaporados. Terminaram as buscas policiais tudo seria em vão.

Tenham fundada esperança os interessados: nisto de verbas, qualquer dia há mais...

## Mais prisões

Eu, tudo quanto diz o Laborinho, oiço com a maior das atenções pois ele fala sem meter travões e receio perder-me no caminho.

Eis que, com gesto grave e com carinho, alinhava soantes previsões: vai aumentar o número de prisões! E olha de olhos em alvo o pelourinho.

Não contestem senhores, entre dentes. Isto fazendo, eles são coerentes é trabalho de equipa em pleno acerto.

Sobre as horas de fomes e de pranto uns fomentam o roubo e o crime, enquanto outros fazem cadeias. Está certo.

■ IGNOTUS SUM

## As fantasias de Liberato

Com aquele ar profético de quem vai revelar a última verdade, Cavaco Silva proclamou há tempos que, pela primeira vez, o PSD vai concorrer, como tal, a todas as câmaras do país.

O oficiante Nunes Liberato, para dar mais consistência à palavra do "mest:)", apressou-se a anunciar, já há dias, que tinha cabeças de lista em todos os municípios do país.

Alguma imprensa, esquecendo que o poder ajuda muito, saudou o facto, toda oportunista, como uma proeza laranja.

Nós, no entanto, achámos que apesar das ajudas do poder havia exagero. Bastou um ligeiro inquérito no Alentejo para verificarmos que tínhamos razão. Pelo menos em Moura e Ferreira do Alentejo o PSD não apresentou e tudo indica que não tem cabeças de lista.

Aconteceu até que o indigitado, por Liberato, cabeça de lista por Moura, quando questionado acerca da sua candidatura, respondeu: "Não sei se estou autorizado a falar"...

Quantos mais, dos cabeças de lista anunciados pelo Secretário-Geral do PSD, estarão proibidos de falar?

O silêncio é de ouro para cobrir as fantasias de Liberato...

## A corrida do burro

No ataque às autarquias de maioria CDU, especialmente na área metropolitana de Lisboa, o PS não olha a meios, vale tudo mesmo tirar olhos. Uma das armas mais pífidas usadas pelos candidatos socialistas é a de culpar as câmaras CDU por atentados, omissões e erros da responsabilidade do Governo e da administração central.

António Costa, que desde o início da sua candidatura revelou poucos escrúpulos éticos, tem sido useiro e vezeiro em utilizar este armamento, chamemos-lhe, pouco limpo.

Agora descobriu o problema das acessibilidades (o metropolitano para Odivelas e outras) coisa com que o PS nunca se preocupou, ao contrário da incansável acção desenvolvida pela Câmara CDU, em obra feita e nas reclamações junto ao Governo.

É para encobrir a falta de coerência do seu partido que Costa recorre a uma ideia bombástica: anuncia que vai organizar uma corrida de Odivelas ao Campo Grande entre um Ferrari e um Burro, manifestando-se convencido que este último vai ganhar.

Apetece perguntar: - Saberá o burro que ao dar o primeiro passo para sair de Odivelas já está a caminhar no município de Lisboa?

- É claro que o burro não sabe que as acessibilidades são fundamentalmente da responsabilidade do Governo...

E por fim: - Será que o vereador do trânsito da Câmara de Lisboa, que pertence ao PS, aprova a ideia?

## O manto da Edite

"Edite não sabe nada de Sintra", inquietam-se alguns dos seus colaboradores, apercebendo-se que o PCP tem carradas de razão, quando o afirma.

A deputada-linguista julgou porém que podia cobrir com um qualquer manto essa ignorância. Não pensou é claro no "manto diáfano da fantasia", de Eça de Queirós, mas num espesso manto de oratória ecológica.

Só que para ter alguma credibilidade precisava de um mínimo de coerência.

Edite não pode armar-se em campeã ecológica e dirigir ataques, a quem quer que seja, quando os seus camaradas vereadores votaram a favor de loteamentos urbanísticos em áreas de Reserva Ecológica Nacional, de Reserva Agrícola Nacional e mesmo em leitos de cheia.

Isto é, quando a ignorância é muita e a coerência nenhuma, não há manto que valha...

## A tempestade de Moura

"Tempestade" é como a imprensa local tem chamado ao grave conflito que estalou na organização de Moura do PS.

Os motivos do conflito são naturalmente as próximas eleições autárquicas e de modo especial a composição da lista candidata à Câmara Municipal.

O actual presidente, Manuel Mestre, parece ter vencido os opositores conseguindo o lugar de cabeça de lista, mas com consideráveis estragos que ameaçam ser fatais para as suas pretensões.

É que Armando Mansos, ex-presidente da Câmara, ex-Governador Civil, ex-membro da Comissão Nacional do PS e membro da Comissão Política Distrital, pediu a demissão do cargo e desabafou ao jornal de Moura considerando que o processo de formação das listas foi uma "ordinarice antidemocrática" e que "chego a ter vergonha de pertencer a um partido com gente como esta".

Mais significativo ainda é que este responsável socialista não se inibe de acusar de má gestão o actual presidente e primeiro candidato da lista do PS.

Se até os responsáveis do PS falam assim, o que é que há-de fazer o eleitorado, senão votar maciçamente na CDU...

## frases da Semana

"Ieltsin não é, pois, o subversivo irresponsável, a merecer destituição imediata, que a leitura legalista dos acontecimentos inevitavelmente sugere. E, sim, um líder que luta com os meios ao seu alcance para levar a cabo a extraordinária tarefa de transformação do Estado russo. E, numa situação revolucionária, todos os meios são legítimos, sobretudo os que não são legais."

\*\* (Joaquim Vieira, Editorial - «Expresso», 25.09.93)

"Quanto à legitimidade do presidente russo ao dissolver o parlamento, só a História fará esse julgamento. Se ele sair vencedor, ninguém porá em causa a sua razão, mas, se for derrotado, os seus fundamentos eram nulos."

\*\* (idem)

"Mais altos interesses se alviantam: tudo se mede em termos de economia de mercado, de milhares de milhões de dólares, de geoestratégias mais ou menos confessadas: ai dos princípios!"

\*\* (António Rego Chaves - «Diário de Notícias», 25.09.93)

"Por agora, basta dizer que o inteligente mas pouco esperto Gorbachev bem como o esperto mas pouco inteligente Ieltsin enterraram, talvez por muitos anos, a esperança de todos vivermos num mundo menos desumano."

\*\* (idem)

"Que finalidades assumidas visa o satélite (PoSat 1), do ponto de vista científico e tecnológico, para que após o seu lançamento possamos saber ao menos se as especificações do seu caderno de encargos foram cumpridas? Como tais finalidades são desconhecidas da opinião pública, o que fica em evidência é o golpe publicitário de sucesso garantido. Efectivamente, se a colocação em órbita falhar, a falha é francesa. Se ficar em órbita, o sucesso é... português! Se em órbita ficar mudo, a falha é inglesa. Se não ficar mudo, o sucesso é nosso, porque até os nossos radioamadores e os militares angolanos o podem escutar como já escutavam muitos outros (sem qualquer alarido!)"

\*\* (José J. Delgado Domingos, professor catedrático do IST - «Público», 26.09.93)

"(...) que pode a nossa sociedade esperar de universidades mercantilizadas e sem objectivos, a passar diplomas sem conteúdo, coroadas por um sistema de investigação científica e tecnológica em que o objectivo máximo de qualificação é o subcontrato de investigação num qualquer subprojecto da CE, em que a última coisa tida em conta é a sua relevância para problemas e temas de importância nacional. Importante e prioritário é sacar subsídios e benesses, acrescentar linhas no currículo, fazer parte do clube oficial dos administradores da ciência e tecnologia e esperar pela sua vez nas sinecuras, prémios e distinções científicas nacionais."

\*\* (idem)

"A PAC foi vítima do seu próprio sucesso"

\*\* (Arlindo Cunha, Ministro da Agricultura - «O Diabo», 28.09.93)

"Se sáisse do Governo não ficaria chateado com Cavaco Silva! Estamos aqui para servir e servimos aquilo que é exigido."

\*\* (idem)

"(Cavaco Silva) é um homem honesto, cheio dos melhores propósitos e com obra feita."

\*\* (Baltasar Rebelo de Souza, Ministro do Ultramar do Governo de Marcello Caetano - «Semanário», 25.09.93)



## Comício «Com Lisboa»

A coligação «Com Lisboa» realiza-se hoje, às 21 horas, no Pavilhão Carlos Lopes, o seu primeiro comício de pré-campanha. Neste comício, destinado à apresentação dos candidatos, usarão da palavra Jorge Sampaio, João Amaral, Isabel Castro, Alfredo Frade e Carlos Marques. Serão apresentados os candidatos à Câmara e Assembleia Municipal e os candidatos às presidências das Juntas de Freguesia da capital.

## Álvaro Cunhal no Distrito de Setúbal

Sexta, dia 1

Sesimbra

20.00 h. — Jantar-convívio CDU, no Gimnodesportivo de Sesimbra

22.00 h. — Comício no Cinema da Quinta do Conde.

Sábado, dia 2

Montijo

15.00 h.

Encontro Distrital da Juventude da CDU, no Centro Paroquial do Montijo — Funcionando em plenário, o Encontro reunirá jovens candidatos e activistas da CDU, para discussão de questões relativas à campanha eleitoral e aprovação de um Manifesto.

20.00 h.

Jantar-Convívio em Sarilhos Grandes, na AMUT. Em todas as iniciativas participará a camarada Jacinta Ricardo, presidente e candidata à presidência da Câmara.

### ALMADA

Realiza-se, no próximo domingo, dia 3 de Outubro, uma visita guiada à cidade de Coimbra, para a qual ainda se aceitam inscrições no centro de trabalho do Feijó.

### CASCAIS

Reunião aberta a toda a população, para debate da situação política, questões ideológicas e eleições autárquicas no sábado, dia 2 de Outubro, no centro de trabalho de Cascais com a presença de José Casanova, membro da Comissão Política do CC do PCP.

Na freguesia de São Domingos de Rana, realizam-se diversos encontros de candidatos CDU com a população. Domingo, dia 3 de Outubro, às 10.30 horas, será a vez da localidade de Abóboda/Tojeira. No mesmo dia, às 15 horas, todos os candidatos da freguesia estarão no centro de trabalho de Tires. Na terça-feira, dia 5 de Outubro, às 10.30 horas, realiza-se um encontro com a população da localidade de Trajouce.

### ÉVORA

Hoje, dia 30, às 21 horas, reunião de candidatos e activistas da CDU em Alcaçovas.

Plenário de candidatos da CDU no próximo sábado, dia 2 de Outubro: em Torre de Coelheiros, às 18 horas, e em Valverde, às 21 horas.

Plenário da Coordenadora da CDU em Évora na próxima quarta-feira, dia 6 de Outubro, às 21 horas.

### FARO

Plenário de todos os candidatos da CDU do concelho de Faro para realizar um balanço à elaboração das listas e sua divulgação, planificação da pré-campanha eleitoral e discussão do programa eleitoral a apresentar pela candidatura CDU. É no sábado, dia 2 de Outubro, no auditório do Instituto da Juventude em Faro.

### FIGUEIRA DA FOZ

A comissão concehial do PCP da Figueira da Foz efectua uma homenagem a António Henriques, ex-operário vidreiro que à defesa e divulgação da música deu o melhor da sua vida. Será no sábado, dia 2 de Outubro, às 11 horas, com uma sessão solene na Sociedade Filarmónica 10 de Agosto, sendo orador principal António Menano, após o que tocarão músicos que aderiram à iniciativa. Às 12.30 horas, realiza-se um almoço-convívio a realizar no restaurante O Pátco.

### LISBOA

Plenário do Sector Público da ORL, hoje, às 18.30 horas, no Centro de Trabalho Vitória. Eleições

autárquicas e situação política e social serão os temas em discussão.

A coligação «Com Lisboa» realiza hoje, às 21 horas, no Pavilhão Carlos Lopes, o seu primeiro comício de pré-campanha. Neste comício, destinado à apresentação dos candidatos, usarão da palavra Jorge Sampaio, João Amaral, Isabel Castro, Alfredo Frade e Carlos Marques. Serão apresentados os candidatos à Câmara e Assembleia Municipal e os candidatos às presidências das Juntas de Freguesia da capital. Antes do comício realiza-se um espectáculo com Fernando Tordo e Carlos Mendes.

Plenário de militantes e activistas no centro de trabalho do Lumiar, amanhã, dia 1 de Outubro, às 21 horas, com a participação de António Abreu, membro do CC do PCP.

Plenário de militantes de Benfica para discussão e apresentação de uma proposta de nomes a incluir para a lista concorrente à Assembleia de Freguesia de Benfica e ainda alguns aspectos da situação política e social. O debate realiza-se no sábado, dia 2 de Outubro, às 15 horas, no centro de trabalho de Benfica.

Também em Benfica, sábado, dia 2 de Outubro, no centro de trabalho do Partido, realiza-se, às 21.30 horas, uma Festa da Juventude Comunista Portuguesa «Com Lisboa». A entrada é livre.

Encontro Nacional de Enfermeiros do PCP, terça-feira, dia 5 de Outubro, às 10.30 horas, no salão do Centro de Trabalho Vitória.

Dia 7 de Outubro, quinta-feira, realiza-se um plenário da célula Gulbenkian, no centro de trabalho da António Serpa, às 18 horas.

Também a 7 de Outubro, às 19 horas, no centro de trabalho da Duque, Loulé, realiza-se uma reunião da IN-CM.

### LOURES

Apresentação pública da lista da CDU à Assembleia de Freguesia de Moscavide, hoje às 21.30 horas, na Casa da Cultura, com a presença de Demétrio Alves, presidente da

## Encontro Nacional de Enfermeiros do PCP

5 de Outubro 1993 — 10.30 h.  
Salão do Centro de Trabalho Vitória

### Programa

- 10.30 h. Abertura dos trabalhos
- Intervenções temáticas sobre
  - «Política de saúde — estatuto do SNS»
  - «Questões profissionais, acção reivindicativa-PRC»
  - «Estatuto e órgão de controlo do exercício profissional»

### Debate

- 13.00 h. Intervalo
- 14.30 h. Continuação do debate
- 17.00 h. Conclusões e intervenção final.

Câmara Municipal de Loures e cabeça de lista às próximas autárquicas.

Apresentação conjunta dos candidatos da CDU aos Municípios da Área Metropolitana de Lisboa no centro da Malaposta em Olival Basto, domingo, às 11.30 horas. Serão apresentadas linhas de solução para alguns problemas que afectam a população da Área Metropolitana. Estarão presentes o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, e Luís Sá, membro da Comissão Política.

### MONTIJO

Encontro distrital de Setúbal da Juventude CDU, sábado, dia 2 de Outubro, no centro paroquial do Montijo. Os trabalhos começam às 14.30 horas e neles participam candidatos e activista da Juventude CDU e o presidente do Conselho Nacional, Álvaro Cunhal, e da presidente e candidata à presidência da

Câmara do Montijo, Jacinta Ricardo. As 18 horas, inicia-se um convívio na discoteca «In Loco».

Álvaro Cunhal e Jacinta Ricardo estarão igualmente presentes num jantar-convívio a realizar, às 20 horas, em Sarilhos Grandes na AMUT.

### MOURA e SERPA

O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, efectua uma visita aos concelhos de Moura e Serpa, no sábado, dia 2 de Outubro, que se inicia às 10.30 horas com um passeio pela cidade de Moura (Praça Sacadura Cabral, Rua Conselheiro Augusto de Castro, Rua Serpa Pinto e Recinto da Feira/Mercado). Às 12 horas, em Santo Amador encontro com a população, no Largo da Igreja a que se seguirá um almoço com candidatos da CDU dos concelhos de Moura e Serpa em Vila Verde de Ficalho.

As 15 horas, em Sobral da Adiça,

encontro com a população, no Largo da Igreja; às 16 horas, em Santo Aleixo da Restauração, encontro com a população, no Largo da Igreja; às 17 horas, em Safara encontro com a população, no Largo 25 de Abril; às 18 horas, em Amareleja encontro com a população, junto à Casa do Povo; às 19 e 30, na Póvoa de S. Miguel, encontro com a população, no Largo Luís de Camões. Finalmente, às 20 horas, em Moura, Carlos Carvalhas jantar com candidatos e activistas CDU.

### OEIRAS

Apresentação dos candidatos da CDU à freguesia de Linda-a-Velha, hoje, dia 30, às 21.30 horas, na Academia Recreativa de Linda-a-Velha.

Encontro de candidatos da CDU no concelho de Oeiras, sábado, dia 2 de Outubro, às 15 horas, na sala de teatro do Palácio Ribamar, em Algés. Participa o camarada Jorge Cordeiro,

## Carlos Carvalhas no fim-de-semana

6ª Feira, 1 de Outubro

12.30 h. — Visita à empresa I. S. M. do Grupo Mendes Godinho, em Tomar, e almoço no refeitório com os trabalhadores.

15.00 h. — Visita às instalações da empresa Madearte, em Torres Novas, e contacto com os respectivos trabalhadores.

19.30 h. — Jantar aberto com candidatos e apoiantes da CDU no Restaurante Arcada, em Torres Novas.

21.30 h. — Visita à Feira dos Frutos Secos de Torres Novas.

Sábado, 2 de Outubro

## Visita ao Concelho de Moura e Serpa

13.00 h. — Ficalho — Almoço com candidatos da CDU dos concelhos de Moura e Serpa.

18.00 h. — Amareleja — Encontro com a população, junto à Casa do Povo.

20.00 h. — Moura — Jantar com candidatos e activistas CDU.

Domingo, 3 de Outubro

Apresentação conjunta dos candidatos da CDU aos Municípios da Área Metropolitana de Lisboa, no Centro Cultural da Malaposta, às 11.30 h.

3ª feira, 5 de Outubro

Iniciativa dos jovens candidatos e activistas da juventude CDU. Às 12.30 h. — almoço no Jardim de Infância Popular junto à Junta de Freguesia do Cacém.

membro do Conselho Nacional do CC do PCP.

### PORTO

Apresentação na freguesia de Santa Cruz dos candidatos da CDU à Câmara Municipal de Baião, no sábado, dia 2 de Outubro, às 21.30 horas.

Um Seminário sobre a Área Metropolitana do Porto é promovido pela CDU no próximo dia 5 de Outubro, terça-feira, às 15.30 horas, no Hotel Tuela. Participam eleitos e candidatos da AMP e Daniel Branco, presidente da Junta Metropolitana de Lisboa.

### SESIMBRA

Amanhã, dia 1 de Outubro, jantar-convívio CDU no gimnodesportivo de Sesimbra, às 20 horas, com a presença de Álvaro Cunhal. Seguir-se-á um comício, às 20 horas, no cinema da Quinta do Conde.

### SINTRA

Almoço-convívio de jovens candidatos e activistas da Juventude CDU na próxima terça-feira, dia 5 de Outubro, às 12.30 horas, no Jardim de Infância Popular

em Agualva-Cacém. Pelas 15 horas será a vez de um café-concerto na sede da CDU no Cacém e que conta com a participação do grupo Ar de Bué. Irão estar presentes nesta iniciativa, entre outros, Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, e Lino Paulo, candidato da CDU à Câmara Municipal de Sintra.

### TOMAR

Amanhã, dia 1 de Outubro, às 9.30 horas, Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, participa num encontro com trabalhadores e activistas sindicais na Praceta Alves Redor - Rotunda em Tomar. Às 10.15 horas, realiza-se uma visita ao mercado e, às 11.30 horas, Carlos Carvalhas acompanhado de candidatos da CDU no concelho de Tomar encontra-se com a Comunicação Social local, no C.T. do PCP.

Ainda amanhã, às 12.30, o secretário-geral do PCP realiza uma visita à empresa I.S.M. do Grupo Mendes Godinho, em Tomar e almoço no refeitório com os trabalhadores.

### TORRES NOVAS

O secretário-geral do PCP, Carlos Car-

valhas, realiza amanhã, a partir das 15 horas, uma visita às instalações da empresa Madearte, em Torres Novas, e contactará com os respectivos trabalhadores. Às 17.30 horas, realiza-se no jardim junto à esplanada Mourão, em Torres Novas, uma iniciativa intitulada «Os jovens à conversa com o Secretário-Geral do PCP»; às 19.30 horas, realiza-se um jantar aberto com candidatos e apoiantes da CDU no Café Arcos, em T. Novas, após o que Carlos Carvalhas efectuará uma visita à Feira dos Frutos Secos de Torres Novas.

### VILA FRANCA DE XIRA

Prossegue o ciclo de debates promovido pela CDU, preparatórios do programa eleitoral da coligação para o concelho de Vila Franca de Xira. Hoje, dia 30, às 21.30 horas, no salão da Misericórdia de Alverca o tema será o ensino. No dia 7 de Outubro, quinta-feira, o tema em debate será a situação das mulheres e ocorrerá, à mesma hora, no Espaço CDU em Vila Franca de Xira, Rua Serpa Pinto, 79.

**Avante!**  
**Agenda**  
**Televisão**

**Quinta, 30**

**08.05** Notícias  
**09.00** Rua Sésamo  
**09.30** O Treinador  
**10.00** Pela Manhã  
**12.00** Culinária  
**12.10** Bebê a Bordo  
**13.00** Jornal da Tarde  
**13.35** Vizinhos  
**14.00** Supermercado Americano  
**14.25** O Viajante no Tempo  
**15.15** «Suprema Derrota»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**16.50** Agora Escolha  
**18.20** Caderno Diário  
**18.25** Roda da Sorte  
**19.00** A Banqueira do Povo  
**19.50** RTP - Financeal Times  
**20.00** Telejornal  
**20.35** O Dono do Mundo  
**21.35** Isto... Só Vídeo!  
**22.00** Você é Excepcional  
**23.05** Repórter de Guerra  
**00.05** 24 Horas

**11.00** Infantil  
**12.00** Uma Família no Jardim Zoológico  
**12.50** Livres e Selvagens  
**13.40** As Aventuras de Robin Hood  
**14.10** Departamento S  
**15.05** Ponto por Ponto  
**16.00** Força Bruta  
**16.55** A Malta de Degrassy  
**17.25** Jogo de Damas  
**18.15** Vamp  
**19.00** Um, Dó, Lí, Tá  
**20.00** Magazine «Saúde Pública»  
**20.30** A Dança  
**21.35** Deus nos Acuda  
**22.30** TV2 Jornal  
**23.00** RTP/Financeal Times  
**23.15** Remate  
**23.25** Casa Comum  
**00.25** O Vigilante da Estrada

**Sexta, 1**

**08.05** Bom Dia  
**09.00** Rua Sésamo  
**09.30** Crônicas de Narnia  
**10.00** Pela Manhã  
**12.00** Culinária  
**12.10** Bebê a Bordo  
**13.00** Jornal da Tarde  
**13.35** Vizinhos  
**14.00** Desportos Fantásticos  
**14.25** Viajante no Tempo  
**15.15** «A Máscara do Desejo»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**16.50** Agora Escolha  
**18.20** Caderno Diário  
**18.25** Roda da Sorte  
**19.00** A Banqueira do Povo  
**20.00** Telejornal  
**20.35** O Dono do Mundo  
**21.40** Nico d'Obra  
**22.05** «Indiana Jones e a Grande Cruzada»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**00.15** 24 Horas  
**00.55** «A Morte de Nina Chéreau»  
*(ver «Filmes na TV»)*

**11.05** Infantil  
**12.00** Uma Família no Jardim Zoológico  
**12.50** Livres e Selvagens  
**13.30** As Aventuras de Robin Hood  
**14.00** Departamento S  
**14.55** Ponto por Ponto  
**15.35** O Mundo Animal  
**16.25** Outras Margens  
**16.50** A Bruma da Memória  
**17.35** Vamp  
**18.50** TV2 Desporto: Hóquei em Patins  
**20.40** Artes e Letras «Viagem ao Parque Jurássico»  
**21.30** Desenhos Animados  
**21.40** Deus nos Acuda  
**22.30** TV2 Jornal  
**23.00** RTP/Financeal Times

**Sábado, 2**

**08.00** Programa Infantil/Juvenil  
**11.30** Luta Livre Americana  
**12.30** Magia  
**13.15** Arte Fantástica  
**13.35** A Grande Saga dos Animais  
**14.00** Clube Disney  
**15.30** «A Louca de Chailot»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**17.40** Beverly Hill's 90210  
**18.30** Clube Paraíso  
**18.55** Palavra Puxa Palavra  
**19.45** Totoloto  
**20.00** Jornal de Sábado  
**20.30** Maria Elisa Entrevista...  
**21.05** Despedida de Solteiro  
**22.10** Parabéns



«Shakespeare em Animação», no espaço infanto-juvenil do Canal 1, aos sábados

**23.50** Diana - A História Verdadeira  
**00.55** «Orquídea Selvagem 3 - O Diário Secreto»  
*(ver «Filmes na TV»)*

**08.00** Caminhos  
**08.25** Novos Horizontes  
**09.00** Universidade Aberta  
**12.10** «A Tragédia da Mina»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**13.30** Tequila & Bonetti  
**14.30** Pé Grande e os Amigos  
**15.00** A Família Chisholms  
**16.00** TV2 Desporto  
**22.15** Desenhos Animados  
**22.25** Mau Tempo no Canal  
**23.55** Bailado: Final do V Concurso Eurovisão para Jovens Bailarinos  
**01.30** «O Baile»  
*(ver «Filmes na TV»)*

**12.00** Buêréré  
**13.30** As Mais Belas Máquinas  
**14.00** Notícias  
**14.05** Dra. Quinn  
**14.35** Aventura  
**15.00** «Roselyne e os Leões»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**17.00** Raven  
**17.55** Grandes Planos  
**18.45** Melrose (Estreia)  
**19.30** Benny Hill  
**19.50** Contos de Verão  
**20.45** Jornal da Noite  
**21.30** Encontros Imediatos  
**22.20** Repórter da Meia-Noite  
**23.10** Água na Boca  
**00.00** Diários Eróticos  
**00.30** Último Jornal  
**00.50** Cara Chapada  
**01.20** Boxe

**10.00** Os Construtores da História  
**11.00** Vida Selvagem  
**12.00** Punky  
**12.30** Lassie  
**13.00** Informação  
**13.10** Contra-Ataque  
**14.00** Cagney & Lacey  
**14.55** Lágrimas (compacto)  
**19.30** Informação Quatro  
**20.05** Os Bastidores do Espectáculo  
**20.35** «Não Há Duas Sem Três»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**22.30** Rosa Baiana  
**00.00** «Crimes e Escapadelas»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**01.30** Meteorologia

**Domingo, 3**

**08.00** Programa Infantil/Juvenil  
**12.00** Sem Limites  
**12.30** A Família Twist  
**13.00** Notícias  
**13.15** Top +  
**14.05** Marés Vivas  
**15.10** «Que Será dos meus Filhos?»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**18.45** Dinossauros  
**19.15** Câmara do Cândido  
**20.00** Jornal de Domingo  
**20.30** Casa Cheia  
**21.10** Despedida de Solteiro  
**22.15** Os Bonecos da Bola  
**22.45** O Polvo  
**00.30** Clips e Spots

**08.00** À Mão de Semear  
**08.25** Crime, Disse Ela  
**09.20** Regiões  
**10.30** 70 x 7  
**11.00** Missa  
**11.55** Fórum Musical  
**12.45** Realce  
**13.10** Gente Remota  
**14.05** Paul McCartney  
**15.00** TV2 Desporto  
**22.45** Desenhos Animados  
**22.55** Idéias com História (Marquês de Pombal, Cleópatra e S. Inácio de Loiola)  
**00.05** «Caça ao Homem»  
*(ver «Filmes na TV»)*

**12.00** Buêréré  
**13.20** National Geographic  
**14.10** Notícias  
**14.20** Três é Companhia  
**14.55** «Liberace»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**16.55** Tarzan  
**17.15** O Santo  
**18.05** Labirinto  
**18.35** Os Imortais (Estreia)  
**19.30** Cosby Show  
**19.20** Os Melhores Anúncios da TV  
**20.00** Contos de Verão  
**20.45** Jornal da Noite  
**21.30** Eleição do Supermodelo de 1993  
**23.35** Último Jornal  
**23.55** Conversas Curtas (Estreia)  
**00.55** Fórmula Indy: Califórnia  
**01.35** MTV

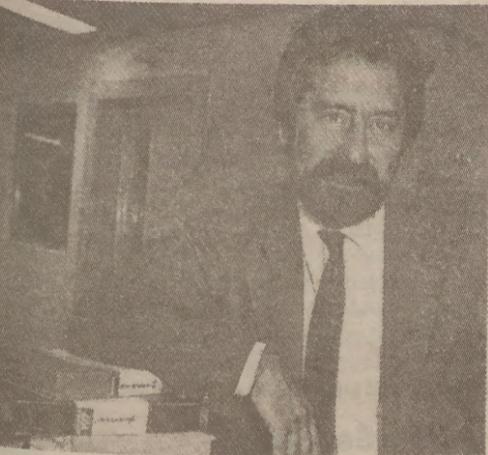
**10.00** A Casa do Tio Carlos  
**11.00** Animação  
**11.30** Quatro Ventos  
**12.00** Vaticano em Directo  
**12.15** Missa  
**13.15** Animação  
**13.30** Herói de Calções



«Ouvir e Falar», a música e os músicos apresentados por António Victorino d'Almeida, na TV2

**15.30** África Nossa  
**16.30** «Já Tocou o Hawa!»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**18.00** O Novo Caminho das Estrelas (Estreia)  
**19.30** Informação Quatro  
**20.05** Catacumbas do Poder (Estreia)  
**20.35** «A Menina da Rádio»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**22.30** Rosa Baiana  
**00.00** Meteorologia

**21.20** Animação  
**21.40** Ai, Amor!  
**22.05** «A Escolha do Amor»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**23.55** Prolongamento (Desporto)  
**00.25** Ponto Final  
**00.40** País Real  
**01.40** Meteorologia  
**01.45** Encontro



«Casa Comum», um novo programa de informação na TV 2, apresentado por Joaquim Furtado

**16.30** Notícias  
**16.40** Corridas de Camiões  
**17.25** Santa Bárbara  
**18.00** Notícias  
**18.10** Roque Santeiro  
**19.00** Praça Pública  
**19.30** Notícias  
**19.40** Renascer  
**20.45** Jornal da Noite  
**21.30** Minas e Armadilhas  
**22.20** Casos  
**23.20** Corações em Chamas  
**23.55** Último Jornal  
**00.15** Donos da Bola  
**00.20** As Rosas são para os Ricos  
**01.10** MTV

**12.00** Rica Saúde  
**12.20** A Casa do Tio Carlos  
**12.50** A Amiga Olga  
**13.20** Uma Casa na Pradaria  
**14.00** O Jardim Mágico  
**14.30** Fecho da Emissão  
**17.00** A Casa do Tio Carlos  
**17.30** Animação  
**17.45** Lágrimas  
**18.30** Lassie  
**18.55** Encontro  
**19.00** A Amiga Olga  
**19.30** Informação Quatro  
**20.05** Forum  
**20.35** Quem Sai aos Seus  
**21.05** Parker Lewis  
**21.35** Marés Vivas  
**22.25** Irmãos de Sangue  
**23.20** Ponto Final  
**23.35** Hunter  
**00.25** Forum  
**00.55** Meteorologia

**23.15** Remate  
**23.45** Sexualidades  
**00.15** Sisters (Estreia)  
**01.05** «Chove Sobre o Nosso Amor»  
*(ver «Filmes na TV»)*

**16.30** Notícias  
**16.40** Corridas de Camiões  
**17.25** Santa Bárbara  
**18.00** Notícias  
**18.10** Roque Santeiro  
**19.00** Praça Pública  
**19.30** Notícias  
**19.40** Renascer  
**20.45** Jornal da Noite  
**21.30** Chuva de Estrelas  
**22.30** Miss América 1993  
**00.35** Último Jornal  
**00.55** Donos da Bola  
**01.00** Playboy

**12.00** Rica Saúde  
**12.20** A Casa do Tio Carlos  
**12.50** A Amiga Olga  
**13.20** Uma Casa na Pradaria  
**14.00** Animação  
**14.30** Fecho da Emissão  
**17.00** A Casa do Tio Carlos  
**17.30** Animação  
**17.45** Lágrimas  
**18.30** Lassie  
**18.55** Encontro  
**19.00** A Amiga Olga  
**19.30** Informação Quatro  
**20.05** Forum  
**20.35** Quem Sai aos Seus  
**21.05** Parker Lewis  
**21.35** Na Maior  
**22.05** A Conquistista do Oeste  
**23.40** Ponto Final  
**23.55** «O Longo Caminho para o Amor»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**01.10** Meteorologia

**Segunda, 4**

**08.00** Bom Dia  
**09.00** Rua Sésamo  
**09.30** O Treinador  
**10.00** Pela Manhã  
**12.00** Culinária  
**12.10** Bebê a Bordo  
**13.00** Jornal da Tarde  
**13.35** Vizinhos  
**14.00** No Fundo do Mar  
**14.25** O Viajante no Tempo  
**15.25** «O Homem de Negro»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**16.50** Agora, Escolha!  
**18.25** Roda da Sorte  
**19.00** A Banqueira do Povo  
**19.50** RTP/Financeal Times  
**20.00** Telejornal  
**20.40** O Dono do Mundo  
**21.40** Os Inocentes  
**22.10** Concurso «Entre Famílias»  
**23.30** Querido John  
**24.00** 24 Horas

**11.00** Infantil  
**12.00** Uma Família no Jardim Zoológico  
**12.50** Livres e Selvagens  
**13.40** As Aventuras de Robin Hood  
**14.10** Departamento S  
**15.05** Ponto por Ponto  
**15.45** Colombo e a Época dos Descobrimentos (Estreia)  
**16.35** A Malta de Degrassy  
**17.05** Temas e Teimas  
**17.30** Vamp  
**18.20** Magazine: Cinema  
**18.50** TV2 Desporto: Hóquei em Patins  
**20.20** Coisas de Homens  
**21.20** Desenhos Animados  
**21.35** Deus nos Acuda  
**22.30** TV2 Jornal  
**23.00** RTP/Financeal Times  
**23.20** Remate  
**23.25** Ouvir e Falar  
**00.25** Piazza Navona

**16.30** Notícias  
**16.40** Santa Bárbara  
**17.10** Roque Santeiro  
**18.00** Notícias  
**18.10** O Resto é Conversa  
**19.00** Praça Pública  
**19.30** Notícias  
**19.40** Renascer  
**20.45** Jornal da Noite  
**21.30** «Rocky II»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**23.40** Tostões e Milhões  
**00.10** Último Jornal  
**00.35** Os Donos da Bola  
**00.45** Homens Mal-Comportados  
**01.15** MTV

**12.00** Pinóquio (Estreia)  
**12.25** A Casa do Tio Carlos  
**12.55** A Amiga Olga  
**13.25** Topázio (Estreia)  
**14.00** O Jardim Mágico  
**14.15** Meteorologia  
**14.30** Uma Casa na Pradaria  
**15.15** Haja Saúde  
**15.35** Meteorologia  
**15.45** Fecho da Emissão  
**16.30** Lassie  
**17.00** Mr. Magoo (Estreia)  
**17.30** A Casa do Tio Carlos  
**18.00** Quem Sai aos Seus  
**18.30** Lágrimas  
**19.00** A Amiga Olga  
**19.30** Informação Quatro  
**20.05** A Team (Estreia)  
**20.55** Parker Lewis

**Terça, 5**

**08.00** Bom Dia  
**09.00** Rua Sésamo  
**09.30** O Treinador  
**10.00** Pela Manhã  
**12.00** Culinária  
**12.10** Bebê a Bordo  
**13.00** Jornal da Tarde  
**13.35** Vizinhos  
**13.55** O Viajante no Tempo  
**14.45** «César e Cleópatra»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**16.50** Agora, Escolha!  
**18.25** Roda da Sorte  
**19.00** A Banqueira do Povo  
**20.00** Telejornal  
**20.35** O Dono do Mundo  
**21.35** Cuidado com as Imitações  
**22.00** As Noivas de Copacabana  
**22.55** Repórteres  
**23.55** 24 Horas

**11.00** Infantil  
**12.00** Uma Família no Jardim Zoológico  
**12.50** Livres e Selvagens  
**13.40** As Aventuras de Robin Hood  
**14.10** Departamento S  
**15.05** Ponto por Ponto  
**15.50** Para Além do Ano 2000  
**16.45** A Malta de Degrassy  
**17.10** Temas e Teimas  
**18.00** Vamp  
**18.50** Um, Dó, Lí, Tá  
**20.00** Magazine: Ecologia / Ciência  
**20.40** TV2 Desporto: Hóquei em Patins  
**22.00** Desenhos Animados  
**22.15** Deus nos Acuda  
**23.00** TV2 Jornal  
**23.30** RTP/Financeal Times  
**23.50** Remate  
**23.50** Silk Stalkings (Estreia)  
**00.45** Rotações



«Mau Tempo no Canal», a melhor produção portuguesa do ano, aos sábados, na TV 2

**12.00** Heidi  
**13.50** Notícias  
**14.00** Moda Roma  
**14.30** Double X  
**16.30** Notícias  
**16.40** Santa Bárbara  
**17.10** Roque Santeiro  
**18.00** Notícias  
**18.10** O Resto é Conversa  
**19.00** Praça Pública  
**19.30** Notícias  
**19.40** Renascer  
**20.45** Jornal da Noite  
**21.30** Ora Bolas, Marina (Estreia)  
**22.00** A Brincar, A Brincar  
**22.30** Cesária Évora  
**23.00** Bagdad Café  
**23.30** Amor e Guerra (Estreia)  
**00.00** Último Jornal  
**00.25** Os Donos da Bola  
**00.35** Internacional Sic  
**01.05** Superbykes: Grã-Bretanha  
**02.05** MTV

**12.00** Pinóquio  
**12.25** A Casa do Tio Carlos  
**12.55** A Amiga Olga  
**13.25** Topázio  
**14.15** Meteorologia  
**14.30** Uma Casa na Pradaria  
**15.15** Rica Saúde  
**15.35** Meteorologia  
**15.45** Fecho da Emissão  
**16.30** Lassie  
**17.00** Mr. Magoo  
**17.30** A Casa do Tio Carlos  
**18.00** Quem Sai aos Seus  
**18.30** Lágrimas  
**19.00** A Amiga Olga  
**19.30** Informação Quatro  
**20.05** A Team  
**20.55** Parker Lewis  
**21.20** Animação  
**21.40** «Abismo»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**00.00** Sirenes  
**01.05** Ponto Final  
**01.20** Quarta a Fundo (Desporto Motorizado)  
**01.50** Hunter  
**02.40** Meteorologia  
**02.45** Encontro

**Quarta, 6**

**08.00** Bom Dia  
**09.00** Rua Sésamo  
**09.30** O Treinador  
**10.00** Pela Manhã  
**12.00** Culinária  
**12.10** Bebê a Bordo  
**13.00** Jornal da Tarde  
**13.35** Vizinhos  
**14.00** Terras do Noroeste  
**14.25** O Viajante no Tempo  
**15.20** «Os Maus Encontros»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**17.05** Agora, Escolha!  
**18.30** Roda da Sorte  
**19.05** A Banqueira do Povo  
**20.00** Telejornal  
**20.35** O Dono do Mundo  
**21.40** Sozinhos em Casa  
**22.10** Vamos Jogar no Totobola  
**22.25** «Desafio Total»  
*(ver «Filmes na TV»)*  
**00.15** 24 Horas

**11.00** Infantil  
**12.00** Uma Família no Jardim Zoológico  
**12.50** Livres e Selvagens  
**13.40** As Aventuras de Robin Hood  
**14.10** Departamento S  
**15.05** Ponto por Ponto  
**16.00** O Segundo Imperativo  
**16.50** A Malta de Degrassy  
**17.30** Temas e Teimas  
**18.10** Vamp  
**19.00** Um, Dó, Lí, Tá  
**20.05** Magazine «Artes Visuais»  
**20.30** Gente de Hollywood  
**21.20** Desenhos Animados  
**21.30** Deus nos Acuda  
**22.30** TV2 Jornal  
**23.00** RTP/Financeal Times  
**23.10** Remate  
**23.20** Crimes  
**23.50** A Ponte de Brooklin

## Filmes na TV

### QUINTA, 30

#### Suprema Derrota

«Appointment With Danger» (EUA/1949). Real.: Lewis Allen. Int.: Alan Ladd, Phyllis Calvert, Paul Stewart, Jan Sterling. Cor, 90 min. *Ver Destaque.* (15.15, Canal 1)

### SEXTA, 1

#### A Máscara do Desejo

«Stolen Face» (Gr.Br./1952). Real.: Terence Fisher. Int.: Paul Henreid, Elizabeth Scott, Mary Mackenzie, Andre Morell. P/B, 70 min. *Melodrama.* (15.15, Canal 1)

#### Indiana Jones e a Grande Cruzada

«Indiana Jones and the Last Crusade» (EUA/1989). Real.: Steven Spielberg. Int.: Harrison Ford, Sean Connery, Denholm Elliott. Cor, 127 min. *Ver Destaque.* (22.05, Canal 1)

#### O Longo Caminho Para o Amor

«A Long Way Home» (EUA). Real.: Colin Nutley. Int.: Melinda Kinnaman, Kate Buffery, Alexander Goodman. Cor, 77 min. *Drama.* (23.55, Quatro)

#### A Morte de Nina Chéreau

«Mysterious Death of Nina Chéreau» (EUA/1987). Real.: Robert Halmi. Int.: Maud Adams, Scott Renterer, Alexandra Stewart. Cor, 94 min. *Telefilme.* (00.55, Canal 1)

#### Chove Sobre o Nosso Amor

«Det Regnar Pa Var Kariék» (Suécia/1946). Real.: Ingmar Bergman. Int.: Barbro Kollberg, Birger Malmsten, Gosta Cederlund. P/B, 95 min. *Ver Destaque.* (01.05, TV2)

### SÁBADO, 2

#### A Tragédia da Mina

«Kameradschaft» (Alem./Fr./1931). Real.: Georg Wilhelm Pabst. Int.: Alexander Granach, Fritz Kampers, Daniel Mendaille, Erns Busch. P/B, 82 min. *Ver Destaque.* (12.10, TV 2)

#### Roselyne e os Leões

«Roselyne et les Lions» (Fr./1988). Real.: Jean-Jacques Beineix. Int.: Gérard Sandoz, Isabelle Pasco, Gabriel Monnet, Philippe Clévenot. Cor, 129 min. *Ver Destaque.* (15.00, SIC)

#### A Louca de Chaillot

«The Madwoman of Chaillot» (Gr.Br./1969). Real.: Bryan Forbes. Int.: Katherine Hepburn, Margaret Leighton, Giulietta Massina, Yul Brynner, Charles Boyer, John Gavin, Donald Pleasence, Danny Kaye, Richard Chamberlain, Edith Evans, Paul Henreid. Cor, 130 min. *Ver Destaque.* (15.30, Canal 1)

#### Não Há Dois Sem Três

«The Goodbye Girl» (EUA/1977). Real.: Herbert Ross. Int.: Richard Dreyfuss, Marsha Mason, Quinn Cummings, Paul Benedict. Cor, 96 min. *Ver Destaque.* (20.35, Quatro)

#### Crimes e Escapadelas

«Crimes and Misdemeanors» (EUA/1989). Real.: Woody Allen. Int.: Woody Allen, Anjelica Huston, Mia Farrow, Martin Landau, Alan Alda, Claire Bloom. Cor, 104 min. *Ver Destaque.* (00.00, Quatro)

#### Orquídea Selvagem 3 - O Diário Secreto

«The Red Shoe Diary» (EUA/1992). Real.: Zalman King. Int.: David Duchovny, Brigitte Bako, Billy Wirthy. Cor, 105 min. *Ver Destaque.* (00.50, Canal 1)

#### O Baile

«Le Bal» (Fr./It./Argélia/1983). Real.: Ettore Scola. Int.: Christoph Allright, Aziz Arbia, Mard Berman, Régis Bouquet, Chantal Capron. Cor, 112 min. *Ver Destaque.* (01.30, TV 2).

### DOMINGO, 3

#### Liberace

«Liberace» (EUA/1988). Real.: Billy Hale. Int.: Andrew Robinson, John Rubinstein, Maris Valainis, Deborrah Goodrich. Cor, 100 min. *Telefilme.* (14.55, SIC)

#### Que Será dos Meus Filhos?

«Who Will Love My Children?» (EUA/1983). Real.: John Erman. Int.: Ann Margret, Frederick Forest, Cathryn Damon. Cor, 90 min. *Melodrama.* (15.10, Canal 1)

#### Já Tocou - No Hawai

«Saved by the Bell - Hawaiian Style» (EUA/1992). Real.: Don Barnhart. Int.: Mark-Palm Goselaar, Mario Lopez, Dustin Diamond. Cor, 97 min. *Comédia.* (16.30, Quatro)

#### A Menina da Rádio

(Port.). Real.: Arthur Duarte. Int.: António Silva, Maria Matos, Curado Ribeiro. P/B. *Comédia.* (20.35, Quatro)

#### Caça ao Homem

«Chasse à L' Homme» (Fr./It./1964). Real.: Édouard Molinaro. Int.: Jean-Paul Belmondo, Jean-Claude Brialy, Catherine Deneuve, Françoise D'Orléac, Micheline Presle, Claude Rich, Marie Laforêt, Marie Dubois. P/B, 88 min. *Ver Destaque.* (01.05, TV2)

### SEGUNDA, 4

#### O Homem de Negro

«Man in Black» (Gr.Br./1949). Real.: Francis Searle. Int.: Betty Ann Davies, Sheila Burrell, Sidney James, Anthony Forwood. P/B, 73 min. *Melodrama.* (15.25, Canal 1)

#### A Escolha do Amor

«Dying Young» (EUA/1991). Real.: Joel Schumacher. Int.: Julia Roberts, Campbell Scott, Vincent D'Onofrio, Colleen Dewhurst. Cor, 105 min. *Drama.* (22.05, Quatro)

#### Rocky II

«Rocky II» (EUA/1979). Real.: Sylvester Stallone. Int.: Sylvester Stallone, Talia Shire, Burt Young, Carl Weathers, Burgess Meredith. Cor, 119 min. *Ver Destaque.* (21.30, SIC)

### TERÇA, 5

#### César e Cleópatra

«Cesar and Cleopatra» (Gr.Br./1945). Real.: Gabriel Pascal. Int.: Claude Rains, Vivien Leigh, Stewart Granger, Flora Robson. Cor, 124 min. *Ver Destaque.* (14.45, Canal 1)

#### Amar-te-ei até te Matar

«I Love You to Death» (EUA/1990). Real.: Lawrence Kasdan. Int.: Kevin Kline, Tracey Ullman, William Hurt, River Phoenix. Cor, 96 min. *Ver Destaque.* (21.40, Quatro)

### QUARTA, 6

#### Os Maus Encontros

«Les Mauvaises Rencontres» (Fr./1955). Real.: Alexandre Astruc. Int.: Jean-Claude Pascal, Anouk Aimée, Michel Piccoli. P/B, 80 min. *Ver Destaque.* (15.20, Canal 1)

#### Abismo

«The Abyss» (EUA/1989). Real.: James Cameron. Int.: Ed Harris, Mary Elizabeth Mastrantonio, Michael Biehn. Cor, 140 min. *Ver Destaque.* (21.40, Quatro)

#### Desafio Total

«Total Recall» (EUA/1990). Real.: Paul Verhoeven. Int.: Arnold Schwarzenegger, Rachel Ticotin, Sharon Stone, Ronny Cox. Cor, 109 min. *Ficção científica.* (22.25, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

## — Por isto e por aquilo... —

### Suprema Derrota

(Quinta, 15.15, Canal 1)

*Suprema Derrota* é um dos tais filmes que se enquadram às mil maravilhas no ambiente clássico da *série B* - um filme realizado por Lewis Allen em finais dos anos 40 e tendo como principal protagonista Alan Ladd, esse actor (meão de altura e, em geral, de talento) que, contraditoriamente, por algumas das personagens que lhe coube representar, fez as delícias dos espectadores da época, sem deixar de ser amplamente contemplado com a compreensão da crítica. Aqui, Ladd está na pele de um agente governamental dos correios que, para investigar o assassinio de um colega, tem de fazer de guarda-costas de uma freira que é a única testemunha do crime.

### Indiana Jones e a Grande Cruzada

(Sexta, 22.05, Canal 1)

Para além da festejada «respiração de cinema» que Spielberg empresta à maioria dos seus filmes - mas, de certo modo, em menor grau do que acontecia com os dois primeiros «episódios» de *Indiana Jones*, que o Canal 1 recordou na semana passada - falta, a esta terceira e última parte da *saga*, a especial e desmesurada atmosfera de encantamento e mistério próprios destes *pastiches* das aventuras em série. A curiosidade suplementar vai, assim, para a excelente presença de Sean Connery, no papel de destemido pai (e rival!) do jovem arqueólogo, que constitui mais um motivo de interesse deste filme, também ele destinado - através da espectacular eficácia que é timbre destas produções - a fazer-nos passar alguns agradáveis e divertidos momentos de entretenimento.

### Chove Sobre o Nosso Amor

(Sexta, 01.05, TV2)

Primeiro exemplar de um ciclo notável dedicado a Ingmar Bergman, que a TV2, em boa hora, hoje inicia - e que nos vai permitir recordar ou ver pela primeira vez, durante cinco meses, cerca de vinte e cinco obras, algumas delas fundamentais, da filmografia do célebre realizador sueco - *Chove Sobre o Nosso Amor* é a sua segunda longa-metragem, data de 1946 e conta-nos a história de um casal em conflito com o puritanismo da sociedade. Um melodrama ainda extremamente influenciado pelo *realismo poético* de um Jacques Prévert ou de um Marcel Carné e que se diz ser, seguramente, das obras menores da sua carreira - como que a provar que a genialidade não nasce espontânea, antes tem de ser trabalhada e moldada, mesmo quando existe à partida o talento que permite o seu desabrochar. Enfim, um acontecimento televisivo, uma iniciativa de grande alcance cultural - esta, finalmente bem própria de um *serviço público de televisão* - embora não possa deixar de lamentar-se que (transformada prioritariamente a TV2 numa espécie de *Eurosport* lusitano) tantos momentos únicos de cinema acabem por ser relegados para um período entre a uma e as duas e trinta da manhã!

### A Tragédia da Mina

(Sábado, 12.10, TV2)

Igualmente cineasta entre os maiores em toda a História do Cinema, Georg Wilhelm Pabst tem tido ainda menos divulgação no pequeno *écran* do que o próprio Bergman (bastando recordar que a exibição na RTP de *A Boceta de Pandora*, um dos raros filmes que as nossas televisões mostraram do grande realizador austríaco, data já de há um ano). Diga-se, de passagem, que esta omissão vem na linha do esquecimento geral a que Pabst foi votado depois da II Guerra Mundial, ao qual não terá sido alheia a sua polémica e contestada permanência na Alemanha durante o consulado nazi, tendo apenas recentemente sido redescobertas algumas das suas obras-primas, como a citada *Pandora* ou *A Ópera dos Três Vinténs*, esta adaptada da peça de Brecht. É, assim, de assinalar, também na TV2, a transmissão de *A Tragédia da Mina*, um filme que pode inserir-se na corrente do *idealismo humanitário* do grande cinema germânico. Inspirado numa tragédia real, ocorrida no princípio do século, Pabst encena com grande contenção e sobriedade a história de um grupo de mineiros alemães que vão socorrer os seus camaradas de profissão do lado francês da fronteira, vítimas de um terrível desastre numa mina - no que foi, à época, entendido como uma mensagem de paz e fraternidade lançada pelo realizador aos dois povos, quando se adivinhavam tempos conturbados. Um filme com a particularidade de ter sido rodado nas duas línguas das personagens em presença e sem qualquer inclusão de música na banda sonora.

### Roselyne e os Leões

(Sábado, 15.00, SIC)

Realizador francês, de carreira extremamente parca e irregular (indo, ainda, aos quarenta e sete anos de idade, na rodagem do seu quinto e desastrado filme), Jean-Jacques Beineix, conforme assinala a crítica francesa, independentemente do seu natural talento para o cinema, cai invariavelmente na pecha de parecer não saber como dar a volta aos seus fil-



Harrison Ford e Sean Connery, arqueólogos e aventureiros (filho e pai), no último episódio de «Indiana Jones»

mes, normalmente desperdiçando excelentes ideias (e avultados meios) que poderiam dar outras tantas excelentes obras. Segundo rezam as referências, parece ser mais uma vez esse o caso de *Roselyne e os Leões* - desta vez partindo da interessante história de um par de jovens adolescentes que, para provarem ser diferentes dos outros, enveredam pela fascinante e perigosa vida de um grande circo - não conseguindo o realizador ter o golpe de génio para materializar o inesgotável imaginário do «maior espectáculo do Mundo».

### A Louca de Chaillot

(Sábado, 15.30, Canal 1)

Veja-se a incomensurável lista de estimáveis vedetas que povoam o genérico do filme - e logo se terá a ideia de que estamos perante uma superprodução que, como geralmente acontece, sofre das manias da grandeza para agradar ao público, sem que daí advenham apreciáveis vantagens para a sétima arte. É o que acontece, mais uma vez, com esta adaptação da célebre peça homónima de Jean Giraudoux, embora seja de salientar a excelente Katherine Hepburn no papel de uma excêntrica condessa que faz abortar um projecto de transformar Paris num imenso campo de extracção de petróleo... É caso para dizer que esta *matinée* de sábado se apresenta algo frustrante em matéria de filmes na TV.

### Não Há Dois Sem Três

(Sábado, 20.35, Quatro)

Justificando amplamente o Oscar que arrebatou com a sua interpretação, Richard Dreyfuss é simplesmente admirável na sua problemática relação com Marsha Mason, à volta com uma história em que dois arrendatários de um apartamento de Nova Iorque se envolvem em confusões e peripécias. Uma comédia teatral típica da Broadway, ao jeito da escrita de Neil Simon e brilhantemente transposta para o cinema por Herbert Ross.

### Crimes e Escapadelas (00.00, Quatro)

Sabendo, como poucos, dar corpo às suas figuras e estabelecendo uma muito sensível mescla entre a tragicomédia das situações e a inteligência na sua abordagem, Woody Allen comprovava, com este seu último filme da década de 80 - um período que viu nascer algumas das suas obras-primas, como *Manhattan*, *Ana e as suas Irmãs*, *A Rosa Púrpura do Cairo* ou *Annie Hall* -, ter-se definitivamente afirmado como o mais importante realizador norte-americano dos últimos tempos. *Crimes e Escapadelas* é uma comédia negra que se debruça sobre o complexo universo de mais um punhado de personagens complexas (interpretadas por actores e atrizes de primeira água) que constituem o retrato de corpo inteiro de uma sociedade subjugada aos valores da voracidade e da avidez com que a ideologia dominante moldou os anos 80 e continua a moldar os anos 90. O espectáculo da inteligência, a não perder!

### Orquídea Selvagem 3 - O Diário Secreto (Sábado, 00.50, Canal 1)

Este naco de prosa acerca de um «grande espectáculo da sedução, da sensualidade e do sexo» diz tudo acerca da cres-



Marsha Mason e Richard Dreyfuss, em «Não Há Dois sem Três», de Herbert Ross



Dois fotografamas de «Crimes e Escapadelas», de Woody Allen



**Os Maus Encontros** (Quarta, 15.20, Canal 1)

«Crítico o excesso e a superabundância dos movimentos da câmara, os enquadramentos demasiado rebuscados, os bonitinhos. Há, em tudo isto, qualquer coisa de envelhecido e de pueril.» Foi, assim, em jeito de autocrítica, que o próprio Alexandre Astruc deu conta à revista *Cinéma 62* da sua decepção perante o resultado final de *Maus Encontros*, um filme falhado que realizou em 1955 tendo como pano de fundo a história de uma jovem jornalista que vagueia, desorientada, por entre uma série de maus encontros, e que, para além das próprias reservas do seu autor, padece da narrativa excessivamente literária contada em voz off.

**Abismo**

(Quarta, 21.40, Quatro)

Com as noites das quartas-feiras cada vez mais entregues ao cinema-espectáculo, parece que algo se modifica, a partir desta semana, no panorama televisivo. Face à aparente e crescente incapacidade da SIC para sustentar com regularidade uma programação cinematográfica de nível aceitável, eis que surge a *Quatro* a discutir palmo-a-palmo com o *Canal 1* a primazia neste domínio, o que pode acarretar consequências imprevisíveis. Só assim se pode compreender a verdadeira jogada de ataque que representa a passagem (definitiva?) do espaço *Cinema 4* para este dia, arrancando com a transmissão de *Abismo*, uma espectacular aventura submarina realizada por James Cameron com avultados meios e inegável poder atractivo - a competir, com início trinta minutos antes, face a *Schwarzenegger!* Como sistematicamente tem acontecido, o resultado da refrega poderá ser desastroso para o espectador. Mas a paulatina e inteligente estratégia da *Quatro*, pelo menos neste domínio, pode ser um trunfo (se houver filmes de substância em carteira, o que se duvida) e alimenta algumas vãs esperanças de que a compita se estabeleça no terreno da qualidade. A confirmar.

**Cinema**

	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b> Aqui na Terra	★★★	-	★★
<b>B</b> O Último Grande Herói	★★★	-	★★★
<b>C</b> Sonho da Luz	-	★★★★	-

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. João Botelho — Nimas (14.00, 16.30, 19.15, 22.00) — Lisboa.
- B — Real. John McTiernan — Amoreiras/10 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00), Cine 222 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00) — Lisboa.
- C — Real. Victor Erice — King Triplex/2 (14.00, 16.30, 19.15, 21.45) — Lisboa.

**Teatro**

**TEATRO ABERTO**

Lisboa, Pç. de Espanha. Tel. 770996. De 2ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **TOP GIRLS**, de Caryl Churchill, encenação de Fernanda Lapa.

**TEATRO CORNUCÓPIA**

Lisboa, Rua Ten. Raul Cascais, 1-A. Tel. 3961515. De 3ª a sáb. às 22.00, dom. 17.00. **DESASTRES**, textos de Beckett, Ionesco e Philip K. Dick, encenação de Miguel Guilherme.

**TEATRO MIRITA CASIMIRO**

Estoril, Av. Fausto de Figueiredo. Tel. 4670320. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. **OS BIOMBOS**, de Genet, encenação de Carlos Avilez, pelo Teatro Experimental de Cascais.

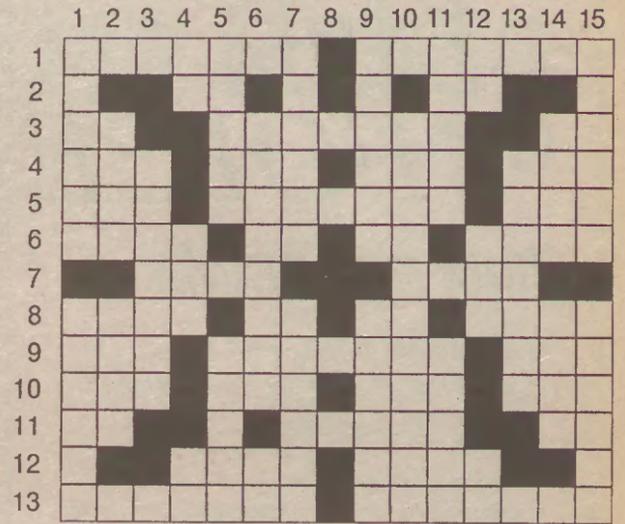
**TEATRO MUNICIPAL S. LUIZ**

Lisboa, R. António Maria Cardoso. Tel. 3471279. 6ª, sáb e 2ª às 21.45, dom. às 16.45. **A ESPERA DE GODOT**, de Samuel Beckett, encenação de Mário Viegas.

**Tempo**

Prevêem-se boas abertas, diminuição dos aguaceiros e da nebulosidade. Vento fraco.

**PALAVRAS CRUZADAS**



**HORIZONTAIS:** 1 — Prevenira; determinam o valor. 2 — Érbio (s.q.); letra grega. 3 — Comparecer; instrumento musical, de sopra; atmosfera. 4 — Animação (fig.); nocivas; ribeira portuguesa; adora. 5 — Remoinho de água (prov.); limpava as mucosidades do nariz; oceano. 6 — Agulha de pinheiro; basta; Samário (s.q.); cheia. 7 — Consenti; juntar. 8 — Lugar onde se secam os cereais; Gálio (s.q.); pref. de para cima; medida de uma superfície. 9 — Maior; prova de velocidade; nome de homem. 10 — Nome de mulher; empunhei; grande quantidade; grande extensão de água salgada. 11 — Laço apertado; atilho; isolado. 12 — Murro; refresco em que entra água, açúcar, bicarbonato de sódio e ácido tartárico. 13 — Ramalhudas; produto que se extrai do ásaro.

**VERTICAIS:** 1 — Aliados; nascer. 2 — Apoquentia (fig.); elemento químico usado para fazer tintura. 3 — Vestimenta rústica. 4 — Igreja episcopal; nome de mulher; abrev. de senhor (pop.). 5 — Fragrância; insensibilidades produzidas pelo hábito (fig.). 6 — Punições; aqui. 7 — Converte em massa; grainhas secas. 9 — Amacias; elegante. 10 — Da Normandia; Ósmio (s.q.). 11 — Ave trepadora; estéril. 12 — Espécie de escumilha; braço de rio; aparência. 13 — Atam. 14 — Patroas; épocas. 15 — Residira; peixe seláquio da fam. dos raiídeos.

**SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR**

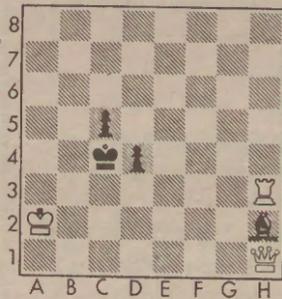
**HORIZONTAIS:** 1 — Romaria; canetas. 2 — Árida; aroma. 3 — Ima; ira. 4 — És; assaram; lê. 5 — Tal; ora. sic. 6 — Alia; al; si; casa. 7 — Mora; aval. 8 — Eras; ri; AM; lama. 9 — Mês; pás; sor. 10 — II; prémios; ro. 11 — Pão; rás. 12 — Dores; marés. 13 — Mirrara; imorais.

**VERTICAIS:** 1 — Roleta; emitem. 2 — Sal; rei. 3 — Má; limas; dr. 4 — Ari; aos; pôr. 5 — Rimas; apara. 6 — Idas; Aar; roer. 7 — Aa; sol; ipê; Sá. 8 — Par; amo. 9 — Cã; rás; asi; mi. 10 — Ária; iam; oram. 11 — Norma; ásaro. 12 — Ema; cal; ser. 13 — Tá; salas; sã. 14 — Lis; mor. 15 — Soneca; arolas.

**XADREZ**

CDXXX — 30 de Setembro de 1993  
PROPOSIÇÃO N.º 1993X077  
Por: JAN DOBRUSKY (\*)  
Zlata Praha, 1888

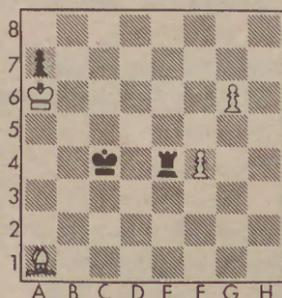
Pr.: [4]: Ps. c5, d4 - Bh2 - Rç4  
Br.: [3]: Th3 - Dh1 - Ra2



Mate em 3 lances

PROPOSIÇÃO N.º 1993X078  
Por: HERMANN MATTISON  
Schachmatny Listok, 1928

Pr.: [3]: Pa7 - Tè4 - Rç4  
Br.: [4]: Ps. f4, g6 - Ba1 - Ra6



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CDXXX

N.º 1993X077 [J. D.]: 1. Tb3!, Bg3; 2. Dg2, B-; 3. Dg8++  
Se: 2. .... d3; 3. Dè4++  
Se: 1. .... Bf4; 2. Df3  
Se: 1. .... Bè5; 2. Dè4  
Se: 1. .... Bè6/Bç7Bb8; 2. Dç6/Dè7/Da8...

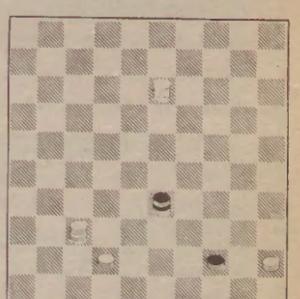
N.º 1993DX78 [H. M.]: 1. Bè5; Tè1 2. g7, Tg1; 3. Bf6, Tg6; 4. Rb7, Rd5; 5. f5, Tg1; 6. Rç8, Rè4; 7. Bg5!, T: b5; 8. f6 e ganham.

(\*) Pela mesma altura W. A. SHINKMANN, num jornal canadiano, publicava o mesmo problema! [Bem longe de Praga!]

**DAMAS**

CDXXX — 30 de Setembro de 1993  
PROPOSIÇÃO N.º 1993D077  
Por: LOUIS DALMAN  
Combat dans l'arène, 1976

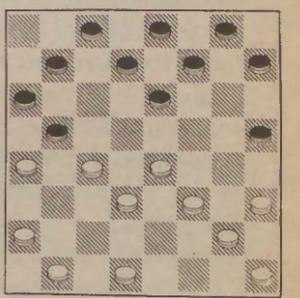
Pr.: [2]: (33)-44  
Br.: [4]: (13)-(37)-42-45



Branças jogam e ganham

PROPOSIÇÃO N.º 1993D078  
GOLPE N.º 38/93  
Por: JORGE FERREIRA  
- Scutbal, Outubro 1985

1. 12-15, 21-17; 2. 7-12, 23-19; 3. 10-14, 19-10; 4. 5-14, 28-23; 5. 6-10, 32-28; 6. 2-5, 23-20; 7. 12-16 DIAGRAMA



Pretas jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CDXXX

N.º 1993D077 [L. D.]: 1. 37-10, (33X47); 2. 45-40, (44X35); 3. 10-15! +  
Se: 3. .... (47-36); 4. 15-4 +  
Se: 3. .... (47-41); 4. 13-30 +  
Se: 3. .... (35-40); 4. 13-24 +

N.º 1993D078 [J. F.]: 7. .... 17-13; 8. 16-32=D, 13-6; 9. 3-10, 2+-23; 10. 32-19, 24-20; 11. f5:24, 22:6 +

A. de M. M.

A. de M. M.

# a talhe de FOICE

## Deus nos acuda

Ah! O que seria de nós se não houvesse televisão?! Já imaginaram? As manhãs, as tardes e as noites, sobretudo as noites, inteirinhas, sem aquela caixa que mudou o mundo e nos trouxe para dentro de casa jetes-setes de todos os quadrantes, ministros, artistas, presidentes, reis e rainhas, príncipes e princesas, paixões assolapadas, crimes de arrepiar, animais em vias de extinção, viagens ao futuro e ao passado, bombistas, pacifistas, ecologistas, fascistas, socialistas, vigaristas, séries, filmes, mini-séries, minifilmes, telenovelas, montanhas delas, concursos, pipas de concursos, debates de perder o sono e debates de adormecer, notícias, anúncios, telefones maldisfaçadamente eróticos, desporto e sei lá que mais.

Seria de morrer de tédio. Que o diga a minha amiga ti Benta que desde que o marido se finou - descanse em paz, como se apressa a dizer espreitando por cima do ombro, não vá o finado lembrar-se de voltar para lhe atazanar a vida em intermináveis discussões sobre a escolha dos canais - anda numa roda-viva para não perder pitada da programação. Nos últimos tempos, o frenesim é tanto que mais parece uma executiva de sucesso com a agenda toda preenchida e um calo a crescer-lhe no dedo de tanto mudar de canal. Agora, para a ver, só mesmo com hora marcada e mesmo assim rapidinho, que os olhos não se lhe desgrudam do relógio não vá perder a telenovela das seis, o concurso das sete, o debate das nove, o filme das dez, o noticiário das onze, a série das quatro, a telenovela das duas, o concurso das onze. Ainda estou para saber como encontrou tempo para a visita que me fez outro dia, excitadíssima, para me contar as últimas maravilhas das novas grelhas. Displícidente, saltou por cima das notícias e das politiquices, "mais golpe menos golpe quem é que se rala com isso, filha, hoje é reforma para aqui, reforma para ali, matam uns, atacam outros, este é bom e aquilo é mau, quem quiser que se entenda". Conversa fiada para esconder a verdade verdadinha, que é ter trocado as minhas opiniões pelas do Pacheco Pereira, "aquele homem sabe tudo, filha, vê tudo, lê tudo, escreve tudo, está sempre a ensinar à gente como é que se deve pensar, falar, opor, criticar, é melhor que a enciclopédia e o bordo d'água". A excitação vinha-lhe dos novos programas da RTP, a televisão do Herman, do Zé, do Manel, da Manela. Ah, da Manela! Pois eu não tinha visto a trovoadas? Raios e coriscos em versão caseira, currais, perucas, óculos escuros, prisões, barretes e cantorias de João Jardim, "um primor, filha, um primor, não me ria tanto desde que o finado Matias saltou da janela da menina Arminda, de calças na mão, a fugir da velha Anastácia, coitada, que por sinal era cega". Pelo que consegui apurar do relato entrecortado de sufocados risos, o programa foi de ir às lágrimas, mas a ti Benta não se comoveu - "chorar, eu? só se for de riso, menina, que tristezas não pagam dívidas e os palhaços servem para isso mesmo". E lá se foi, ala que se faz tarde, mesmo a tempo da telenovela da dois, Deus nos acuda.

■ AF

## Ano Europeu das Pessoas Idosas em tempo de crise

Por iniciativa do Parlamento Europeu, o ano de 1993 foi declarado «Ano Europeu das Pessoas Idosas e da Solidariedade entre Gerações».

A Comissão da CE apresentou um programa o qual foi alterado pelo PE e incluiu no orçamento comunitário verbas para esse fim entre as quais 500 000 ECUS (1 ECU, ± 196\$00) para organizar um «Parlamento Europeu dos Seniores» que terá lugar no Luxemburgo entre 22 e 24 de Novembro.

A razão desta iniciativa justifica-se pelo facto de a

população dos países comunitários se encontrar num processo de envelhecimento e os problemas com a terceira idade aumentarem e agravarem-se, o que torna oportuno um profundo debate sobre o assunto com a consciencialização de que as carências sofridas pelas pessoas idosas necessitam de respostas sérias e efectivas para a situação de marginalidade e de discriminação social em que tantas vezes se encontram.

Entretanto, a crise que atravessa os países comunitários fez diminuir o interes-



MURPI e CGTP num encontro, em Estrasburgo, com o deputado comunista Sérgio Ribeiro

se por parte de muitos governos nas iniciativas programadas ou simplesmente ignoraram-se ou evitaram realizá-las ou nelas se empenharam. Ao contrário, assistimos durante este ano a uma grande e geral ofensiva contra os direitos sociais adquiridos sob o pretexto da crise económica, contribuindo para tal os critérios de convergência de Maastricht que não estando em vigor servem no entanto para impor ajustamentos estruturais que reduzem as despesas públicas com graves consequências ao nível da saúde, da segurança social e do alojamento, questões essenciais para os reformados e as pessoas idosas.

O desemprego galopante tem atirado compulsivamente para a reforma antecipada milhões de trabalhadores agravando ainda mais a situação.

Para discutir tudo isto e preparar a participação dos representantes do Grupo Coligação de Esquerda no Parlamento dos Seniores foram convidados e estiveram presentes em Estrasburgo representantes de organizações sociais e sindicais de vários países, entre os quais Manuel Gomes, Presidente do MURPI; Manuel Gonçalves, do Secretariado e da Direcção da Inter-Reformados, e Maria Isabel Marques, da Comissão dos Aposentados da Função Pública que serão os deputados seniores

portugueses do Grupo CE no Parlamento dos Seniores, e ainda Maria do Carmo Tavares, da CGTP; Manuel Ramos, do Sindicato da Função Pública, e Jaime Félix, do CC do PCP.

O debate fez evidenciar que se hoje a esperança de vida é maior tal facto terá de ser considerado pela sociedade como um progresso humano e uma conquista histórica, política e social do Homem, portanto um seu direito pelo qual não pode ser penalizado como se poderá deduzir das afirmações hoje frequentes que atribuem ao «envelhecimento» da população parte da responsabilidade pela crise e pelas dificuldades dos sistemas de segurança social. Os direitos sociais adquiridos não foram uma dádiva mas fruto de uma longa luta política e social de gerações e gerações de trabalhadores e é neste sentido que têm de ser considerados e defendidos.

O Grupo CE acordou apresentar ao Parlamento dos Seniores uma proposta de resolução contendo, entre os pontos e, para impedir que este acontecimento não se torne em simples propaganda mediática sem resultados práticos, proporá também que o Parlamento dos Seniores possa continuar a existir e a reunir com regularidade a fim de acompanhar a política comunitária para os idosos e reformado.

## Nota do Gabinete de Imprensa do PCP O corte de verbas das autarquias no Orçamento de Estado de 1994

O anúncio, por parte do Governo, em reunião com a Associação Nacional de Municípios Portugueses, de que o Fundo de Equilíbrio Financeiro a transferir para os municípios não terá qualquer crescimento em 1994 corresponde à perspectiva de um acentuado corte de verbas em termos reais, tendo em conta a taxa de inflação previsível.

Este intolerável corte de verbas segue-se ao incumprimento da Lei de Finanças Locais em 1992 e 1993, prejudicando as autarquias em, respectivamente, 53 e 62 milhões de contos. Esta medida terá inevitáveis consequências no volume de obras públicas e de emprego, afectará o desenvolvimento local e numerosas actividades culturais e desportivas e terá repercussões negativas nas condições de vida do conjunto das populações. Não poderá deixar de afectar igualmente a capacidade de as autarquias apresentarem candidaturas a fundos comunitários, com prejuízos para o País no seu conjunto.

O PCP manifesta desde já a sua solidariedade e apoio a todas as medidas de protesto e luta que vierem a ser decididas pelas autarquias locais, em particular pela Associação Nacional de Municípios Portugueses e pela Associação Nacional de Freguesias. Tomará, por outro lado, as posições adequadas, no plano da actividade parlamentar e fora da Assembleia da República, no sentido de combater estas medidas.

Finalmente, este gravoso corte de verbas não poderá deixar de ser tido em conta no processo eleitoral em curso e nas opções de voto como mais um elemento essencial de avaliação pelas populações e opinião pública da real postura centralista e autoritária do PSD e da sua persistente hostilização do Poder Local, afectando negativamente os seus meios e possibilidades de actuação.

## MANDELA Em Lisboa



Nelson Mandela vai estar em Lisboa, na próxima terça-feira, para participar num encontro com a população que decorrerá na Aula Magna. A iniciativa inclui um espectáculo musical.

## Romagem ao Escoural

No passado domingo, realizou-se uma concentração seguida de romagem ao Cemitério do Escoural, na qual participaram dezenas de pessoas.

Usaram da palavra o camarada Serra, da Comissão de Freguesia do Escoural do PCP, que estava acompanhado por familiares do jovem Casquinha e do Caravela, assassinados em Val Nobre.

Participou ainda o camarada Diamantino Dias, membro do Comité Central do PCP, que interveio, fazendo alusão à data e à situação social no Alentejo e suas consequências para o povo da região, salientando ainda a importância da luta contra esta política. Abordou de seguida as eleições autárquicas, a necessidade de uma forte votação na CDU, que será o fruto do trabalho, honestidade e competência dos homens e mulheres que têm participado e vão participar nas listas da CDU. Foi ainda referida a campanha de calúnias que alguma imprensa tem vindo a desenvolver sobre o cabeça de lista à Câmara Municipal, Dr. Carlos Pinto de Sá. Após as intervenções, os presentes deslocaram-se ao cemitério local onde foi deposta uma coroa de flores em cada uma das campas.